

Denis Cruz

Além da Magia



A história do garoto que queria ser bruxo

Além da Magia

A história do garoto que queria ser bruxo

Denis Cruz

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Apresentação

Pedro ficou supercurioso quando Tiago começou a frequentar sua escola. Qual era a verdadeira identidade daquele garoto? O que havia no livro de capa preta que ele carregava na mochila? Por que ele comia coisas estranhas na hora do intervalo? Será que Tiago era o que Pedro estava pensando?

A aproximação entre os dois garotos fez com que a vida de Pedro passasse por uma transformação radical. Ele não apenas obteve as respostas para suas dúvidas, mas percebeu que havia muito mais mistérios a ser revelados na vida real do que nas páginas de seus livros de ficção.

Leia este livro e desvende você também a história do garoto que queria ser bruxo.

Denis Cruz é graduado em Direito e trabalha na Promotoria de Justiça de Mundo Novo, MS. É casado e tem dois filhos pequenos.



Direitos de publicação reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.2
2013

Editoração: Neila D. Oliveira e Ozeas C. Moura
Design Developer: Fernando Lima
Capa: André Rodrigues
Ilustração da Capa: Thiago Lobo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cruz, Denis
Além da magia [livro eletrônico] : a história
do garoto que queria ser bruxo / Denis Cruz. –
1. ed. – Tatuí, SP : Casa Publicadora
Brasileira, 2013.
3,7 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-345-2021-8

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

12-01243

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

12404/25722

Dedicatória

Dedico esta obra a Deus, provedor das grandes coincidências que levaram à publicação desta história.

À minha esposa Elisa, e a meus filhos Livia e Kael, ouvintes das histórias que conto.

Aos amigos Felipe de Oliveira e Marcelo Carvalho, que acompanharam o nascimento de cada capítulo.

E, finalmente, a Marlene Ribeiro e Michelson Borges, eles sem os quais a referida cadeia de coincidências divinas não teria acontecido.

Prefácio

Quando recebi o original do livro *Além da Magia: A História do Garoto que Queria Ser Bruxo*, confesso que fui tomado por um misto de estranheza, curiosidade e ceticismo. A estranheza e a curiosidade me foram causadas pelo título. E o ceticismo se originou da constatação de que o livro se tratava de um romance, e eu sei o quanto é difícil trabalhar com esse gênero literário; como é fácil descambar para o texto piegas, com personagens mal estruturados ou até mesmo inverossímeis. Mas, como todo “bom cético” deve fazer, procurei manter a mente aberta e passei a ler o material com atenção. Não deu outra. Fui fisgado! Cada palavra, cada frase e cada parágrafo convidavam à leitura do que vinha adiante. Era literatura mesmo. E das boas!

O livro agrada a todos os públicos e, para provar isso, comecei a lê-lo para minha esposa e minha filha mais velha, na época com cinco anos. Elas também não queriam interromper a leitura. De cético, passei a crente – crente de que a obra do Denis Cruz traria grande benefício aos leitores.

Eu não conhecia o Denis e quem nos colocou em contato foi uma amiga comum, a professora Marlene. Com o tempo, depois de muitos e-mails trocados, fiquei sabendo que o Denis nasceu em setembro de 1977 e conheceu Jesus no Instituto Adventista Paranaense, em 1992, tendo sido batizado em 1993. Formado em Direito, ele é oficial da Secretaria da Promotoria de Justiça do município de Mundo Novo, MS. Casado, pai de dois filhos, anda preocupado em como estará o mundo quando seus pequenos chegarem à tumultuada fase da adolescência.

Denis é um contador de histórias e um criador de personagens nato. “Sempre tive vontade de escrever algo para o público cristão, embora meus ‘traços’, por influência da mídia a que eu tinha acesso, eram mais voltados à fantasia e ao humor.” Graças a Deus, esse talento foi redirecionado. E foi brincando com os filhos que ele percebeu que também era capaz de criar histórias envolventes e personagens interessantes baseados na Bíblia ou com lições extraídas dela.

Além da Magia surgiu justamente quando o autor buscava entender mais a mecânica da escrita para o público juvenil. Por curiosidade, leu Harry Potter e

chegou a uma conclusão: “É fascinante.” E esse fascínio o fez tremer.

Harry Potter e outros livros do gênero são fantasias escritas para crianças e jovens que os leem como se fossem realidade. Denis pensou novamente em seus filhos e em pais e professores incautos, que oferecem qualquer tipo de leitura às suas crianças, contentes por, pelo menos, elas estarem lendo. “A verdade é que a mente juvenil ficará fascinada pelo universo fantasioso apresentado nos livros”, diz Denis. “Então, em oração, pensei num personagem fascinado por esse universo e como ele encontraria o caminho certo.”

O resultado dessa oração e desse bom exercício imaginativo está em suas mãos. Um livro cujo objetivo – além do alerta – é falar sobre família, união, fé, perseverança, fidelidade, esperança, preconceitos e coragem para enfrentar o mundo.

Michelson Borges



O brilho das primeiras horas do dia lançou um fino raio de luz pela pequena fresta da cortina. O sol iluminou a face dormente de Pedro, que torceu o nariz enquanto seu rosto era levemente aquecido. Espreguiçou, esticando o magro corpo de 14 anos e bocejou demoradamente.

Sentou-se na cama e levantou-se num pulo, como que expulsando toda a preguiça, e correu até o banheiro.

Pedro abriu a torneira da pia, lavou bem o rosto e molhou os cabelos negros e fartos que cobriam a orelha e caíam, quase tapando os olhos.

Os dentes foram bem escovados e o cabelo enxugado até ficar totalmente seco.

– Bom dia, moleque – disse para si mesmo, olhando-se no espelho. Desgrenhou ainda mais o cabelo, espalhando-o pelo couro cabeludo, derrubando as mechas negras sobre os olhos e orelhas.

Pegou seus óculos na pia; não que ele precisasse, mas insistiu que seus pais comprassem um de aros redondos, assim que o oftalmologista constatou 0,25 grau de miopia no olho esquerdo. Sorriu contente para o espelho, pois estava parecido com um de seus personagens preferidos dos livros que estava lendo.

Saindo do banheiro, voltou para o quarto e abriu a cortina, deixando a claridade inundar cada centímetro de seu aposento. Lá fora um dia de céu azul se descortinava convidativo.

O garoto pegou um livro no criado ao lado de sua cama e o colocou

carinhosamente enfileirado junto a outros livros da estante rente ao seu computador. Ali estavam várias obras perfeitamente organizadas ao lado de pilhas e mais pilhas de gibis de super-heróis, todos guardados dentro de pequenos sacos plásticos, colados com fitas adesivas.

A leitura era uma obsessão para Pedro. Adorava histórias de aventura, magia e fantasia. Mais que adorar, ele acreditava piamente em praticamente tudo o que lia a respeito. Era fã de carteirinha de Tolkien, Paolini, Isaac Asimov, Rowling, Lewis, King e diversos outros autores desse gênero.

As paredes de seu quarto eram forradas com pôsteres emoldurados de seus heróis preferidos, incluindo gibis e sagas adaptadas para o cinema.

Com a mochila da escola nas costas, Pedro foi até a cozinha. Sentou-se enquanto Cida, a funcionária da casa, colocava um suco de laranja à sua frente. Passou manteiga no pão francês:

– Bom dia, Cida – disse com seu jeito animado de sempre.

– Bom dia, Pedrinho – respondeu a mulher de cabelos pretos presos em um coque, colocando sobre a mesa um livro envolto em um laço vermelho. – Seu pai deixou isto pra você.

– Uau! – exclamou Pedro, cuspidando farelo de pão na mesa e puxando o livro para si. – Meu pai se lembrou, Cidão... Ele se lembrou.

– E nem pense em colocar esse livro na bolsa, Pedrinho – interceptou Cida, já tomando o presente de volta. Ela o colocou sobre a geladeira. – Ele vai esperar aqui em cima até você retornar da escola.

– Ah, não – reclamou Pedro, limpando a manteiga da boca. – Por favor, Cida, me deixe levá-lo? Por favor?

– Não – respondeu ela de forma direta. – Seu pai tem a liberdade de dar a você o que bem entender. Mas sou eu quem controla seus horários. São ordens da sua mãe.

Pedro pensou em argumentar. Chegou a abrir a boca para tentar jogar uma boa lábia na governanta, mas lembrou-se de que não adiantaria nada. Cida sabia – e aplicava – muito bem as regras do Sr. Douglas e da Sra. Isabel.

Seu pai era advogado; a mãe, dentista. Tinham sempre a agenda lotada, mas a constante ocupação com o trabalho dava uma ótima condição financeira à família. O Sr. Douglas e a Sra. Isabel monitoravam, à distância, o dia do único filho e Cida tinha a liberdade e autoridade para controlar cada passo do garoto.

– Pra escola, ou você vai se atrasar – sentenciou a funcionária.

Virando em um único gole o que sobrou do suco de laranja, Pedro se despediu, atravessando a sala, a porta de saída, e finalmente alcançando o portão de ferro.

Andou duas quadras e meia do seu bairro e parou em frente a uma casa de cor azul escura.

– Ana! – gritou por cima da grade. – Corra, ou vamos nos atrasar.

Uma garota de cabelos castanhos bem claros, quase loiros, saiu pela porta dizendo “tchau” para alguém de dentro da casa. Deu um bonito sorriso para Pedro:

– Bom dia!

– Bom dia, Ana! Tem migalha de pão perto da sua boca.

– Ah, obrigada. – E tirou o farelo da bochecha branca, salpicada com sardas.

– Ganhei um livro novo.

– Sério? O lançamento que você queria? – perguntou animada. – Não acredito. Posso ver?

– A Cida não me deixou trazer – disse Pedro num tom melancólico e sorriu em seguida. – Ela deve ter lido meus pensamentos. Eu não prestaria atenção em um único segundo das aulas de hoje.

Andaram mais meia quadra em direção à Escola Aldo Coelho de Pádua – ACP – e Ana olhou para os lados, diminuiu a voz e perguntou com ar de mistério:

– Descobriu alguma coisa?

– Nada de relevante. Passei a noite pesquisando na internet. Só encontrei porcaria.

– Você tem certeza de que...

– Tenho. Certeza absoluta. Eles existem – disse com o semblante mais que sério. – Eu vou encontrá-los.

Cessaram o assunto e entraram numa rua larga com movimento de carros, ônibus e pessoas. Todas se dirigiam para um grande portão de grades de ferro. Estavam chegando na Escola ACP, um tradicional colégio particular da cidade onde moravam.

Fazia apenas duas semanas que as aulas haviam começado e a garotada parecia ainda estar em ritmo de férias. Os alunos entravam pelo portão com seus uniformes marrom escuro, passando pelo Sr. Jonas, o porteiro mal-encarado, cabelos brancos raleados e muitas rugas na testa.

Passaram pela entrada, atravessando o corredor que dava acesso à recepção, tesouraria, salas dos professores e administração. Rodeados por muitos alunos, atravessaram o grande pátio central e rumaram para o prédio da esquerda, subindo a escadaria do primeiro andar até alcançarem a sala do 1º ano B.

Ana e Pedro se espremeram por entre os demais colegas e sentaram-se no lugar de sempre: duas cadeiras no fundo esquerdo da sala, de onde tinham uma ampla visão dos outros quase 50 alunos da série.

– Aluno novo – disse Ana, com voz baixa e apontando com o olho para sua direita.

Ali, na cadeira quase ao lado, bem ao fundo, estava um garoto de corpo espichado, magro, cabelos pretos espetados. Seus olhos negros estavam enfiados na apostila da escola, lendo as aulas anteriores de matemática.

– Puxa conversa com ele – disse a menina, ainda num cochicho. Mas quando Pedro ia abrir a boca para falar alguma coisa, foi interrompido.

– Bom dia a todos! – a voz forte da professora Beatriz soou pela sala, recebendo de volta a resposta de todos os alunos. – Sentem-se. Chamada!

Ela chamou cada um dos nomes até chegar ao fim da lista.

– Professora – disse o garoto ao lado de Pedro –, meu nome ainda não está na lista.

– Aluno novo?

O menino lá no fundo apenas assentiu com a cabeça em resposta.

– Qual é seu nome?

– Tiago Dantas.

– Certo. Nome acrescentado. – A professora se levantou com dois pincéis atômicos nas mãos, um vermelho, outro azul. – Abram suas apostilas no capítulo cinco e vamos à nossa aula de Biologia.

As duas primeiras aulas transcorreram tranquilas, seguidas pela terceira aula, apresentada pelo professor Onório, um senhor que lecionava matemática – odiado pela grande maioria dos alunos.

– Silêncio – disse o professor em tom autoritário. Os alunos ouviram uma mosca se debatendo na janela. – Quero todos olhando nos meus olhos enquanto explico a matéria. Larguem agora o lápis e parem de viajar em seus pensamentos. Quero atenção total.

Onório vestia, sobre a roupa, um avental branco com o emblema da Escola

ACP. Os alunos respeitavam mais seu tom autoritário do que sua cabeleira já grisalha.

– Vou ser reprovado em matemática este ano – chiou Pedro aos ouvidos de Ana, que sentava-se à sua frente, mas reclinou-se imediatamente de volta à carteira, pois o professor deve ter ouvido algum som suplantado o barulho das asas da mosca.



Souo o sinal para o recreio. O professor Onório segurou os alunos por mais uns cinco minutos antes de autorizar a saída de todos.

– Revoltante – reclamou Ana, que se juntava aos alunos que estavam ao redor da cantina.

– Palhaço. Isso é o que ele é – completou Pedro. – Quero uma coxinha, hein! – gritou ao balconista da cantina que, sabe-se lá como, atendia uns trinta adolescentes disputando uma brecha para esticarem a mão e fazerem valer o som de seus pedidos.

– Devíamos fazer amizade com o tal Tiago – disse a menina, sentando-se ao lado do amigo. A algazarra se espalhava pelo pátio. Adolescentes corriam por todo o amplo espaço, conversando, gritando, cochichando.

– Ele é estranho – disse Pedro, mordendo a coxinha empapada de óleo.

– Por que você diz isso?

– Sei lá! – respondeu ele, com a boca cheia. – Ele não saiu para o recreio.

– Ah, ele ainda está meio deslocado. Logo, logo se enturma. Ele é bonitinho!
– Ana deu um sorriso.

– Disso eu não entendo. Pra mim, não existem homens bonitos.

– Machista!

– Ana – Pedro se aproximou da garota e diminuiu o tom de voz, reduzindo-a a quase um cochicho –, ele tem um livro preto na bolsa.

– Um o quê? – espantou-se a garota.

– Um livro preto. – Pedro engoliu o que restava do salgado. Lambeu os dedos. – Eu o vi na bolsa entreaberta.

– Você... – titubeou Ana. – Você acha que ele pode ser um...

A pergunta da garota foi interrompida pelo toque do primeiro sinal. Os dois se levantaram rapidamente, cada um indo para o banheiro. Lavaram as mãos e garantiram que não incomodariam os próximos professores com pedidos para aliviarem as bexigas.

Quando Ana entrou na sala, Pedro já estava sentado. Não puderam conversar, pois a professora Juliana, de química, já estava escrevendo a matéria no quadro.

Pedro passou sorrateiramente um bilhete para Ana. Ela leu:

“O doido aí ao lado comeu maçã no recreio. Eu o vi jogando as sementes no lixo quando estava entrando.”

Ana desenhou apenas um rostinho sorridente no papel e o devolveu ao amigo. Logo o papel voltou.

“A mamãe dele deve ainda mandar lancheira. Huahauhauh.”

Desta vez Ana devolveu o papel com o desenho de um rostinho bravo e a mensagem:

“Não seja maldoso, Pedro. Vai ver que ele não tem grana para comprar o lanche.”

“Desculpe. Você tem razão”, respondeu Pedro, desenhando na mensagem uma carinha com lágrima nos olhos.

As duas últimas aulas foram de educação física. Todos os alunos desceram da sala, indo para uma das quadras situada nos fundos dos prédios.

– Meninas, sentadas! – gritou o professor Jorge. Uma bermuda azulada caía até poucos centímetros de seus joelhos, onde se encontrava com um meião branco. As garotas sempre riam daquela costumeira combinação ridícula do professor de educação física, que sempre se recusava a usar o avental do uniforme dos mestres, preferindo uma surrada camiseta de seu time de futebol.

– Hoje vou selecionar alguns alunos para formarem o time de futebol da escola – continuou o treinador. – As garotas podem pegar a bola de vôlei e ir brincar na quadra ao lado – disse em tom flagrantemente machista.

Os garotos foram divididos em grupos para jogar futebol de salão na quadra. Alguns eram tão desajeitados que mal sabiam correr atrás da bola. Outros sabiam fazer bons passes, controlavam bem a esfera, que rolava rápida pela quadra.

Tiago, o novo aluno, parecia um maestro, um artista daquele esporte. Em três minutos, fez um drible que desconcertou dois garotos da defesa, seguido por um chute certeiro que explodiu no peito de Marcos, o goleiro. Aliás, Marcos teve que ser substituído logo depois de tomar a bolada.

No minuto seguinte, Tiago chutou do próprio campo. A bola cruzou toda a quadra, entrou no ângulo direito e arrancou dos meninos o grito de “GOOOOOL”. Até as garotas que conversavam pararam para olhar a euforia.

– Troquem os times – gritou o professor Jorge. – Você fica – interceptou Tiago, colocando a mão em seu ombro. – Quero ver o que mais você sabe fazer.

Três golaços. Foi isso o que Tiago mostrou. O sorriso do treinador não parecia ter ficado maior em nenhum outro momento.

– É você, garoto – sentenciou no fim dos testes, apontando para o novo artilheiro em cuja testa minavam fartas gotas de suor. – É você que eu quero no meu time. – Apontou para outro aluno, o goleiro Marcos. – E você defende muito bem. Você também está no time. Treinos aos sábados, às oito e meia da manhã.

A garotada cumprimentou os dois. Era bom ter dois colegas da sala escolhidos como jogadores do time da escola. Porém, Tiago parecia incomodado. Dirigiu-se, então, ao treinador e disse:

– Professor... Professor...

– Fala, campeão.

– Bem... Eu... – respirou fundo. – Fico feliz com o convite. Mas não posso fazer parte do time.

– Convite? – Jorge não tirou o sorriso do rosto, mas suas sobrancelhas franziram – Quem aqui fez um convite? Eu o convoquei para o time.

Os demais alunos cercaram o treinador e Tiago. Passaram a ouvir a conversa.

– Então, lamento. Não posso atender sua convocação.

– Não? – Já não havia traços de sorriso ou simpatia no rosto do professor. – E por que não?

– Não posso porque não posso. Só isso.

– Não pode porque não quer? É isso? – desafiou o mestre, enquanto os olhares dos demais alunos voltaram-se para Tiago.

– Não, não é isso professor.

– Então se explique, garoto. – Jorge pareceu mastigar a própria língua. – Por que você não quer entrar para o time?

– Acredite, eu quero. – Tiago olhou para alguns rostos que o rodeavam. – Mas não posso... não posso por... – parecia refletir na resposta. – Não posso por motivos pessoais. É isso. A escola não pode me obrigar. – A última frase até parecia um desafio.

O treinador abaixou a cara amarrada, ficando em frente ao aluno. Pareceu mastigar a língua mais uma vez.

– Você tem razão. A escola não pode obrigar – bufou. – Suma da minha frente, ou vou achar que você é uma frutinha que não sabe competir.

Espalhou-se um murmúrio entre os demais alunos. Alguns deram até tapinhas nas costas de Tiago, como que parabenizando-o pelo encerramento da conversa. Mas, na verdade, todos achavam muito estranho que ele não quisesse entrar para o time de futebol da escola.

– Eu disse – resmungou Pedro, que era um daqueles alunos que tropeçava nos próprios pés para correr atrás da bola durante o treino. – Ele é esquisito.

Ana apenas concordou com a cabeça.



No dia seguinte, as primeiras horas de Pedro começam como sempre: levanta, se arruma, organiza livros, toma o desjejum e parte pra escola.

– Ana – disse já caminhando ao lado da amiga –, o livro que meu pai me deu é maravilhoso, já li as 50 primeiras páginas. Não dava vontade de parar.

– Que legal. Depois me empresta?

– Claro. Olhe, eu acho que é possível fazer magia de verdade. Aquilo não pode ser só ficção. Eu me recuso a acreditar que seja mera ficção.

– Um dia você vai encontrar a resposta, Pedrinho – concordou a amiga.

Entraram na Escola ACP e sentaram-se como sempre. Dessa vez, chegaram mais cedo e Tiago já estava em sua cadeira.

– Oi – cumprimentou Ana com um sorriso simpático. – Meu nome é Ana. Este é o Pedro.

– Oi – respondeu Tiago. – Eu soube de seus nomes pela chamada. Podem me chamar de Tato. Meus amigos me chamam assim.

– Certo. Tato. – Pedro deu um sorriso. Gostava de fazer amigos e tinha certa curiosidade quanto ao novo aluno. – O que você curte fazer nas horas vagas?

O assunto foi interrompido pelo professor Onório, que entrou pisando forte na sala.

– Três aulas seguidas de matemática... – resmungou Ana. – Apertem os cintos.

Os alunos se aprumaram nas cadeiras, concentrando-se na fala numérica do

professor Onório.

– Vamos pra cantina? – Ana convidou Tato, assim que soou o sinal.

– Eu vou com vocês para o pátio. Mas trouxe meu lanche. – Puxou da bolsa duas bananas.

Pedro olhou de relance o livro de capa preta dentro da mochila, mas conteve sua curiosidade em perguntar o título. Então disse:

– Vamos.

Os três saíram da sala. Tato esperou os dois comprarem seus lanches: salgadinhos, acompanhados de refrigerante. Sentaram-se num dos bancos do pátio.

– Quer? – ofereceu Pedro, enquanto Tiago meneava a cabeça negando. – Cara, você só come fruta?

– Não – Tato sorriu. – Como outras coisas também. Mas prefiro evitar fritura. Não faz bem pra saúde de ninguém, sabia?

– Sim – respondeu Ana.

– Por isso deve ser tão gostoso. – Os três riram da afirmação de Pedro.

– Tato, simplesmente não acreditei quando você disse ao professor Jorge que não ia jogar no time. – Pedro puxou assunto, levando um cutucão de Ana. – Ai, Ana. Que foi? Não falei nada demais. Falei? – Ele coçou na altura do rim onde a amiga lhe havia acertado a cotovelada.

– Não. Não falou nada demais, não – disse Tiago. – É natural que todos tenham se espantado.

– Puxa, todo garoto quer entrar para o time da escola. Fama e namoradas – sorriu Pedro. – As meninas são doidas pelos garotos do time. Até os reservas fazem sucesso.

– Deixe de ser bobo, Pedro – interrompeu Ana, que já jogava o papel amassado de seu salgado no lixo. – Eu não ligo pra isso.

– Você faz parte da minoria, minha amiga. Popularidade. É isso que o time dá pra qualquer garoto. – Pedro virou-se para Tiago. – E você joga muito.

– Eu gosto de jogar. Gosto muito... Até queria fazer parte do time, mas...

Antes que Tato terminasse a frase, uma sombra o cobriu. Os três ergueram os olhos e, na frente deles, estava Marcos, o goleiro escolhido pelo professor Jorge, e três garotos de outras séries, que também haviam sido selecionados para o time da escola. Marcos era forte, bem branco, de cabelos claros e o rosto salpicado

por muitas espinhas.

– Aí, florzinha – provocou o goleiro. – Já sei por que você recusou entrar para o time. Se liga, seu trouxa, estamos no século 21. – Os outros três garotos riram.

– Vamos fazer uma vaquinha e comprar uma túnica pra você – completou um garoto de canela seca, ao lado de Marcos.

Os garotos saíram rindo e Tiago abaixou a cabeça.

– Não ligue pra eles – consolou Ana.

– Do que eles estavam falando, Tato? – perguntou Pedro. Mas, antes que tivesse qualquer resposta, soou o primeiro sinal para retorno à sala.

Pedro esperou a resposta, mesmo diante da intensa movimentação dos alunos que se apressavam correndo para os banheiros ou salas.

– Vamos. – Tato não quis responder. – Depois falamos sobre isso.

As aulas terminaram. Pedro voltou para casa. Raros eram os dias em que seus pais almoçavam com ele, pois preferiam comer qualquer coisa no centro da cidade do que se deslocarem até o bairro onde moravam.

Cida caprichou no almoço: arroz, feijão, purê de batata e dois bifês bem passados, fritos com pouca gordura. Pedro torceu o nariz e pensou em pedir qualquer guloseima. Nem adiantava pensar naquilo, pois a governanta marcava pesado nesse ponto. Até pra assaltar a geladeira quando ela estava em casa era bem complicado.

Os dois comeram juntos e o garoto subiu para o quarto.

– Duas horas no quarto, Pedrinho – alertou Cida. – Depois disso, quero você envolvido em alguma outra atividade que não seja seu computador, televisão ou livros.

– Sim, senhor capitão Cidão! – respondeu sorrindo. Não era um tom desaforado, mas bem-humorado.

Carinhosamente Pedro sempre chamava Cida de “Cidão”. Ela cuidava da casa desde que ele se entendia por gente. Era impossível encontrar uma funcionária tão dedicada como aquela mulher de uns 40 anos.

O garoto entrou no quarto, ligou o computador e saiu para escovar os dentes. Quando voltou, entrou num programa para conversas *on-line* e colocou seu “status” como “ocupado”, escrevendo a mensagem: “*Lendo meu livro novo*”.

Abrindo uma gaveta do criado, Pedro afastou as miniaturas de dois super-

heróis – miniaturas que ele havia abandonado havia uns dois anos, embora três ou quatro objetos raros de coleção ainda estivessem na estante – e pegou o último livro que ganhou do pai.

Abriu na página 105 e continuou a leitura. O programa de conversa *on-line* começou a piscar com o alerta “Aninha conversa”. A amiga era a única que seria capaz de tirá-lo de cima do livro.

Começaram a conversa:

Aninha diz:

Oi

Pedro diz:

Oi

Aninha diz:

Ta fazendo o q?

Pedro diz:

Lendo, e vc?

Aninha diz:

Nada... :(

Pedro diz:

Então, o que vc achou sobre o que o Marcos falou pro Tato hoje?

Aninha diz:

Não entendi nada...

Pedro diz:

To qse morrendo de curiosidade.

Aninha diz:

Rs...

Pedro diz:

Tenho uma teoria... Mas ainda é cedo pra falar qualquer coisa.

Aninha diz:

Me fala vai... plzzzzzzzzzzzz

Pedro diz:

Não... ainda não.

Aninha diz:

Seu chato... :(

Pedro diz:

Rs

Aninha diz:

Não vai dizer que... Vc acha que ele pode ser um...

Pedro diz:

Calma, ainda é cedo pra afirmar isso. Mas vou descobrir logo.

Aninha diz:

Tem uns trocadinhos aí?

Pedro diz:

A Cida deve ter algum dinheiro que minha mãe sempre deixa. Pq?

Aninha diz:

Vamos pro shopping tomar um sorvete?

Pedro diz:

Eu queria ler mais um capítulo do livro.

Aninha diz:

Sem chance, Pedrinho. To passando aí em 15mins... Pegamos o circular e voltamos antes da 5.

Pedro diz:

...

Aninha diz:

Beijos... to chegando aí... :p



Pedro colocou o *jeans* e uma camiseta azul-escuro. Desarrumou o cabelo como de costume e pôs seus óculos de aros redondos.

Minutos depois já estava dentro do ônibus, praticamente vazio naquele horário.

– Vou fazer uma tatuagem – disse para Ana, ao seu lado.

– Onde?

– Na testa.

– Você está louco? – assustou-se a amiga. – Não me diga que vai fazer um...

– Sim – ergueu os cabelos da testa. – Vou fazer um raio bem aqui.

– Seu pai mata você com um feitiço de morte.

– Até meu pai descobrir, eu já completei dezoito anos – a voz soou melancólica.

– Não reclame, Pedro. Você sabe quanto seus pais o amam. Eles não deixam nenhuma margem para você duvidar disso.

– Sim, eu sei. Mas sinto muita falta deles – suspirou.

O Sr. Douglas estava realmente muito ocupado naquele período. Tinha acabado de montar uma sociedade de advogados e conseguido contrato com cinco novas empresas. Era uma boa fase profissional.

A Sra. Isabel havia iniciado um mestrado que ocupava as noites da semana. Chegava em casa sempre após as 23h. Eles ligavam para Pedro o dia todo,

deixavam pequenos agradamentos, escreviam bilhetes, procurando se mostrar presentes de muitas formas.

Mas Pedro já estava sentindo falta de um colo de mãe; de uma conversa com o pai. Era até estranho sentir saudade de alguém que morava sob o mesmo teto.

O ônibus parou no ponto do *Shopping* e Ana e Pedro desceram para o paraíso das compras.

Ana parava em frente às vitrines de roupas – ela, sempre bem-arrumada, uma garota com um bom gosto incrível para se vestir. Sua pele clara nem precisava de maquiagem, o que deixava seu rosto adolescente simplesmente perfeito. Nem pensava em disfarçar suas sardas com pó ou qualquer coisa do tipo. Ao contrário, achava suas pintas um charme natural. Aliás, charme não lhe faltava.

Na frente de uma livraria, Pedro namorava um livro grosso com uma bela ilustração na capa.

– Você não se cansa? – Ana perguntou, parando ao seu lado. – Nem terminou o outro livro e já está pensando nesse?

– Fico aqui imaginando o que o personagem vai aprontar nessa nova história.

– Você ainda vai endoidar. – Ana sorriu, mas parecia um pouco preocupada com o amigo. – Será que isso não faz mal para você?

– Acho que não... – Pedro pensou um pouco mais. – Bem, tenho obsessão em descobrir mistérios. Acredito que esse mundo dos livros não é só fantasia. Deve existir alguma espécie de verdade neles.

Seus olhos correram mais à frente e ele falou abaixando o volume da voz:

– Está vendo aquela varinha na estante? – Ana apenas concordou com a cabeça diante da pergunta. – Será que é só um enfeite? Ou ela seria de verdade? Se eu fosse um bruxo, eu poderia pegar qualquer pedaço de pau e “bam”... Faria magias e...

– Sim, você está endoidando – sorriu Ana, pegando no punho de Pedro e puxando-o pelo *Shopping*. – Vamos! Quero tomar sorvete.

No dia seguinte, a rotina de sempre. Já na sala de aula, Pedro passou um bilhete para a amiga durante a aula de inglês.

“Tenho 15 minutos no recreio pra tentar descobrir mais detalhes sobre o Tato.”

Veio a resposta:

“Pedro, cuidado pra não assustar o garoto. Ele já parece incomodado com o

jeito dos demais alunos. O Marcos não pára de olhar pra trás e dar risadinhas idiotas pra ele.”

Ana tinha razão. A curiosidade de Pedro era imensa. O que era aquele livro de capa preta na bolsa de Tiago? Por que ele se recusou a fazer parte do time de futebol? Por que ele comia maçã e banana, em vez de se esbaldar com os petiscos da lanchonete?

Olhou de soslaio para Tato, que flagrou o olhar e sorriu amigavelmente em resposta. Pedro respondeu com um sorriso amarelo, sentindo-se envergonhado. Pegou um papel em branco, e rasgou mais um pedaço da última folha de seu caderno. Rabiscou alguma coisa e mandou para o colega ao lado.

Tato abriu o bilhete e sorriu. O rosto do garoto pareceu dar uma corada repentina quando ele leu:

“Quer um bom amigo?”

Ele assentiu para o papel. Pedro o observava e virou-se para frente, ao perceber que Tiago não o havia notado olhando.

“Quero!!!” Ele devolveu o papel.

Pedro passou o mesmo papel para Ana, que o devolveu em seguida. Rabiscando novamente alguma coisa, entregou o bilhete mais uma vez para Tiago, que leu uma letra feminina logo em seguida.

“Dois bons amigos, ele quer dizer.”

Após as frases, estavam anotados os e-mails de Ana e Pedro, para que Tato pudesse adicioná-los para conversas on-line.

Logo após o intervalo, quando Pedro experimentou a salada de frutas de Tato, iniciou-se a aula de português, seguida por duas de história. A professora Mirna, uma senhora muito amável, pediu um trabalho em grupo sobre história do Brasil. Pedro, Ana e Tato formaram um grupo. Combinaram fazer as pesquisas nos dias seguintes e se reunirem na sexta-feira à tarde, na casa de Pedro.

Os outros dias passaram rápidos. Pedro terminou de ler o livro que havia ganhado na segunda-feira. Trezentas e tantas páginas foram devoradas em sua aguçada leitura curiosa.

Por volta das 14h, a campainha de sua casa soou e Cida atendeu Ana e Tato na entrada. Os dois entraram, cumprimentaram a governanta, que lhes indicou o caminho para o quarto de Pedro.

– Oi, Pedrinho – disse Ana, entrando no quarto e colocando seus livros didáticos na mesa de estudo ao lado do computador.

– Entre, Tato – convidou o anfitrião.

Tiago olhou para a estante abarrotada de livros, revistas e histórias em quadrinhos.

– Você leu tudo isso? – perguntou.

– Sim – Pedro respondeu, estufando o peito. – Sou fã de super-heróis, livros de aventura, histórias de magia e coisas do gênero.

– Pronto. Passamos do primeiro momento impactante que acontece com todos que entram pela primeira vez no quarto do Pedro – Ana sorriu, já sentada na cadeira. – Podemos começar?

Ela puxou um pen drive e deslizou a cadeira para o computador que já estava ligado.

– Eu organizo o trabalho com a pesquisa que vocês fizeram.

Uma hora depois, Cida entrou no quarto com bandejas recheadas de sanduíches de queijo e sucos de acerola.

– Quer uma saladinha de frutas, Tato? – brincou Pedro.

– Não. Esses sanduíches parecem deliciosos.

As horas passaram rápidas e Ana terminou o trabalho.

– Uia! – exclamou Tato. – Já são 5h da tarde. Preciso ir.

– Fique aí, vamos conversar mais – convidou Pedro.

– Não. Obrigado! – Tato começou a juntar seus livros. – Tenho que chegar em casa antes do pôr do sol.

– Pôr do quê? – perguntou Pedro.

Tiago fez cara de quem falou o que não devia. Disse:

– Pôr do sol. – Ele organizou os livros nos braços. – Sou sabatista.

– Ah? – a expressão era de quem não tinha entendido nada. – Saba-o-quê?

Antes dar qualquer resposta, Tato saiu apressado pela porta, gritando um tchau lá de fora.

– Ele é sabatista, Pedro – explicou Ana, parando ao lado do amigo. – Ele observa o sábado.

– Mas ainda não é sexta-feira?

– Não me faça perguntas difíceis.

– Ana – Pedro parecia estar ruminando as ideias –, nosso amigo tem um livro de capa preta oculto na bolsa, não come o mesmo lanche que nós na escola, não

aceita convites para participar do time de futebol e não faz nada aos sábados...
Será quê?

– Será?

– Sim... Só pode ser. – Sorriu com ar misterioso. – Tiago tem uns costumes estranhos. Ele só pode ser um... Isso mesmo, Tiago é um bruxo.



Ana ainda estava um tanto atordoada com a conclusão do amigo. Ela conhecia Pedro havia mais de seis anos. Estudavam juntos na Escola ACP e sempre que eram colocados em salas separadas, no começo do ano, davam um jeito de um dos dois ser transferido para a turma do outro.

A garota sabia do fascínio que o universo da ficção exercia na mente de Pedro. Ela já tentara, em outras oportunidades, afastar a ideia tresloucada que ele tinha de encontrar magos, bruxos, super-heróis e afins, mas isso só causou atritos entre os dois. Ela gostava um pouco do tema, mas na verdade, aprendeu a gostar para suportar o assunto com o bom amigo.

Mas, agora, parecia que Pedro havia encontrado indícios de que sua teoria maluca fazia algum sentido. De fato, Tiago era um menino diferente. Tinha hábitos no mínimo estranhos para a grande maioria dos demais garotos que ela conhecia.

– E o que você vai fazer agora? – perguntou Ana, recuperando a voz.

– Não sei – Pedro confessou, sentando na cama. – Procurei isso a minha vida toda – suspirou. – Acho que estou diante de uma possibilidade concreta de responder às minhas dúvidas sobre a existência real de um mundo mágico. Isso me assusta.

– Eu... Eu também estou um pouco assustada. – Ana sentou-se ao lado do amigo. – Mas não podemos nos aproximar do Tato só com esse interesse. Isso seria...

– Injusto – completou Pedro. – Quero ser amigo dele, não pela minha curiosidade, mas porque gostei dele.

– Eu também. Ele é muito legal.

– Você pode me ajudar a conter minha curiosidade? Você me ajuda a ser o mais natural possível com ele?

– Conte comigo, amigo – Ana colocou a mão no ombro de Pedro.

O fim de semana de Pedro passou voando. No sábado de manhã a casa estava vazia. Cida só trabalhava de segunda a sexta. A Sra. Isabel chegou por volta do meio-dia, pegou o filho e foram comer fora, como na maioria dos fins de semana. Era bom comer com a mãe. Os dois, sentados na praça de alimentação do *Shopping*, conversaram sobre a semana de cada um. O celular tocou e Pedro falou com o pai, que se desculpava por não estar ali com eles.

– Tenho dois processos com prazo estourando na segunda-feira – justificou o Sr. Douglas ao telefone. – Mas no próximo fim de semana vamos dar um jeito de ficarmos juntos, filho. Dê um beijo na sua mãe por mim.

– É a correria da vida. – disse a Sra. Isabel, com um sorriso amarelo.

– É... – concordou Pedro, nada animado.

Logo após o almoço, voltaram para casa. A Sra. Isabel ficou um pouco na cozinha, depois na sala, até finalmente se enfiar no quarto de estudos. Ela teria uma prova na segunda-feira à noite em seu mestrado.

Pedro se viu sozinho na sala de televisão, assistindo a qualquer coisa que passava na tela. Foi até o quarto de estudos, abriu a porta bem devagar e abraçou a mãe sentada na cadeira. Sentiu aquele cheiro do cabelo que só uma mãe tem.

– Amo você, filho – disse ela carinhosa. – Logo, logo essa correria toda vai passar. Aí você vai ter seu colo de volta. – A mãe deu um beijo no rosto do garoto.

Saindo sem fazer barulho, Pedro deu um suspiro quando fechou a porta atrás de si. Um sentimento amargo lhe apertava o peito. Era pura saudade do pai e da mãe que dormiam todas as noites sob o mesmo teto que ele.

Se eu fosse um bruxo, teria usado um feitiço que parasse o tempo quando abracei a mamãe, ele pensou, enquanto caminhava para seu quarto até finalmente se jogar na cama.

A semana seguinte começou com uma série de matérias ocupando a manhã inteira dos jovens. Na segunda-feira à tarde, Pedro não podia contar com a companhia de Ana, pois ela teria aulas de inglês. Ele se inscreveu, então, em aulas de natação, que eram ministradas na própria escola ACP como curso extra.

No meio da semana, quarta-feira, Pedro, Ana e Tiago combinaram um

passeio ao *Shopping*. Os dois amigos puderam, naquele dia, conhecer a casa em que Tiago estava morando.

Não ficava muito longe da casa de Ana – não mais que três quadras, na direção oposta ao colégio. Quando chegaram, tocaram a campainha de uma casa murada e o portão metálico se abriu para uma varanda de lajotas vermelhas. Ali cabiam dois carros.

Era uma casa bonita, pintada num bege bem claro. Um cão grande, acinzentado, veio em direção aos dois. A cara enrugada não era das melhores.

– Parado, Sansão – ordenou Tiago, e o cão parou na frente de Ana e Pedro. – Não se preocupem, ele só quer sentir o cheiro de vocês.

De fato, Sansão deu uma boa conferida nos dois e virou-se para Tato, abanando o rabo.

– De que raça é ele? – perguntou Pedro, tentando ser amigável. Ana não escondia o nervosismo, encolhida atrás do amigo.

– É um mastim napolitano.

– Isso não é um cachorro – disse Ana, por cima dos ombros de Pedro. – É um cavalo!

– Venham, venham. Minha mãe está indo para o centro e pode nos levar. Só vai demorar alguns minutos.

Os três entraram na casa, passaram pela sala de estar, um outro hall e chegaram numa sala que parecia para recepção de visitas. A sala era um pouco escura e diferente das outras bem mais iluminadas. Uma estante de madeira cobria quase toda a parede da direita e havia quatro sofás de couro marrom, bem espaçosos.

– Oi, vovô – disse Tiago, abraçando e beijando no rosto um senhor já de idade, que estava sentado numa cadeira de rodas, lendo uma revista. – Estes são meus amigos, Pedro e Ana – apontou para os dois que estavam ali atrás dele. – Ana, Pedro, este é meu avô José.

– Oi, Sr. José – cumprimentaram os amigos.

– Olá, crianças – o avô deu um sorriso farto. Seus olhos idosos se encheram de uma simpatia que pareceu iluminar a sala pouco clara. Seus cabelos pareciam uma cobertura de algodão, muito bem penteados e de um branco quase sobrenatural.

– Sentem-se aqui. Vou ver se mamãe precisa de ajuda. Se eu não apressá-la, vamos demorar mais do que se fôssemos de ônibus.

Ana sentou-se, mas Pedro foi atraído pela estante repleta de livros. Capas grossas e duras, nas cores vermelhas, azuis, marrons e pretas dominavam grande parte da exposição. O garoto ajeitou os desnecessários óculos de aros redondos sobre o nariz e leu títulos como: *O Grande Conflito, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, História da Redenção, Projeto Sunlight, Histórias da Minha Avó, Canção de Eva, A Batalha Final, O Dia do Dragão, Deus e o Anjo Rebelde*, entre outros inúmeros nomes de obras.

Existia uma fila de livros de uma única autora, chamada E. G. White.

Pedro ficou fascinado. Conhecia muito sobre literatura, mas nunca tinha sequer ouvido falar daqueles títulos ou autores. Não parava de pensar quem eram eles, sobre o que escreviam e como lhe era estranho alguns daqueles títulos.

Sentiu uma vontade incontável de puxar alguns livros e colocar sobre o colo para folheá-los. Antes de ser dominado por tal vontade, seus olhos foram atraídos para a primeira plataforma da estante de madeira bem envernizada. Ali estava um livro grande e sem título. Sua capa era preta e não tinha nenhum nome inscrito como título ou referência sobre o autor. Havia apenas traços dourados no canto inferior direito, que pareciam formar o desenho de um peixe.



As mãos de Pedro deslizaram sobre o símbolo e ele o observou, sem mover a capa negra. As páginas do livro pareciam ser muito finas e delicadas.

– Gostou? – soou uma voz rouca atrás dele. Era o Sr. José, que havia deslizado sua cadeira até ficar bem próximo do garoto.

– Si... sim – respondeu. Respirou meio que tomando coragem e apontou para o grande livro solitário. – Que livro é este?

– Você não conhece? – perguntou o Sr. José, vendo Pedro menear a cabeça, negando. Disse então com um certo sorriso misterioso: – É o Livro Sobre Todos os Assuntos que Existem no Mundo.

– Paai... – soou uma voz feminina entrando na sala –, já falei pra não ficar assim no escuro. – Era a Sra. Laís, mãe de Tiago. Ela abriu as cortinas da janela e a porta dos fundos e uma forte claridade invadiu a sala. – Oi, crianças, vocês devem ser Ana e Pedro. Tato não para de falar em vocês. Eu fiquei realmente feliz por ele ter feito bons amigos.

– Vamos? – chamou Tiago, já saindo pela porta dos fundos. – Tchau, vovô.



— **T**udo bem com você? – perguntou Ana para Pedro, que estava ao seu lado no banco de trás do carro que ia para o *Shopping*.

– Sim. Tudo.

Ele queria responder qualquer outra coisa, mas Tiago também estava ali ao lado. Todos aqueles livros, com títulos e autores estranhos tinham mexido com sua cabeça.

– Quero que você compre o remédio do seu avô – disse a Sra. Laís, parando o carro na entrada do *Shopping*.

– Tudo bem.

– Divirtam-se, crianças.

Os três entraram no prédio que tinha uma temperatura ambiente agradabilíssima. Pessoas entravam e saíam pela porta automática, que se abria conforme se aproximavam.

– Você está meio pálido – disse Tiago para Pedro. – Meu avô assustou você?

– Não... não... Imagina – disfarçou. – Por que ele iria me assustar?

– Ele, de vez em quando, se finge de louco pra pregar peças em quem não o conhece. Ele até me pede para deixar meus amigos sozinhos um pouco com ele.

Ana deu uma gargalhada gostosa e Pedro ficou menos tenso.

– Por que ele faz isso? – perguntou Pedro.

– Sei lá. É um jeito dele se divertir – sorriu. – Ele diz que as pessoas têm

preconceito com idosos, achando que são todos malucos. Aí ele se finge de velho doido.

– Que doidera – disse Ana, dando outra risada.

– Ele não está muito bem de saúde. Por favor, Pedrinho, me desculpe se ele o assustou de verdade.

– Não, não... Isso não aconteceu, não. Ele foi muito gentil. Até me perguntou sobre o que eu estava achando dos livros.

– Ah, sim. Ele ama aqueles livros. Sempre me cobra, dizendo que eu deveria ler mais.

– E você lê? – Pedro deixou a curiosidade sobre as obras tomar conta. Precisava extrair alguma coisa do amigo naquele momento. Aquela era a hora.

– De vez em quando. Vovô diz que eu encontraria muito mais poder se eu os lesse.

– Poder? Que tipo de poder? – Pedro parou e Ana lançou para ele um olhar de reprovação.

– Ora – respondeu Tato –, poder para tudo. Para conseguir o que eu quiser. Você sabe do que estou falando. Vamos comer o quê?

Ana, por sob os ombros de Tiago, manteve um olhar reprovador tão intenso que Pedro não insistiu em nenhuma outra pergunta.

Tomaram um generoso sorvete e foram ver os cartazes dos filmes do cinema. Pedrinho estava meio fora de si, a ponto de não se empolgar com as imagens do lançamento de uma adaptação do cinema para um de seus super-heróis preferidos.

– Certeza que meu avô não assustou o Pedro? – cochichou Tiago ao ouvido de Ana.

– Tenho – ela sorriu, com um ar de dúvida.

Depois de perambularem pelo *Shopping*, entrando de loja em loja, acompanhando Ana, os garotos foram para a loja de esportes, onde Tiago namorou um tênis especialmente desenhado para jogos em quadra de salão.

– Ainda vou comprar um desses.

– Nossa! Dá pra comprar uns oito livros – disse Pedro.

– Custa a metade do vestido de festa que acabei de ver – disse Ana.

Eles olharam outros artigos de esporte e depois foram para uma livraria onde Pedro torrou quase toda a mesada com gibis.

– Não se assuste, Tato – alertou Ana. – Ele compra uns dez títulos de gibis

dos tais heróis dele.

– É meu vício. Não reclamem – disse Pedro, pagando a pequena fortuna, enquanto a moça do caixa empacotava os pequenos livretos em quadrinhos.

– Vou comprar um livro bom para você. – prometeu Tiago.

– Um igual aos do seu avô? – Pedro arregalou os olhos.

– Sim. Desses mesmos. Que tipo de livro você gosta?

– Magia. Quero um livro que fale sobre coisas estranhas, maravilhosas, incríveis, fabulosas.

Ana enfiou a cara nas duas mãos ao ouvir o que o amigo acabara de falar.

– Coisas fabulosas? – Tiago viu um olhar curioso no rosto de Pedrinho. – Vou lhe presentear com algo que é mais que fábula. Vou lhe dar um livro que conta coisas incríveis de verdade. Mas não estou falando que isso vai ser logo, tenho que pedir uns conselhos para meu avô para fazer uma boa escolha.

Pedro virou um olhar afoito e alegre para Ana, que não acreditava no que estava presenciando.

Novamente perambularam pelo *Shopping* até a hora avançar. Comeram alguma coisa na praça de alimentação e voltaram para o bairro no ônibus circular.

Tiago foi em direção à sua casa e Ana e Pedro ficaram finalmente sozinhos.

– Você viu o que aconteceu hoje? – perguntou o garoto escorado no portão da casa da amiga. (Cida já havia ligado duas vezes em seu celular cobrando sobre a hora de chegar em casa.)

– Pedro, não vi nada demais. Você não acha que está sendo precipitado? Você pode ter uma grande decepção, meu amigo.

– Claro que não. Eu tenho certeza! Aqueles livros todos. O jeito do Sr. José. Ele é o bruxo patriarca da família, Ana. Viu o que o Tato falou sobre obter poder na leitura? Ele lê e aprende a fazer magia. É isso, só pode ser isso.

– Não sei. Teve alguns momentos em que tive a impressão de que você e o Tiago estavam falando sobre assuntos totalmente diferentes.

O celular de Pedro tocou. Cida fez alguma ameaça séria do outro lado da linha – algo sobre começar incendiar alguns gibis ou trancafiar alguns livros. O garoto desarrumou o cabelo com as duas mãos e virou-se imediatamente para ir para casa. Despediu-se de Ana com um grito e falou alto:

– Ana, eu vou ser um bruxo!



A semana transcorria, e os alunos da 1ª Série B estavam nas duas aulas de educação física. O professor Jorge tinha jogado uma bola de vôlei nas mãos das garotas e os meninos estavam se dividindo para formarem times de futebol de salão. Tiago estava sendo bem disputado entre os times e acabou ficando em um onde o goleiro adversário era o espinhento Marcos.

– Vou quebrar suas pernas, comedor de alface – sussurrou o goleiro aos ouvidos de Tato, empurrando-o com os ombros.

O jogo começou. Tiago correu pela lateral direita e a bola chegou aos seus pés, vinda do amigo Fábio. Um chute certo de pé direito e Tato quase furou a rede com a bola. Um golaço que fez Marcos franzir a testa espinhenta.

O resto do time vibrou enquanto Marcos cochichava ao ouvido de um dos colegas de sala, Lairton, um garoto de pele parda e cabelos negros e lisos que agora estavam empapados pelo suor.

Tiago correu pela lateral direita, esperando um passe que não veio, pois a bola foi roubada pelo time adversário. Recuando com a defesa, o goleiro de seu time espalmou o chute e deslizou rapidamente a bola para seus pés. Tato correu pela lateral, praticamente sozinho, mas três adversários já fechavam a defesa, não deixando brecha para o gol.

Fez um passe limpo para a esquerda e a bola rolou carinhosamente para os pés de seu parceiro Júnior que, sem dificuldade, chutou para o gol. Dois a zero.

Marcos parecia mais irritado que qualquer outro do time.

O professor Jorge soou o apito. Kaíke, um garoto do time adversário, havia cometido uma falta na defesa.

Na quadra ao lado, as garotas jogavam vôlei, totalmente alheias à guerra que aqueles meninos travavam na quadra de futebol.

O restante dos alunos, que estava esperando o resultado desse ciclo para desafiarem o time vencedor, ficava ao lado da quadra. O jogo estava realmente animado.

Júnior ajeitou a bola para bater a falta. Fez um passe para Tiago, que estava mal marcado no campo adversário. Na peculiar velocidade do futebol de salão, o passe foi tão rápido como o chute a gol. Desta vez o canhão de Tiago foi abafado nos braços do goleiro Marcos. A bola dura fez seu peito arder. Seus braços brancos avermelharam imediatamente onde a bola o atingiu.

Um sorriso desdenhoso nasceu em seu rosto, enquanto ele lançava a bola ao artilheiro que corria ao longe, acertando um chute certo ao gol. Dois a um. O time adversário vibrou.

Dois minutos de bola rápida deslizando pelo campo e a garotada já suava a ponto de gotas pingarem de seus rostos e a camiseta do uniforme colar em suas costas.

Numa falha da defesa, o outro time fez o segundo gol. Tato parou ao lado de seu goleiro, recebeu dele a bola e olhou fixamente para o campo à sua frente, onde a garotada se reorganizava.

Tiago conduziu a bola até metade do campo de defesa e foi marcado pelo artilheiro oposto, que deu um chute no vazio depois do drible que levou. Tato deu uma arrancada, driblou dois no meio-campo, mais um dentro da linha do adversário e ficou frente a frente com Marcos.

O goleiro veio para cima de Tiago e deu-lhe um carrinho. Os dois pés de Marcos passaram como um rodo em Tiago, levantando suas pernas para o ar.

Tato teria dado um giro completo no ar se sua cabeça não tivesse encontrado o chão duro e maciço da quadra de salão. A pancada ressoou pelo campo e o garoto sentiu como se fosse perder a consciência.

A tontura veio acompanhada de uma dor lancinante na cabeça. Seu coração parecia ter mudado de lugar e agora sentia as pulsações no cocuruto.

– Você está bem? – perguntou o professor Jorge, que tentava colocar o garoto sentado.

Tiago não respondeu. Estava com os olhos abertos, mas o corpo um pouco

mole nos braços do treinador.

– Tragam gelo! – gritou o professor.

Marcos estava ainda sentado no chão, com um falso ar de surpresa e arrependimento estampado no rosto vermelho, pintado de feridas ainda mais vermelhas e amareladas. Devia estar sorrindo por dentro. Alguns alunos olharam para ele com desdém e revolta. Outros o consolaram, dizendo que fora um acidente.

Finalmente Tiago recuperou um pouco a consciência, olhou para Marcos, quase ao seu lado, e falou:

– Você está bem?

A pergunta bateu como um tapa na cara do goleiro ou uma bolada na boca de seu estômago. Ele esperava ser xingado e ofendido. Tinha até ensaiado algumas respostas grosseiras e desculpas esfarrapadas para o golpe baixo que deu.

– S... Sim... – respondeu, sem conseguir olhar nos olhos de Tiago. – Estou. – Fez uma pausa enquanto todos olhavam para ele. – E você?

– Vou ficar bem. – Tiago levantou-se com a ajuda do professor Jorge. Pedro já estava ao seu lado, se colocando à disposição para ajudar.

– Leve-o à enfermaria – ordenou o treinador.

Tiago e Pedro saíram da quadra enquanto a aula ainda continuava. Subiram as escadas para o pátio. A cada passo que Tato dava nos degraus, sua cabeça parecia que ia se abrir. Pedro pensou que se fosse um bruxo poderia curar com apenas um passe de mágica o galo que crescia, pois não era uma lesão tão grave.

– Não acredito que você não xingou o Marcos – disse Pedro finalmente.

Um silêncio se formou entre os dois enquanto andavam pelo corredor de paredes brancas. Tato então respondeu:

– Sempre tive um gênio um pouco exaltado em campo. Meu avô adora futebol e um dia foi me assistir. Eu explodi num jogo e briguei com outro garoto. – Os dois pararam na porta da enfermaria para concluírem o assunto antes de entrarem. – Então, depois que fui expulso do jogo, meu avô desceu das arquibancadas, olhou pra mim e disse: “Tato, o caráter de um homem se revela na quadra.”



O primeiro bimestre na Escola ACP passou rápido. Os alunos estavam na véspera dos exames oficiais, no fim dos primeiros meses de estudo. Formaram grupos de estudo – alguns de alunos desejosos de tirar boas notas desde o começo, outros com aquele desinteresse de sempre, na eterna expectativa da possibilidade futura de recuperação de notas.

Tiago, Pedro e Ana chamaram mais uma amiga da sala, Patrícia, e formaram seu próprio grupo de estudos. Reuniam-se cada dia, na casa de um dos quatro.

Antes das provas de matemática, combinaram estudar na casa de Tiago. Por volta das duas horas da tarde, os quatro amigos estavam sentados na mesa de uma das salas. Livros foram espalhados e abertos por toda a mesa, coberta por pequenos farelos da borracha branca de Pedro.

– Não vejo a hora de tudo isso acabar – resmungou ele. – Não sei se vou conseguir tirar nota nessa prova do professor Onório.

– Você acertou quantas até agora? – perguntou Ana, esticando o olho para o caderno do amigo, que soprava novamente o pó da borracha.

– Acertar? Não estou nem conseguindo chegar a algum resultado pra poder conferir.

Patrícia deu uma risada, como se tivesse entendido exatamente o que o garoto havia falado.

– Eu também não consigo entender essas contas – disse Patrícia, empurrando as mechas de cabelos negros e lisos para trás. – Nunca vi misturarem letras com

números.

– É fácil – disse Tato. – Logo, logo vocês pegam o jeito.

– Oi! – disse uma voz de criança. Uma garotinha de uns quatro anos, rostinho redondo e bochecha rosada, segurando uma boneca de pano, toda esfarrapada, havia parado ao lado de Ana e olhava fixamente para ela.

– Oi – respondeu Ana. – Tudo bem, menina linda?

– Tudo – disse a menininha. – Você é a namorada do Tato?

– E... E... Eu? – os olhos de Ana correram para Tiago, que já estava totalmente corado. – Eu sou a amiga dele.

– Bem – disse Tiago, que parecia ter encontrado a voz sumida em algum lugar da garganta –, vocês sabem que tenho uma irmã. Então, esta é a Nina. – E virou-se com um sorriso para a irmãzinha. – Nina, diga oi para todo mundo.

– Ooooi, todo mundo! – atendeu a pequena Katarina, olhando para o pessoal na mesa.

– Ooooi, Nina – responderam todos.

– Nina, não atrapalhe seu irmão – chamou a Sra. Laís. – E venha buscar sua mamadeira.

– Que gracinha! – disse Patrícia, enquanto a menina saía correndo, de boneca na mão, pela casa.

– Ela acabou de acordar – disse sorrindo Tiago. – Ela fica até mais bonitinha quando acorda. – Então, virou-se para Pedro e disse: – E aí, conseguiu terminar alguma?

– Sim, consegui. – Todos deram um olhar de aprovação para ele. – Mas estava errada. – Pedro soltou o lápis sobre o caderno. – Mas, tudo bem. Quando tudo isso acabar eu já tenho um prometido descanso. – Um sorriso animador inundou seu rosto. Seus olhos chegaram a ficar pequenos dentro do aro redondo dos óculos. – Meus pais me prometeram que vamos ao litoral no fim de semana. Já pensaram nisso? Eu e meus pais, um fim de semana inteiro juntos, sem qualquer tipo de interrupção!

– Puxa, que legal, Pedrinho! – exclamou Ana, com felicidade estampada no olhar. Ela conhecia bem o amigo e sabia o quanto aquilo significava para ele.

– Estou contando as horas. Mas, agora, aos cadernos e aos números do professor Onório!

Os dias foram passando e as provas sendo realizadas, uma atrás da outra,

consumindo as forças e os neurônios dos alunos. No fim do ciclo dos exames do primeiro bimestre, todos estavam visivelmente abatidos; mas, enfim, tudo havia terminado.

– Ufa... acabou! – Pedro soltou a mochila ao lado de Tiago, que estava sentado num dos bancos do pátio da Escola ACP.

– Finalmente! Eu já não agüentava mais. A Ana ainda está lá dentro?

– Sim. Ela odeia biologia.

– Quando você vai para o litoral?

– Hoje – respondeu Pedro, com um brilho nos olhos. – Nem acredito. Meus pais só têm que encerrar a agenda dessa sexta-feira. Eles me falaram que marcaram pouca coisa pra gente poder sair o mais cedo possível. Vou chegar em casa, colocar minhas coisas na mala e esperar que eles cheguem.

– O que é heterozigoto? – perguntou Ana, que havia chegado naquele momento.

– Não sei – respondeu Tiago. – Essa eu chutei.

– E eu já esqueci tudo o que estudei – completou Pedro. – Nem me pergunte mais nada. Não quero pensar em nada nos próximos dois dias. Só quero ouvir as ondas do mar.

Cada um foi para sua casa. Pedro entrou correndo pela porta. Deu um “oi” gritado para a Cida e foi para o quarto.

Ali arrumou sua mala. Roupas, tênis, materiais de higiene pessoal, e três gibis de super-heróis. Depois, teve que esquentar o almoço no microondas e se desculpar com Cida, que continuava reclamando por ele não ter vindo comer na hora em que ela o chamou.

Pedro engoliu tudo rapidamente e voltou para o quarto. A ansiedade parecia corroê-lo por dentro.

Por volta das 3h30 da tarde, Cida bateu à porta com o telefone sem fio na mão.

– Sua mãe – disse ela, com uma voz pesarosa, como se não tivesse uma notícia muito boa.

– Oi, mãe – disse Pedro ao telefone, já preocupado com o olhar da governanta, que se retirava do quarto.

– Filho, por favor, me desculpe – a voz do outro lado era realmente triste.

– Mãããe..., não me diga que...

– Sim... Por favor, não pense que eu não me importo – a voz da Sra. Isabel ficou até mais fina e baixa. – Mas aconteceram coisas impossíveis de adiar. – Pedro fez silêncio, e ela continuou: – Um professor marcou um trabalho e chamou um palestrante importante para se apresentar para nós neste fim de semana. Eu não posso faltar ou vou perder meses de estudo.

Ela esperou ouvir alguma coisa do outro lado, mas Pedro não disse nada.

– Eu tentei falar para seu pai ir com você, mas ele teve uma complicação com um dos sócios e não pode viajar com você. Seu pai está indo para a capital ainda hoje. Você entende, não entende, Pedrinho?

– Entendo – respondeu friamente.

– Olhe, já combinei com seu pai. Nós vamos no outro fim de semana. Prometo. E também vou comprar aquele livro que você quer. Tenho o nome anotado aqui comigo.

– Tudo bem – não havia nenhum entusiasmo na voz do garoto.

– Eu amo você, filho. Falei para a Cida arrumar algo para seu almoço de amanhã. Ou, se você quiser, pode pedir alguma coisa para comer. O dinheiro está no lugar de sempre. Amanhã não vou poder estar com você.

– Tudo bem.

– Tudo bem mesmo?

– Tudo bem. – A frase soou tão fria como as outras.

Pedro largou o telefone sobre a cama. O quarto, de repente, parecia mais escuro, mais abafado. Ele olhou para o computador, a mesa e a estante de livros. Ele não queria nenhum outro livro novo. Queria seu pai, sua mãe, sua família. Era demais pedir um único fim de semana em família?

Não era praia, areia, água salgada, nem sol que estavam em sua mente. Era passear de carro, despreocupadamente, com o Sr. Douglas ao volante. Era deitar no sofá, no colo da Sra. Isabel, enquanto ouvia o chuveiro do quarto do hotel com seu pai lá dentro. Era simplesmente estar juntos.

Mas isso parecia um sonho distante para o garoto. Todos corriam atrás de dinheiro, sucesso e realização profissional.

– Um livro novo... – Pedro sussurrou olhando para a estante. Uma lágrima escorria de seus olhos. – Pra que vou querer um livro novo?

Pedro levantou-se e, com um único empurrão, derrubou toda uma fileira de livros da estante. Deu dois passos para trás, jogou-se na cama e chorou.

– Quer conversar, Pedrinho? – a voz suave de Cida atravessou uma pequena fresta entreaberta na porta.

– Não, obrigado! – falou com um nó na garganta. – Só não fale para a mamãe ou para o papai que você me viu chorar, tá bom?

– Não se preocupe – sorriu-lhe a governanta. – Sigilo absoluto. Se precisar, pode me chamar. Vou ficar mais uma hora aqui.

Quando Cida fechou a porta, o telefone ao seu lado começou a tocar.



Pedro não sabia se atendia ou não o telefone, que soava insistentemente ao seu lado. No último toque da chamada, ele o segurou.

– Alô!

– Você ainda está aí? – a voz de Tiago perguntou do outro lado da linha.

– É – Pedro enxugou o rosto com lágrimas. – Não vou mais.

– Não?

– Não – respondeu friamente, como se fosse indiferente ir ou não ir. – Não deu certo para meus pais.

– Puxa, Pedro... Você estava tão animado!

– É... mas não deu. Fica pra próxima.

– E o que você vai fazer no fim de semana?

– Sei lá! Vou ficar em casa mesmo. Meus pais não vão aparecer aqui o dia inteiro.

– Espere um pouquinho.

Pedro ouviu Tiago gritando alguma coisa do outro lado. Parecia estar falando com alguém.

– Resolvido – disse Tiago, voltando a conversa ao telefone. – Você vai almoçar com a gente amanhã.

– Almoçar? Com vocês?

– Sim. Eu ligo pra você perto da hora do almoço.

– Não, Tiago. Não precisa, e além do mais...

– Sem chance, meu amigo – interrompeu Tiago. – Não estou convidando você para o almoço. Estou avisando que você virá aqui amanhã e passará o dia com minha família. Não vou deixar você ficar enfiado em casa, sozinho, o sábado inteiro.

Pedro não esperava um convite daquela natureza. Sentou-se na cama e organizou seus pensamentos. Talvez fosse aquela a chance que ele estava esperando. Ele acreditava que Tiago era de uma família de bruxos e seria uma ótima oportunidade para conhecê-los de perto, pois passaria um dia inteiro com eles. Esse pensamento o animou, e ele respondeu:

– Está certo. Espero você me ligar.

– Esteja pronto por volta das 11h30 da manhã. Até amanhã.

– Até.

A noite daquela sexta-feira demorou pra chegar. As horas passaram lentas para Pedro naquela casa vazia. O garoto tirou os óculos e os deixou ali no criado, ao lado de um livro qualquer. Organizou os livros que derrubou da estante e sentiu um arrependimento por ter feito aquilo.

Quando ouviu o som do portão anunciando a chegada da mãe – por volta da meia-noite – correu para a cama e fingiu estar dormindo. Ouviu a porta do quarto se abrindo, minutos depois, e sentiu o beijo de Isabel em seu rosto. Sequer resmungou para anunciar que poderia estar acordado.

Não conseguia pegar no sono de jeito nenhum. Foram horas para conseguir pelo menos começar a bocejar até que, numa de suas longas piscadas, perdidas entre muitos pensamentos de como poderia resolver seus problemas com uma única palavra ou um encantamento correto – isso se fosse um bruxo – adormeceu.

No dia seguinte, Pedro levantou-se e, sem escovar os dentes ou lavar o rosto, tomou seu desjejum: bolachas e leite.

Lá pelas dez horas, já estava arrumado: camiseta, calças *jeans*, cabelos despenteados e óculos de aros redondos.

Não quis ligar o computador ou ler qualquer livro. Ficou ali na sala, assistindo a qualquer coisa que passava na televisão.

Quando o meio-dia se aproximava, o telefone tocou. Pedro atendeu nas primeiras chamadas e, como esperava, era Tiago anunciando que ele podia ir para a casa dele.

Desligou a televisão e saiu pela porta, trancando-a. Lá fora, um belo dia de

sol azul jogou em seu rosto um vento fresco, enquanto caminhava algumas quadras na direção da casa do amigo. Quando parou em frente ao portão e esticou o dedo para tocar a campainha, um carro prateado parou ao lado dele. A família inteira de Tiago estava lá dentro.

O portão se abriu ao toque da Sra. Laís, acionando o controle remoto de dentro do carro. Estacionaram na garagem e Pedro pôde ver um a um saindo de dentro do veículo: a Sra. Laís, com um vestido fino na cor salmão, um tanto incomum para aquela hora do dia; o Sr. Danilo, pai de Tiago, com gravata e paletó em um dos braços; Nina, num vestidinho infantil que a deixava igual a uma fadinha; e finalmente Tiago, que vestia calça e camisa sociais, e trazia nos braços uma pilha de livros de capa negra, uns maiores, e outros menores.

– Entre, Pedro – chamou Tiago, enquanto seu pai abria o porta-malas, retirando dali uma cadeira de rodas. – Vou dar uma força para o meu pai.

Tiago correu pra dentro da casa, que a Sra. Laís já havia aberto, deixou lá os livros, e voltou para ajudar a tirar o avô de dentro do carro.

– Três para me tirar? – sorriu o Sr. José. – Estou mesmo muito importante...

Todos sorriram. Sabiam perfeitamente que o Sr. José não gostava de estar numa cadeira de rodas nem de depender da ajuda dos parentes para realizar tarefas que, até pouco tempo atrás, eram tão simples.

– Obrigado, crianças! – o avô sorriu quando o colocaram na cadeira. – Sem vocês, meu pobre genro Danilo não teria conseguido. Vocês sabiam que a Laís dormia num quarto no segundo andar e ele não conseguia atirar uma pedra na janela para chamá-la?

– Ah, seu José, o senhor sabe muito bem que sua filha me escolheu pela inteligência e não pela força – respondeu Danilo, empurrando a cadeira para dentro da casa. Os garotos sorriram. De fato, ele era bem magro e não aparentava ter muita força nos finos braços.

– Vocês estavam numa festa? – sussurrou Pedro aos ouvidos de Tiago. – Eu atralhei alguma coisa?

– Não se preocupe com nada, meu amigo. A “festa” já acabou. Agora sente aí na sala, enquanto nos arrumamos para o almoço.

Tiago apontou para uma poltrona na primeira sala onde Pedro se sentou. Cada um foi para um cômodo da casa. A princípio, colocaram roupas mais confortáveis e depois foram ajudar a Sra. Laís a pôr a mesa.

Nina sentou-se ao lado de Pedro, trazendo consigo uma bonequinha velha,

cor-de-rosa, com cara de sono.

– Tô com fome – disse ela, com os cabelinhos cacheados balançando na altura dos ombros.

Pedro apenas sorriu em resposta. Podia ver na cozinha que o Sr. Danilo estava ajudando a pôr a mesa e que Tiago ajudava colocando ali algumas panelas.

– Pronto. Terminei minha parte – disse Tiago, sentando ao lado do amigo. – Não sei se você vai gostar da nossa comida, mas já está quase pronta.

Escutaram o som do microondas encerrando o aquecimento de alguma coisa. Em seguida, a Sra. Laís chamou todos para a cozinha.

O Sr. Danilo sentou-se à ponta da mesa. A toalha era branca e florida nas bordas. Ao lado direito dele, estava a Sra. Laís, que havia posicionado a cadeirinha de Nina bem ao seu alcance. O Sr. José estava na outra ponta, sentado na cadeira de rodas. E os dois garotos estavam sentados do lado esquerdo do pai.

– Eu quero fazer a oração – disse Nina com sua voz infantil.

– Então faça! – disse-lhe sorrindo o Sr. Danilo.

– Papai do Céu – começou a criança –, obrigado pela comidinha. Amém.

O sorriso era visível no rosto de todos. Nina era uma criança como todas: pequena, sorridente, radiante, e tudo o que fazia tinha muita delicadeza e graça.

A Sra. Laís abriu as panelas. Saladas cruas em uma vasilha e legumes cozidos em outra; arroz e uma salada de maionese, que Pedro não conseguiu identificar.

– Maionese de PVT – disse Tiago, servindo o amigo. – Proteína vegetal texturizada. Alguns a chamam de “carne de soja”.

– Legal – respondeu Pedro. Na verdade, se estivesse em casa, teria torcido o nariz e recusado o tal PVT.

Apesar da impressão inicial de Pedro, a comida estava realmente deliciosa, incluindo os legumes bem cozidos e temperados e, também, um prato assado, que ele não conseguiu identificar o que era. Se tivessem perguntado o que era, ele diria que se parecia com uma torta de mandioca. Como ninguém perguntou, ele simplesmente comeu, maravilhado.

Desviou um pouco o olhar e ele fitou uma estante atrás dos ombros do Sr. José. Ali estava a pilha de livros de capa negra que vira Tiago tirar de dentro do carro. Seria aquele o dia em que ele conseguiria folhear pelo menos um daqueles livros?



A refeição foi muito boa. Todos comeram num ritmo calmo e até mesmo incomum para Pedro. Aliás, ele não se lembrava de uma refeição como aquela, em que uma família inteira se sentava à mesa para, simplesmente, partilhar a comida. Pena que não era sua família.

Terminaram. A Sra. Laís apenas recolheu os pratos e panelas vazias na pia da cozinha, guardando algumas sobras e jogando as inaproveitáveis no lixo.

– Pedro, sente-se na sala de estar – disse Tiago. – Preciso de uma meia hora pra fazer a Nina dormir.

Tato pegou Nina da cadeirinha e a levou para o banheiro, enquanto Pedro ia até a sala onde estavam as estantes abarrotadas de livros. Um minuto depois, viu Tiago saindo do banheiro e indo para um dos quartos que devia ser o de Nina.

Não resistiu e foi até a estante. Novamente seus dedos tocaram o símbolo dourado de um peixe na capa preta de um grande livro.

– Você está curioso sobre este livro. Não está? – perguntou a velha voz do Sr. José às suas costas.

– Sim, estou – Pedro respondeu sem olhar para trás. Seus dedos quase ousaram virar aquela capa negra.

– Tato me contou que você gosta de livros e histórias de magia.

– Este livro fala mesmo sobre todos os assuntos que existem no mundo? – Pedro virou-se para o Sr. José com a interrogação atravessando a desnecessária lente redonda de seus óculos.

– Sim – respondeu o Sr. José. – Diga um assunto e eu mostrarei para você. – Um sorriso misterioso esticou o lábio direito do velho.

– Magia. Ele fala sobre magia? – Pedro tentou esconder o entusiasmo na voz.

– Magia? O que é magia para você, garoto Pedro?

– Magia são coisas fabulosas, maravilhosas, que ninguém consegue explicar.

– Ah, sim... – o Sr. José fez uma expressão de quem havia encontrado uma moeda. – Este livro fala sobre magia. – Venha, me empurre até a outra sala.

Pedro temeu que o homem estivesse fugindo do assunto. Ele fora muito direto. Devia ter perguntado sobre outras coisas primeiro. Por que foi falar justo sobre magia? Ele tinha pensado que seria tão fácil assim que um bruxo revelasse todos seus mistérios, numa única pergunta?

– Pegue o primeiro livro de capa preta, Pedro. – O Sr. José apontou para a estante do outro cômodo. Pedro obedeceu e lhe entregou o livro, que era o mais velho e surrado de todos da pilha. – Vamos para a outra sala.

O garoto colocou a cadeira de rodas onde o homem mandou e, obedecendo à outra ordem, sentou-se com o pesado livro de capa preta sobre o colo.

– Você quer ler sobre magia, certo? – Pedro apenas assinalou afirmativamente com a cabeça. – Abra o índice primeiro.

Assim que o garoto obedeceu, o Sr. José ordenou:

– Procure por Êxodo no índice. Depois vá até a página indicada, procure pelo capítulo 7 e leia o verso assinalado com o número 10.

– Pronto – respondeu Pedro depois de quase um minuto.

– Leia para mim.

– “Então, Moisés e Arão se chegaram a Faraó, e fizeram como o Senhor lhes ordenara; lançou Arão a sua vara diante de Faraó e diante dos seus oficiais, e ela se tornou em serpente.”

– Isso é magia? – perguntou o Sr. José com uma nuvem misteriosa sobre o olhar.

– S... S... Sim... – titubeou Pedro. – Acho que é.

– Agora leia o verso 12.

– “Pois lançaram eles cada um a sua vara, e elas se tornaram em serpentes; mas a vara de Arão devorou as varas deles.”

– Avance até o capítulo 9 – o Sr. José já havia passado as folhas do livro que estava em suas mãos – e leia o verso 23.

– “E Moisés estendeu a sua vara para o céu; o Senhor deu trovões e chuva de pedras, e fogo desceu sobre a terra; e fez o Senhor cair chuva de pedras sobre a terra do Egito” – Pedro leu.

– O que me diz?

– Sim. Eles são bruxos – os olhos de Pedro resplandeciam. – Moisés usou até um cajado para fazer as magias.

– Calma, garoto. Não tire conclusões tão apressadas. Volte lá no índice. Procure por um livro intitulado “João” e leia para mim os versos 7, 8 e 9 do capítulo 2.

Pedro demorou um pouco mais para encontrar este. Estava relacionado entre outros livros intitulados “Novo Testamento.” Finalmente leu:

– “Jesus lhes disse: Enchei d’água as talhas. E eles as encheram totalmente. Então, lhes determinou: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram. Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo.” – Pedro fitou bem a palavra “Jesus”. Seria o mesmo que ele estava pensando?

– Volte ao livro de Êxodo, Pedro. E leia o capítulo 3, versos 2 a 4.

– “Apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo, no meio duma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. Então, disse consigo mesmo: Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima? Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui!”

– Varas que viram serpentes, tempestades de raios, água que se transforma em vinho e uma sarça que não é consumida pelo fogo. Mas permita-me mostrar uma maravilha ainda maior e o seu autor. Gênesis 1, verso 3.

– “Disse Deus: haja luz; e houve luz.” – Pedro levantou os olhos. – Que livro é este que estamos lendo?

– Este livro, meu filho, é a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, O Livro Sobre Todos os Assuntos que Existem no Mundo.



Pedro meneou a cabeça. Já ouvira falar antes sobre a Bíblia, mas nunca folheara uma antes. Seus pais tinham padrões morais aceitáveis, até mesmo faziam constantes obras de caridade. Nunca disseram não acreditar em Deus, mas também nunca se esforçaram para dar qualquer tipo de ensino religioso dentro de casa.

– Então... – esforçou-se para dizer – Esta Bíblia é aquela? O livro das igrejas? – Pedro parecia estar procurando as palavras certas para a pergunta.

– Exatamente. Só que ela dá outro nome para o que você chama de “magia”.

– E qual é o nome?

– Milagre, Pedro – o Sr. José sorriu paternalmente. – A Bíblia chama essas coisas incríveis de milagres.

– Esse Jesus sobre o qual eu li – Pedro folheou o grande livro como se fosse encontrar o nome em todas as páginas –, também é o Jesus das igrejas?

– Sim.

– Ah... Mas Ele não casou com Maria Madalena?

– Hahahaa... – o velho homem não conseguiu conter a gargalhada. – Onde você leu essa barbaridade?

– Ora, num dos livros que tenho.

– Numa ficção, certo? – o Sr. José inclinou-se para frente.

– É... Bem... Sim... É uma ficção, mas baseada em documentos.

– Ah, claro – o Sr. José encostou-se novamente na cadeira. – Que documentos?

– Aí já não sei.

– Você acredita então na ficção baseada em documentos que você não conhece?

Pedro pensou um pouco. Olhou para o livro em suas mãos.

– Agora já não sei mais – confessou o garoto. – Nunca tinha pensado dessa forma, pois, quando eu li, pareceu tão certo, tão óbvio – Pedro respirou. – Mas também não sei se acredito nesse Deus ou em Jesus...

– Olhe, Pedro, a simples existência desse livro chamado Bíblia, no seu colo agora, é uma prova da existência de Deus.

– Como assim?

– Você conhece algum outro documento que tenha durado mais de 3.500 anos e seja tão popular como a Bíblia? – Pedro simplesmente meneou a cabeça negativamente. – Pois então, o Êxodo e o Gênesis têm mais ou menos essa data. E o livro de João tem quase dois mil anos. Deus preservou essas palavras até hoje para que eu e você pudéssemos partilhá-las. Mais que falar sobre todas as coisas do mundo, este livro fala sobre as pessoas. Fala de mim e de você, Pedro.

Tiago entrou na sala justamente quando se fez o silêncio da afirmação de seu avô. Olhou para os dois, que estavam com uma expressão estranha e cada um segurava uma Bíblia. Sentiu um nó no peito, pois não era todo mundo que aceitava sua religiosidade.

– Do que vocês estavam falando? – perguntou Tiago, com certo receio de obter a resposta.

– Sobre a Bíblia. – respondeu Pedro. – Você é cristão, Tato?

– Sou. – A resposta não demorou um segundo para ser dada.

– Eu não sabia. Por que você não me falou?

Tiago teria um milhão de respostas para aquela pergunta, a maioria delas simples desculpas evasivas. Algumas preservariam, com certeza, qualquer ataque discriminador do amigo; outras provocariam ainda mais discussões sobre o tema.

Mas só havia uma resposta a ser dada a um amigo verdadeiro. Aliás, nesses dois meses de amizade, Tiago sentiu que ali estava uma pessoa que realmente poderia considerar um amigo. Sentou-se no sofá almofadado, ao lado de Pedro.

– Fiquei com medo – confessou sem rodeios.

– Por quê? – quis saber Pedro.

– Porque sou de carne e osso – Tiago sorriu, tentando disfarçar o nervosismo. – Pedro, não é fácil ser um garoto cristão. Na verdade, eu não queria ser diferente de todo mundo. Não queria ter que dar explicações sobre o porquê de eu não fazer determinadas atividades, sobre o porquê de eu não comer ou beber algumas coisas ou de ter determinadas opiniões sobre certos assuntos.

– Mas – Pedro olhou de soslaio para o Sr. José –, não é tão difícil ser como os outros.

– Ah, sim... é sim – suspirou Tiago. – É muito difícil quando você considera estar certo e os demais errados. Não posso simplesmente negar tudo o que acredito.

– Eu não entendo. – Pedro fechou delicadamente o grande livro em suas mãos.

Tiago e o avô trocaram olhares. Até pareceu que compartilharam algum pensamento.

– E você quer tentar entender? – perguntou o Sr. José.

A resposta demorou para vir. Pedro realmente não sabia o que dizer. Não era exatamente o que ele estava esperando. Sentia-se um tanto decepcionado, pois esperava ser aquela uma família de bruxos e não de cristãos. Mas, enfim, o que ele tinha a perder?

– Quero. Quero tentar entender – disse Pedro.

– Olhe, Pedro – disse o Sr. José. – Tiago me contou que você gosta de histórias. Vamos marcar um dia e eu vou contar algumas para você. Estou vendo que você tem algumas ideias muito vagas sobre Deus e Cristo. Antes de qualquer coisa será preciso você compreender quem é Cristo e, a partir daí, tudo será muito mais simples.

O temor havia abandonado um pouco Tiago. Ele era um adolescente, e adolescentes estão sempre temerosos de cometer alguma gafe que os excluam da aceitação no grupo em que vivem. Apesar de ser jovem, ele tinha um coração firme em suas crenças. Havia sido educado numa família cristã e tinha muitos motivos – além da simples educação – para crer em Deus e ter fé em Jesus.

Combinaram um dia à tarde daquela semana – a quarta-feira – e Pedro perguntou se podia trazer alguém junto. O Sr. José aceitou mais que satisfeito.

Em seguida, Tiago e Pedro foram para a varanda da casa. Sentaram em confortáveis cadeiras de descanso e passaram a tarde jogando conversa fora.

Tiago parecia muito à vontade e, na verdade, bem aliviado, pois Pedro em nenhum momento mudou sua forma de tratamento por saber que ele era cristão.

Em certa altura da conversa, Nina apareceu onde eles estavam. Rosto corado, cabelos desgrenhados e boneca velha nas mãos, sentou-se no colo do irmão e ficou ali até a preguiça do despertar a abandonar por completo.

À tarde, fizeram mais uma refeição, em que toda a família novamente se reuniu.

– É interessante ver todos vocês reunidos assim – cochichou Pedro, com a boca cheia de pão integral.

– Meu pai não trabalha aos sábados. Foi difícil conseguir um emprego que permitisse isso, mas, enfim, ele convenceu o patrão de que precisava desse dia para descanso e atenção para nós – respondeu-lhe Tiago baixinho. – Às vezes, temos programações à tarde na igreja ou meus pais saem para fazer visitas. Hoje decidimos ficar todos em casa para nos curtirmos um pouco.

E assim foi. Nem parecia que fora daquela casa existia um mundo em movimento, *shoppings* abertos, carros transitando de um lado para o outro, estudantes assistindo palestras, pessoas trabalhando nas mais diversas atividades, viagens de negócios; enfim, o mundo continuava girando.

Ao terminarem o lanche, foram para a sala. Ali conversaram em família e Pedro sentiu-se estranhamente inserido no grupo. O Sr. Danilo fez uma série de perguntas aleatórias para ele – preferências, atividades, sobre os pais, etc. – e ele respondeu outras tantas.

Também colocaram Nina no meio da sala e a ouviram cantar.

– Essa o Tato conhece – sorriu o Sr. Danilo. – Vai lá, filho, cante com sua irmã.

– Sem chance. – Tiago ficou corado na presença do amigo. – Essa eu tenho vergonha de cantar sozinho no banheiro.

– Ele está com vergonha do Pedro – disse o avô.

– Vai lá, Tato – incentivou o curioso amigo.

– Tá bom, tá bom... – Tiago se levantou e segurou a mão da irmãzinha, que sorriu faceira para ele. – Dá o tom, maninha – disse sorridente.

Cantaram fazendo gestos:

– *Sou uma florzinha de Jesus, Sou uma florzinha de Jesus. Abro a boquinha para cantar. Fecho os olhinhos para orar. Sou uma florzinha de Jesus, sim de*

Jesus.

Todos riram com fartos aplausos. Pedro ficou boquiaberto em ver o amigo pagar aquele mico na frente dele.

– Se você contar que viu isso, eu o mato – disse Tiago, sentando-se sorridente ao lado dele. – Oh não! – exclamou ele, mas antes que pudesse impedir, sua mãe havia colocado no colo de Pedro um álbum de fotografias. – Você me mata de vergonha, mãe.

– Esse do meio, a florzinha roxa, é o Tato – ela apontou para uma foto.

Mais de uma dúzia de crianças, vestindo roupas coloridas e chapéus na forma de flores com pétalas imensas pareciam cantar “Sou uma florzinha de Jesus” no púlpito de uma igreja. Pedro não conteve a gargalhada.

– Pode rir – disse Tiago. – É duro quando se tem cinco anos e os pais vestem a gente como se fosse um girassol roxo.

– Desculpe, Tato... – Pedro enxugou a lágrima em um dos olhos. – Mas é cômico.

– Veja o resto.

Passaram uma meia hora rindo. Tinha foto da família inteira. As mais comuns eram das crianças vestidas com toalhas, imitando túnicas e turbantes. Dessas Pedro riu muito. Havia outras fantasias no que pareciam ser eventos especiais.

Noutras fotos, o Sr. Danilo aparecia com o microfone na mão, falando para várias pessoas atentas. Havia até fotos do Sr. José fazendo uso do microfone quando era, visivelmente, mais novo.

– Muito, muito legal – concluiu Pedro fechando o álbum.

Quando o sol estava para se pôr, o Sr. Danilo foi até a outra sala e pegou uma das Bíblias.

– Ok – disse ele. – Vamos fazer o pôr do sol. Bem, entre nós está o amigo Pedro, que não conhece nossa religião; portanto, eu explico que pôr do sol é como chamamos um culto familiar feito para iniciarmos e encerrarmos o sábado, nosso dia de descanso.

O garoto compreendeu a explicação e o Sr. Danilo continuou:

– Pedro, é comum que cada um no nosso culto familiar diga um verso da Bíblia. Mas notei que você não deve conhecer muitos.

Pedro assentiu com a cabeça.

– Então diga qualquer frase que venha ao seu coração. Alguma coisa que seja

boa e você deseje compartilhar.

Todos olharam para ele enquanto revolviam a memória em busca de alguma frase. Seus olhos já haviam devorado linhas e linhas de muitos livros; porém, parecia que nada era útil para aquele momento. Ficou envergonhado com todos olhando em sua direção, e sentiu-se como se estivesse vestido em uma roupa de “florzinha”, como viu nas fotos daquela família que aguardava sua frase. Pedro disse:

– Obrigado. Obrigado a todos vocês! Foi um dia muito gostoso.



Cada um disse um verso bíblico. Depois cantaram uma música e o Sr. José orou, agradecendo a Deus a presença de Pedro entre eles.

À noite, a pedido da Sra. Laís, Pedro ligou para o celular de sua mãe, pedindo permissão para que ela o deixasse acompanhá-los ao *Shopping*. Assim fizeram. Com exceção do Sr. José, que preferiu descansar, todos foram passear.

Rodaram o grande centro de compras e depois comeram numa pizzaria italiana. Na volta para casa, Nina resmungou de sono. Recusava-se dormir sem sua “neném”.

- É aquela boneca velha dela – explicou Tiago. – Ela não dorme sem ela.
- Ela não é velha – esbravejou a sonolenta Nina. – Ela é minha neném.

Deixaram Pedro no portão de casa. Devia ser umas onze da noite. E rumaram para casa.

O garoto entrou pelo portão pequeno, destrancou a porta e ouviu que sua mãe estava no quarto. Ali entrou devagarzinho, escutando o barulho do chuveiro da suíte. Ainda estava um pouco chateado; porém, o dia com a família de Tiago tinha acalmado seus nervos.

- Mãe? – perguntou pelo vão da porta do banheiro.
- Oi, filho – respondeu a voz materna lá dentro. – Acabei de chegar. Vou terminar aqui e já vou lhe dar um beijo.

Pedro foi para seu quarto. Tomou um banho e, quando estava se deitando, sua mãe veio lhe dar boa-noite. Ele pensou em contar um pouco do seu dia e estender

a conversa, mas o cansaço era visível no rosto de Isabel. Apenas a abraçou forte e entregou-se ao sono.

O domingo passou lento como deveria ser num dia de casa totalmente vazia. Nem mesmo o livro novo que sua mãe deixou como surpresa sobre a mesa da cozinha trouxe qualquer alegria para aquele dia enfadonho. Pedro sequer tirou a fita azulada que estava no livro e, simplesmente, o colocou no seu criado.

À tarde, ligou para Ana.

– Ele não é bruxo – disse depois de uns minutos. – Ele é cristão.

– Sério? Que pena! – disse Ana.

– O avô dele me convidou para me ensinar algumas coisas... Eu ainda não entendi muito bem do que se trata.

– Bem, olhemos o lado positivo – animou Ana. – Você queria aprender coisas novas, não é? Então, o avô do Tato vai lhe ensinar.

Conversaram mais uma meia hora e depois cada um entrou na internet. Conversaram novamente *on-line*.

Por volta das 17h30, o pai de Pedro, Sr. Douglas, chegou em casa. O garoto ouviu o som do carro entrando na garagem e correu para recebê-lo.

A porta bateu pesada e o Sr. Douglas, com cabelos negros despenteados, quase cobrindo os olhos fundos pela exaustão, ensaiou um sorriso quando viu o filho. Pedro correu até ele, deu um abraço fraco, pois pensou que um mais forte desmontaria o que sobrara do pai, pegou a maleta e o conduziu para a poltrona. Serviu-lhe um suco, daqueles de caixinha, e se colocou à disposição para qualquer outra coisa.

– Obrigado, filhão – disse o homem. – Não quero nada, não. Sente-se aqui comigo e deixe-me olhar para você um pouco. Deixe-me respirar o ar da nossa casa.

Estava no rosto do Sr. Douglas o abatimento pela viagem. Pedro suspeitou que nem tudo dera certo para o pai naquele fim de semana, mas, nem se perguntasse, isto seria compartilhado com ele. Afinal, era apenas um garoto de 14 anos e os adultos preferiam excluí-lo de assuntos “mais difíceis de entender”.

O Sr. Douglas não teve qualquer ânimo para conversar com o filho. Estava exausto demais. Ficou um pouco na sala e subiu para o quarto, onde adormeceu logo após o banho.

Na terça-feira à tarde, Pedro acompanhou Tiago na Escola ACP. Tato iria jogar futebol e ele aproveitou para fazer alguma pesquisa na biblioteca.

Tiago correu para a quadra onde Carlos, o capitão do time de futebol da escola, estava como monitor de recreação. Entrou num dos times para brincar um pouco e, no fim de um dos jogos, Carlos o chamou para conversar.

– Quem é você? – perguntou o monitor.

– Tiago Dantas.

– Você é aluno do professor Jorge? – Tato apenas assentiu com a cabeça. – Ele já o viu jogar?

– Sim.

– Ele já o viu jogar desse jeito? – Carlos apontou para a quadra onde o outro time estava jogando agora. Tiago tinha feito cinco gols durante os 15 minutos de sua partida.

– É, acho que sim – Tiago coçou a cabeça.

– Caramba! E por que você não está no nosso time? – exasperou-se o capitão. – Vou falar com o professor Jorge.

– Não! – Tiago quase gritou ao ver Carlos virar as costas. – Espere. Eu fui convidado... Mas... Mas não pude entrar.

– Não pôde? – Carlos voltou-se para ele. – Por que não pôde?

– É... Bem... Eu sou cristão.

– E daí. Eu também sou.

– Eu sou um guardador do sábado. E os treinos são aos sábados, não são?

– Ah, tá... – o capitão parecia medir Tiago com os olhos e refletir sobre a afirmação. – Sem problema. Nós conversamos com seu pastor e pegamos uma liberação com ele. Que tal?

– Desculpe, mas não funciona assim.

Tiago já perdera a conta de quantas vezes ouvira antes que deveria “pegar uma autorização do pastor” para poder fazer as coisas aos sábados. As pessoas não conseguiam entender que aquilo era um princípio verdadeiro para ele. Era um dos dez mandamentos de Deus, estava escrito ali, no quarto mandamento. Seria o mesmo que pedir para o pastor deixar mentir, roubar, adulterar, ou até mesmo matar.

– Entendo – disse Carlos. – Tiago, você joga muito bem para estar fora do time e do campeonato interescolar. – Ele se sentou e convidou com a cabeça para que Tiago fizesse o mesmo. – Se eu resolver seu problema do sábado, você entra para o time?

– Como assim?

– Responda-me.

– Se não precisar treinar nem jogar aos sábados, eu entro.

– Fechado! – Carlos estendeu a mão em cumprimento e sorriu alegremente. – Apite a próxima hora de jogo pra mim – disse, estendendo-lhe o apito. – É hora de trabalhar pela escola. – Levantou-se e subiu apressadamente as escadas para o pátio central.

No dia seguinte, quarta-feira, por volta das 14 horas, a campainha da casa de Tiago soou. Ele correu para abrir o portão, pois já esperava que Pedro chegasse. Porém, seus olhos se arregalaram diante da companhia do amigo. Ao lado dele estava a sorridente Ana.

Tiago convidou os dois amigos para entrarem. Passaram pelos cômodos até chegarem na sala dos livros, onde já estava o senhor José. Cabelos brancos e fartos, perfeitamente penteados, pareciam um chapéu de lã. O velho homem apontou as almofadas no chão, onde os jovens se sentaram.

– Muito bem – começou o Sr. José. – Vejo que não conheço essa linda jovem que também está aqui. Ana? – Ela balançou a cabeça e as sardas de seu rosto se juntaram com seu sorriso. – Acertei. Tato havia me falado de você. Pedro leu em um certo livro por aí que Jesus casou-se com Maria Madalena e teve uma linhagem de filhos e filhas. Bem, eu não acredito nisso. Eu acredito na Bíblia. – Ele tocou no velho livro em suas mãos. – E a minha Bíblia não diz nada disso.

O avô continuou:

– Para eu poder explicar quem é Jesus, tenho que começar, claro, do começo. Pedro e Ana, Jesus não é um simples personagem histórico. Jesus não é fábula nem invenção humana. Ele também não é um espírito humano evoluído que chegou à semelhança com Deus. Ele é mais que isso tudo.

– Tato, o que é eterno, meu neto?

– É o que sempre existiu, existe e sempre existirá. – explicou o garoto, também sentado ao lado dos amigos. – Eternidade é um “para sempre” para trás e para frente. Sem início nem fim.

– Perfeito – disse o Sr. José. – Alguém tem alguma dúvida sobre esse conceito? – Os outros dois não disseram nada. – Então, continuemos. Deus é eterno. Sempre existiu e sempre vai existir. Num determinado tempo, Deus decidiu criar o Universo. Noutro tempo, decidiu pôr nele a vida. Criar seres pensantes. Existe uma enorme possibilidade de existirem outros mundos com vida

inteligente, criados por Deus. Estes outros mundos não teriam “caído em pecado”, como vamos logo entender. Talvez os anjos tenham sido Suas primeiras criaturas. Eles são Seus mensageiros. Levam Sua palavra para todos os outros mundos e o adoram diante de Seu trono. Entre esses anjos, existia o mais belo de todos, o mais inteligente e um músico de excepcional qualidade; dizem até que era o regente do coro celestial. Ele se chamava Lúcifer. Mas ele começou a nutrir um estranho desejo: ser honrado como um ser divino. Enquanto isso, Deus planejava a criação dos seres humanos.

Pedro e Ana prestavam atenção. O Sr. José continuou:

– A soberba encheu o coração de Lúcifer, dando lugar ao egoísmo e questionamentos estranhíssimos sobre o Criador. Lúcifer passou a desejar o trono de Deus. Ele quis ser o próprio Deus. Em Sua infinita sabedoria, Deus sabia o que se passava no coração desse anjo. Por muitas vezes, conversou com ele, falando amorosamente e alertando sobre o caminho que se descortinava à frente dele. A verdade é que Deus, sendo onisciente, já havia previsto que uma rebelião daquela natureza poderia ocorrer. Esse era o risco em se criar seres com livre-arbítrio; ou seja, que estariam livres para escolher entre o caminho certo e o errado, entre a luz e as trevas. Porém, o que seriam os anjos sem essa liberdade? Seriam apenas criaturas robotizadas, agindo automaticamente, sem possibilidade de escolha.

Os garotos pareciam demonstrar muito interesse naquela história, que continuava:

– Lúcifer começou a espalhar sua teoria pelo Céu. Falava com os anjos. Convocava reuniões. Questionava por que somente Deus podia ser adorado? Por que os anjos também não mereciam adoração? Por que os anjos não podiam ter o poder de projetar, criar e governar com todo o conhecimento que haviam recebido diretamente de Deus? Ele dizia ser amoroso, mas na verdade era um tirano autoritário sentado em Seu trono. Todos podiam ser como Ele, se assim desejassem. Essa era a base da teoria de Lúcifer. Com ela, esse anjo arrebatou um terço das hostes celestiais, gerando a primeira discórdia no Universo.

O Sr. José percebeu o espanto no rosto de Pedro e Ana.

– Isto mesmo, um terço dos anjos aceitou a absurda teoria de Lúcifer e concordaram em segui-lo. A Bíblia diz que esses anjos foram expulsos do Céu. A partir daí, creio que eles passaram a bater de porta em porta nos planetas que Deus havia criado. Ali Lúcifer apresentava sua teoria absurda e era expulso. Ninguém quis saber das ideias tresloucadas dele. Imaginem agora os anjos

expulsos do Céu que acreditaram que iriam encontrar um planeta onde seriam deuses, agora se viam perdidos, seguindo Lúcifer por todo o Universo. Eles se tornaram “sem-teto” agora. Passaram em todos os planetas, e não encontraram guarida. Mas vocês nem imaginam onde eles vieram parar. Não imaginam qual foi a raça que disse sim à absurda ideia de Lúcifer.



ASra. Laís trouxe uma tigela de pipoca e sentou-se no sofá com um prato menor no colo. Ela adorava ouvir aquela história sempre que seu idoso pai a contava. A garotada olhava fixamente para o homem na cadeira de rodas, enquanto mastigavam pipoca.

– Um único planeta não fora visitado. Era um mundo recém-criado por Deus, pelo qual Ele tinha muito carinho, pois ali Ele havia criado um ser à Sua imagem e semelhança. Ele criou o planeta Terra e, do pó da terra, formou o homem. Algum de vocês acredita que veio de um macaco?

Ninguém respondeu afirmativamente e só Tiago balançou a cabeça dizendo que não acreditava.

– Tato, de onde você veio? – perguntou o Sr. José.

– Venho das mãos do meu Senhor. Sou criado por Deus, filho do Seu amor – o garoto respondeu com o peito estufado.

– É preciso muita fé para acreditar que alguém veio de uma ameoba ou de um macaco – resmungou o Sr. José. – Somos filhos de Deus. Adão e Eva foram criados por Deus. Eles viviam num jardim chamado Éden, repleto de animais e frutos de todos os tipos. Então, Deus disse a Adão e Eva que podiam comer de todas as árvores do jardim, menos de uma, a chamada “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”. Se comessem do fruto de tal árvore, eles iriam morrer.

Os garotos continuavam mastigando as pipocas.

– Esse era o teste de fidelidade para o primeiro casal. Uma simples questão

de obedecer ou não ao Criador. Lúcifer viu aqui a situação perfeita que ele esperava. Bastava seduzir Adão e Eva para arrebatá-los o governo do planeta Terra e mostrar a todo o Universo a tirania do Criador. Mas, dessa vez, ele usou uma tática mais sutil. Arditamente, arquitetou um plano de abordagem e concluiu que o engano seria a mais poderosa de suas armas. Apossou-se de uma serpente e armou uma cilada para colocar seu plano em ação.

Pedro e Ana nem piscavam.

– Certo dia, o jovem casal se separou. Eva, distraída com suas tarefas no jardim, acabou por aproximar-se da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Ali, uma voz gentil a chamou. Ela não deveria ter dado ouvidos à voz, mas alguma coisa a levou a se aproximar. Ela percebeu a presença de uma serpente na árvore, cujo corpo refletia a cor do ouro e os olhos traziam o brilho da sedução. “Deus disse que vocês não podem comer de nenhuma fruta do jardim?”, foi com essa astúcia que a serpente começou a conversa com Eva. “Não, nós podemos comer de todas as árvores, menos desta. Pois, se dela comermos, morreremos”, foi o que Eva respondeu ao animal. “É mentira”, disse a serpente para Eva. “Deus tem medo que vocês comam este fruto e fiquem iguais a Ele. Se comer, você não vai morrer, mas seus olhos irão se abrir e você será como Deus, pois terá conhecimento do bem e do mal.”

O Sr. José conseguira atrair totalmente a atenção dos garotos.

– Imagino que a serpente mordiscava um dos frutos enquanto falava, para provar que Deus havia mentido. O coração de Eva havia se enchido de dúvidas. Havia Deus realmente mentido para ela? Ela não morreria se comesse daquele fruto? Poderia ela ser como Deus? A serpente estendeu-lhe uma das frutas e ela a pegou. Imagino que nessa hora as hostes de anjos celestes estavam todas prontas para atender a uma ordem do Criador e acabar com o teatro de Lúcifer. Mas Deus não podia fazer isso. Se impedisse a escolha de Eva, ele seria acusado de tirania pelo Universo inteiro.

A fruta brilhava nas mãos de Eva e, ao mesmo tempo, a atraía. Ao morder, poderia provar do mesmo poder de Deus? Enfim, fechou os olhos e provou do fruto proibido.

O semblante de Pedro e de Ana era de decepção. E o avô continuou:

– Com o fruto na mão, Eva se apressou para encontrar-se com Adão. E, aqui, ela passou a desempenhar o papel da serpente, apresentando ao marido a teoria sobre um Deus mentiroso. Ela disse que poderiam ser deuses juntos, pois seus olhos se abririam. Adão não resistiu à ideia de ficar sem sua esposa. Ele a amava

demais para deixá-la morrer, e preferiu unir seu destino ao dela. Então, tomou-lhe o fruto das mãos e também o provou.

– Garotos – o Sr. José continuou com ar solene –, esse foi um dos grandes momentos da história deste mundo. O momento em que o homem escolheu a mentira em vez da confiança. Preferiu acreditar numa explicação absurda a ter fé nas palavras do Criador. “Deus é mentiroso”, dizia a serpente, e continua dizendo isso aos nossos ouvidos até hoje. Ele diz que a Bíblia é uma farsa, que Deus não existe e cria um monte de argumentos absurdos, para tentar fazer a gente acreditar neles. “Vocês não morrerão”, ele insiste. Diz que o espírito é imortal, que reencarnaremos uma porção de vezes, que até podemos falar com os mortos. “Vocês serão como Deus”, ele gosta de insistir nessa tecla. Vocês já ouviram dizer por aí para libertarem o deus que está em seu interior? Que vocês são deuses e basta liberar esse poder? Que vão reencarnar até que seu espírito evolua e vocês se tornem deuses? Então, aí está a mesma mentira do anjo caído.

O Sr. José fez uma pausa, e depois continuou:

– Só existe um mentiroso nessa história, crianças. E nem preciso dizer quem é. No momento da queda, Deus foi até o jardim. Adão e Eva se esconderam dEle. Acusaram um ao outro. Lúcifer pulava de alegria, vibrava. Se Deus não matasse o primeiro casal, ele ia sair gritando aos mundos: “Deus é mentiroso, é um fraco. Falou que ia matar se comessem do fruto e não matou.” Se, ao contrário disso, Deus matasse Adão e Eva, o inimigo já tinha seu discurso pronto: “Deus é tirano. Mata quem não obedece. Se alguma criatura desobedecer, Ele simplesmente mata. Este é Seu reino de medo e terror.” Mas nosso Deus tinha um plano especial com o qual Lúcifer não contava. E eu vou revelar para vocês na próxima semana.

– Aahhh – disseram Ana e Pedro, enquanto Tiago sorria, colocando a tigela vazia ao seu lado.

– Isso mesmo, papai – disse a Sra. Laís. – Deixe-os bem curiosos.

Os garotos levantaram-se após uma oração do Sr. José e tomaram um chá que a Sra. Laís havia preparado. Nina estava sentada na cadeirinha tomando iogurte depois do seu sono da tarde. Ana e Pedro se despediram de todos e caminharam para casa.

O assunto não foi outro: falavam unicamente sobre as implicações da história do Sr. José: a criação do Universo por Deus, a revolta de Lúcifer, a queda de Adão e Eva.

– O que será que acontece depois? – perguntou Pedro. – O que Deus fez para consertar aquela situação? Certamente ele não matou Adão e Eva, pois não

estariamos aqui hoje.

– Ele deve ter criado o inferno para onde manda quem escolhe a teoria de Lúcifer.

– Inferno?

– Sim, você sabe. Onde os maus queimam eternamente, atormentados por demônios.

– Eu hein! – Pedro fez uma cara de calafrios. – Mas não seria um contrasenso afirmar isso? Deus não é amoroso? Como Ele manteria um lugar de tormento eterno e, ainda por cima, comandado por demônios?

– Ah, Pedro! Não me faça perguntas que eu não sei responder.

No dia seguinte, durante a aula de Biologia, a professora Beatriz foi interrompida por alguém que batia à porta. O professor Jorge, trajando sua surrada camisa de time de futebol e com o apito pendurado no pescoço, sussurrou-lhe algo aos ouvidos. Ela ficou visivelmente irritada, olhando com desdém para a cara suplicante do professor de Educação Física. Finalmente, virou-se para a turma e disse:

– Tiago, pode sair.

Tiago não entendeu o motivo daquela ordem e caminhou para a porta. Ali fora, o professor Jorge ostentava uma cara mais amarrada que nunca e, ao lado dele, estava o sorridente capitão do time, Carlos.



— **V**enham comigo – disse Jorge, batendo o calcanhar e andando apressadamente pelo corredor.

Tiago olhou para Carlos enquanto caminhavam, tentando tirar alguma informação; porém, só obteve um sussurro dele: – Mantenha-se firme.

Entraram na sala dos professores, vazia naquela hora. Sentaram numa poltrona de couro negro, velho e rasgado em alguns lugares. O treinador puxou uma cadeira e se sentou nela, apoiando os braços onde era o encosto para as costas. Um olhar frio e medonho, rodeado por traços marcantes, inundou todo o seu rosto.

– Que palhaçada é essa, Sr. Dantas? – disse entre os dentes.

– ãh?

– Fala logo, moleque. O que você quer?

– Bem, Tiago – começou Carlos, com um tom bem mais sereno que o treinador. – Eu avisei o professor sobre nossa decisão.

– Que decisão? – perguntou o desentendido Tiago.

– A de que nosso time não vai mais jogar sem você – Carlos disse com a mesma serenidade.

– Eu não vou aceitar isso. – O professor Jorge pareceu rodar a língua dentro da boca e mastigá-la. – Vocês não podem fazer isso.

Ele olhou pensativo para os dois garotos. Carlos era aluno do terceiro ano e parecia conhecer muito bem o professor à sua frente. Depois de ruminar um pouco

a própria língua, o treinador disse:

– Está bem. Quero um teste primeiro. Eu compro a briga se Tiago se sair bem nele.

– O que tenho de fazer? – perguntou Tiago ainda sem entender nada.

– Carlos, reúna o time inteiro hoje, às 14 horas, na quadra dois – o professor disse como se não tivesse ouvido a pergunta. – Se faltar um único jogador, podem esquecer essa ideia absurda. – Virou-se para Tiago e o fulminou com um olhar que parecia faiscar. – E você, esteja lá.

O treinador levantou-se e saiu da sala batendo os calcanhares.

– O que eu tenho que fazer? – perguntou Tiago novamente.

– Acho que uma coisa bem simples – Carlos sorriu, considerando-se vitorioso na conversa. – Gols.

Às 14 horas Tiago estava na quadra cheia de alunos. Parecia que o time inteiro estava ali – como de fato estava. Pedro, a seu convite, o acompanhava. Os murmúrios da garotada inundavam a quadra inteira e alguns deles trocavam passes com algumas bolas na quadra.

O professor Jorge desceu as escadas e soou seu apito. Os alunos ficaram em volta dele.

– Vocês estão aqui para uma coisa simples – disse o treinador, com tom de capitão do exército. – Quero ver vocês jogarem. Se tiver algum molenga aqui que pensa em facilitar esse treino e favorecer alguém, pode ir desistindo dessa ideia. Se eu vir o mínimo traço de facilitação, quem vai desistir de treinar esse time sou eu. Não ensino covardes; ensino jogadores de verdade. Agora quero ver o time titular em campo.

Os jogadores vestiram uma camiseta amarela e se posicionaram em um dos campos. O capitão Carlos se aproximou do professor e disse:

– Eu estava pensando em colocar o Tiago na ponta direita do ataque e...

– Eu estava pensando em mandar você ficar lá na sua posição – sentenciou o treinador. – Tiago vai treinar no time reserva. – E jogou uma camisa azul para ele à sua frente. – Vai!

Cada time se posicionou do seu lado do campo. No grupo titular, Marcos, o garoto espinhento que não ia muito com a cara de Tiago, estava no gol. Um garoto bateu no ombro de Tiago e acenou positivamente com a cabeça.

Ao som do apito do professor Jorge, o jogo começou. Tato encontrou

dificuldades para se achar no meio do time reserva. Realmente, o titular era bem superior. Travavam as bolas e nenhum passe conseguia terminar em seus pés. Tomaram dois gols já de início. Tiago recuou, aproximando-se bem da defesa, mas, mesmo assim, dois marcavam seu desempenho.

Recuou mais, acompanhando a saída da bola. Pediu para o goleiro Júnior simplesmente colocar a bola no chão e jogá-la levemente para frente, colocando-a em jogo. Quando a bola foi lançada dessa forma, Tiago acertou um chute que atravessou a quadra inteira, explodindo no ângulo direito do gol adversário.

– Pura sorte – disse o treinador, deixando o apito cair da boca.

Tiago travou a saída da bola e novamente deu um chute certo. Outro gol. Em seguida, tomaram mais um e outro gol do time titular. Quatro a dois.

A saída foi voltar para a defesa, tentar ministrar os passes rapidamente, mas o time reserva era bem inferior ao titular. Marcos defendeu dois de seus chutes a gol.

Num dos ataques adversários, seu colega de time roubou a bola e rolou para ele. Perto do gol, Tiago fez um passe devolvendo a bola. Outro gol. Quatro a três. O goleiro reserva conseguiu defender o ataque. Entregou a bola para Tiago, que a conduziu sozinha pelo campo inteiro, deu dribles desconcertantes no time titular, tabelou com o outro atacante e fez mais um gol. Quatro a quatro.

Quinze minutos de bola correndo velozmente pelo campo e o treinador soou o apito, anunciando o fim do primeiro tempo.

A garotada ofegava e suave na quadra coberta com um alto teto de zinco. Lá fora o sol estalava no metal polido, trazendo um calor ainda mais intenso ao corpo dos jogadores. Cinco minutos de descanso e o professor Jorge jogou no colo de Tiago uma camiseta titular amarela.

– Ponta-direita. No lugar do Cleverson.

Tiago fez a diferença no time titular e uma única palavra pode descrever os 15 minutos de jogo que seguiram: massacre. Oito gols, sendo seis de Tiago, contra zero do time reserva.

– Eu quero esse moleque no meu time! – resmungou o treinador, sem notar Pedro vibrando ao seu lado.

No fim do segundo tempo, os meninos se agruparam ao redor do professor Jorge. Alguns se apoiavam nos joelhos, pois o ritmo do jogo havia sido intenso.

– E então? – perguntou Carlos ofegante.

– E então é que ninguém aqui vai parar de jogar por causa do problema desse

moleque. – Todos olharam para o treinador. – Diga, Tiago, com quem eu tenho que conversar para autorizar você treinar e jogar no campeonato aos sábados? Seu pai? Sua mãe? O bispo da sua igreja? Sei lá. Quem?

Tiago estava arfando demais para responder e Carlos o ajudou.

– Já conversei com ele sobre isso. Não existe essa tal autorização. Ele não vai jogar ou treinar aos sábados. É a religião dele, e devemos respeitar.

O treinador havia reservado sua careta mais feia para aquele momento. Rugas encheram seu rosto, que se avermelhou, e os olhos estavam tão juntos que ele parecia um ciclope. O que era aquela expressão, ninguém conseguiu decifrar.

– Então... certo, certo, certo... – Ele tirou o apito do pescoço. – Preparem seus argumentos. Vamos falar com o diretor e tentar convencê-lo a nos ajudar a mudar toda a grade do campeonato.

A galera vibrou e um sorriso de satisfação inundou o rosto de Tiago.



Depois do teste, os alunos passaram a decidir qual seria o melhor dia para os treinos. Muitos tinham atividades à tarde durante a semana; outros, nos fins de semana. Finalmente entraram num consenso: os treinos seriam às terças-feiras, das 14 às 16 horas. Perfeito para todos.

O resto da semana passou voando. Uma aula atrás da outra, com atividades escolares, preencheram bem o calendário dos alunos.

Na quinta-feira, Pedro estava em seu quarto terminando um trabalho de geografia. Já passavam das 17 horas, e estranhou Cida não ter subido para lhe trazer qualquer coisa para comer. Foi até a cozinha ver se achava alguma coisa para beliscar na geladeira e acabou surpreso com o que viu.

Sua mãe já havia chegado em casa – coisa incomum, pois costumava sempre aparecer depois das onze da noite. Ela estava sentada numa cadeira, inclinada com a cabeça e com os braços apoiados na mesa de vidro. À frente dela, estava Cida que, visivelmente, a consolava de alguma coisa.

– Mãe? – disse Pedro. – Tudo bem com você?

A Sra. Isabel levantou o olhar, não sem antes esfregar o rosto na manga da blusa. Seus olhos vermelhos não conseguiram ser disfarçados pelo sorriso forçado.

– Tudo bem, filho – disse ela. – Eu e a Cida... Bem..., a gente estava só conversando.

– Quer um suco, Pedrinho? – perguntou Cida, tentando desviar o foco de sua

atenção.

– Mãe, está tudo bem mesmo? – Pedro se aproximou.

Ele ficou realmente preocupado. Vasculhou a memória para tentar se lembrar de outra ocasião em que vira a mãe chorando. Não conseguiu se lembrar de nenhuma. A Sra. Isabel era uma mulher simpática e sorridente. Sua personalidade forte parecia não combinar com aquele rosto vermelho de sua mãe.

– Está, sim, meu querido. Sente-se aqui comigo. – Ela apontou para a cadeira ao seu lado. Pedro sentou. – A Cida estava me contando umas coisas. Sabe, coisas de mulheres. Eu contei outras para ela. Aí me emocionei. Só isso.

– Está tudo bem com você e com o papai? Vocês não estão pensando em... em... Você sabe, se separarem?

Ao ouvir “coisas de mulheres”, esse foi o único assunto que veio à mente do garoto. Um medo intenso o inundou ao fazer essa pergunta. Imaginou que, assim como para ele estava sendo difícil curtir a ausência dos pais, para eles também não deveria ser nada fácil viver uma vida conjugal daquela forma. Praticamente não os via juntos, vivendo como marido e mulher.

– Nãããã, Pedro – ela o tranqüilizou, usando os dedos mindinhos para enxugar um pouco mais os olhos. – Não é isso, não, filho. Eu amo seu pai, ele me ama. Estamos muito bem. – Ela pensou um pouco e decidiu falar: – Tem sido difícil nossa correria, mas estamos bem, meu filho. Não se preocupe com isso. Como eu disse a você, apenas fiquei emocionada com a conversa que tive com a Cida.

Embora não muito convencido, Pedro aceitou a desculpa da mãe. Sentou-se ao lado dela e tomou o suco servido por Cida, que se despediu em seguida.

– Vou tomar um banho – disse a Sra. Isabel. – Escolha um filme para assistirmos juntos.

Pedro quase deu um salto da cadeira. Não acreditava. A mãe não iria estudar naquela noite. Fariam pipoca e assistiriam filmes até seu pai chegar. Correu para o quarto e tomou um banho rápido, metendo-se em um pijama e escolheu três filmes, entre os vários de sua estante.

Sentou-se no sofá branco da sala e ligou a televisão, colocando uma música qualquer para tocar no DVD. Minutos depois, a Sra. Isabel passou pela sala com um sorriso de mãe e foi para a cozinha, voltando em seguida com um prato de petiscos, pipoca e refrigerante, colocando-os jeitosamente na mesa de centro.

A sala era ampla, bem iluminada e com uma TV de vinte e nove polegadas

em uma das paredes. Três sofás brancos e uma poltrona da mesma cor rodeavam a tela. Uma perfeita sala de estar, com som agradável e bem distribuído.

– Qual vamos assistir? – perguntou a mãe.

– Eu peguei três – Pedro estendeu-lhe as caixas de DVDs. – Pode escolher.

– Hmm... – pensou ela e apontou para um deles. – Quero este.

Pedro virou-se para o aparelho, apertou o botão e inseriu o disco que foi engolido em seguida pela máquina.

Sentou-se aconchegado nos braços da perfumada mãe e olhou para a tela do televisor que já anunciava alguns *trailers* de outros filmes. De repente, o garoto apertou o “pause”.

– E se a gente conversasse um pouco no lugar de assistir ao filme? – sugeriu Pedro timidamente. Sua voz saiu baixo para os ouvidos da mãe.

Ela o abraçou mais apertado. Sentia-se cansada e acreditava sinceramente que iria adormecer durante o filme. Isabel não estava se sentindo muito bem naquele dia e ficar em casa foi uma decisão tomada para evitar o mundo lá fora. Não sabia exatamente qual o assunto que seu filho iria trazer para conversarem, mas, mesmo assim, considerou importante ouvir o que o menino tinha a dizer. Afinal, fazia muito tempo que não conversavam.

– Claro! – finalmente ela respondeu. – Você começa.

Pedro respirou fundo, recostado no colo da mãe. Parecia estar escolhendo o tema da conversa ou procurando uma forma de perguntar aquilo que estava pensando.

– Você acredita em Deus, mãe? – perguntou ainda encostado, sem voltar o olhar para a Sra. Isabel.

– Estranho você me perguntar isso – disse ela, acariciando os cabelos do filho.

– Por que estranho?

– É... bem... – foi a vez dela escolher as palavras. – Coincidentemente, era este o assunto que eu estava conversando com a Cida quando você chegou.

– E por que você estava chorando por estar falando em Deus?

Desta vez o silêncio foi bem maior. Pedro chegou a virar-se no colo da mãe para olhar para ela. Isabel apenas deu um disfarçado sorriso. Ela conteve uma lágrima. Não pretendia chorar na frente do filho.

Pedro rodou e escorregou em seu colo, estirou as pernas no sofá e deitou-se

ali, olhando para a mãe.

– Ai, filho! – sua expressão foi de quem tinha sido apanhada em flagrante. – Você tem mesmo que perguntar essas coisas? – Pedro sorriu-lhe e ela continuou. – Está bem, vou lhe contar. Eu estava desabafando um pouco com a Cida. Falando de como estou cansada e tal, essas coisas que você sabe. Também falei que sinto falta de ficar com meu filhote – a mãe fez cócegas na barriga dele – e com meu marido. Foi quando ela veio me consolar e falou um pouco de Deus. Eu me emocionei. Você sabe como a Cida tem o dom de dizer o que a gente precisa ouvir. Comecei a chorar e você chegou. Por isso, achei interessante a coincidência de você perguntar sobre Deus. Só isso.

– Entendi – disse Pedro no aconchego do colo da mãe. – Mas você acredita em Deus?

– Acredito... Bem, acho que acredito. Você sabe, não viemos de uma família que tenha fé em alguma coisa, mas nós sempre acreditamos na existência de um Ser superior que, de alguma forma, comanda tudo. Eu e seu pai nunca demos muita atenção a isso, você sabe muito bem. Nunca demos qualquer tipo de educação religiosa para você. Pedro, meu filho, você tem sentido falta de algo desse tipo?

– Não sei – respondeu com sinceridade. – Sabe, conheci um garoto cristão. Ele é da minha sala e se chama Tiago. Fui à casa dele algumas vezes e seu avô me contou sobre a criação do Universo. Eu me interessei muito sobre o tema e sobre a Bíblia.

– Filho, tome cuidado. Essas pessoas podem apresentar algumas teorias estranhas para você.

Pedro sentou-se no sofá, virando-se para ficar frente a frente com a mãe. Viu o ar preocupado estampado em seu rosto.

– Mãe, se eu dissesse que gostaria de ler um livro chamado “Bem-Vindo ao Inferno”, de um autor chamado “Senhor das Trevas”, você o traria para mim na próxima oportunidade que tivesse?



Isabel entendeu exatamente a dimensão da pergunta de Pedro. Lembrou-se dos nomes absurdos dos livros que comprara para o garoto; lembrou-se de capas horrendas, com criaturas disformes, algumas ensangüentadas, dos gibis que ele lia. Pensou que nunca parou para ler o conteúdo de tais obras, nunca monitorou o que seu filho estava lendo e qual poderia ser o reflexo daquilo na vida dele.

Sentiu-se relapsa na educação do filho. Ele estava sendo educado pelos livros, gibis e filmes a que assistia, tudo presenteado pelos próprios pais, envoltos em fitinhas coloridas. Ela estava abrindo mão da educação pessoal e direta e deixando que autores diversos tomassem conta do futuro do Pedro.

Não só ela, mas seu marido também. Não assumiria a culpa sozinha, mas não deixaria tudo recair sobre os ombros do Sr. Douglas. Os dois tinham uma parcela igual de culpa, pois ambos davam extrema ênfase à carreira e deixavam à margem de suas prioridades a educação de Pedro.

– Sim, filho. Eu compraria o tal livro sem nem perguntar pelo assunto – respondeu ela.

– Se você compraria um livro com esse nome, por que se assustar com o que eu posso aprender de um cristão? – Pedro chegou à conclusão que Isabel estava esperando.

– Você tem razão – disse derrotada. – Então, tenha cuidado com esses livros. Todos eles são bons?

– Posso ser sincero?

– Sempre.

– Tem algumas coisas escabrosas em alguns livros – sorriu.

A porta da entrada se abriu logo após o barulho de um molho de chaves. Conversando, a Sra. Isabel e Pedro nem se deram conta do barulho do carro que havia entrado na garagem. O Sr. Douglas ia passando direto pela sala, afrouxando a gravata azul embaixo do paletó preto. Parou com olhar espantado. Olhou para a sala com um olhar desconfiado e virou-se para a porta por onde entrara.

– Perdão – disse ele. – Acho que entrei na casa errada.

Douglas falou de uma forma tão séria que, por um segundo, os outros dois, aconchegados no sofá, acreditaram no que ele dissera. Depois, deram um sorriso gostoso, abrindo um espaço para o pai da família se jogar onde eles estavam.

O homem estava visivelmente estafado, com as expressões fundas no rosto e a pele oleosa de um dia intenso de trabalho. Perguntou o que os dois estavam fazendo aninhados ali no sofá, em pleno dia de semana.

– Bateu vontade de ficar com o Pedro – respondeu Isabel, não falando que estava tão estressada que não conseguiria dar continuidade ao seu dia, indo para o curso de especialização.

Douglas olhou fixamente por uns segundos para sua pasta preta deixada sobre a poltrona. Ficou óbvio que dentro dela havia um punhado de trabalho que trouxera para casa. Sua expressão cansada deu lugar a um sorriso. Ele se levantou e disse:

– Certo. Vou tomar um banho. Peçam uma pizza que também vou me aninhar com vocês dentro de meia hora.

A água do banho pareceu tirar uma tonelada das costas do Sr. Douglas. Pouco depois, vestido com um bermudão confortável e uma camiseta branca e larga, foi para a sala onde Isabel e o filho conversavam. Em seguida, a campainha soou e Pedro foi buscar duas pizzas que acabavam de ser entregues.

Fazia muito tempo que aquela família não se reunia àquela hora durante um dia de semana. Até nos feriados eles sempre estavam envolvidos com alguma atividade. Na mesa da cozinha, conversaram sobre diversos assuntos, abordando freqüentemente, alguns temas relacionados ao trabalho de cada um.

Embora Pedro tenha percebido a luta para seus pais estarem concentrados naquele momento familiar, ele flagrava expressões em seus rostos que deixavam claras as preocupações deles em terem abandonado as atividades regulares daquele dia.

– Amanhã vou ter que trabalhar dobrado no escritório – confessou o Sr. Douglas. – Eu pretendia colocar uns papéis em dia aqui em casa – sorriu para o filho, que o olhou de soslaio enquanto mastigava um pedaço de pizza.

O outro dia seguiu o ritmo normal como os demais da semana. Os pais de Pedro voltaram à rotineira correria, mas ele sentiu uma gota de satisfação pela experiência familiar que tivera na noite anterior.

Num fim de semana sem promessas, foi normal enfrentá-lo sem muita companhia. Pedro foi ao *Shopping* no sábado com Ana e Patrícia. Tiago deixara claro que não iria, pois naquele dia estaria envolvido com algumas atividades em sua igreja e com a família.

– Você está decepcionado com o fato do Tiago não ser bruxo? – perguntou Ana, enquanto tomavam um sorvete e viam os pôsteres dos filmes no cinema do *Shopping*.

– Não. Não estou!

– Você ainda acredita que bruxos existem?

– Eu tomei uma decisão. Só vou pensar nisso depois de conhecer um pouco sobre o que o Sr. José tem a dizer acerca da Bíblia.

– Do que vocês estão falando? – perguntou Patrícia. Ana lhe explicou o assunto.

Ela se interessou e disse que, se não se importassem, gostaria de ir ouvir as histórias do Sr. José no próximo encontro.

Na segunda-feira, iniciou-se o ciclo das aulas e, na terça-feira à tarde, Tiago teve seu primeiro treino com o time de futebol da escola. Foi perfeito.

No dia seguinte, Ana, Pedro e Patrícia chegaram às 14 horas em ponto na casa de Tiago e passaram pelo vigilante e nada amigável olhar de Sansão. O garoto os colocou na sala dos livros, onde se aconchegaram nas almofadas. Lá fora o sol esquentava o frio que começava a anunciar sua chegada para os próximos meses.

O Sr. José demorou uns 15 minutos para ir até a sala e, quando chegou, os jovens pararam de conversar. A Sra. Laís empurrou a cadeira de rodas, aproximando-o de todos. Ele sorriu para todos e pediu a Tiago que pegasse sua Bíblia na estante. O neto obedeceu, entregando-lhe o livro de capa preta e distribuindo outros três aos amigos.

– Vô, esta é a Patrícia – disse Tiago, apontando para a garota de cabelos lisos e negros sentada ao lado de Ana. Ela sorriu timidamente.

– Olá, Patrícia. É bom ter você em nossa casa. – A voz do avô estava fraca e rouca e sua expressão não era das melhores. Parecia estar sentindo alguma dor.

– O senhor está bem? – perguntou Pedro com ternura.

– Um pouco cansado, meu jovem. Nada além disso. – As expressões fundas nas rugas de seu rosto mostraram, no meio de um sorriso pequeno, que era justamente cansaço que ele sentia.

– O senhor prefere deixar nossa reunião para outro dia? – perguntou Pedro preocupado.

O velho homem pareceu ter escondido a dor em algum lugar bem distante. Deu um sorriso verdadeiro e disse:

– Você sabe o que significa para uma pessoa da minha idade ter quatro adolescentes sentados aos seus pés e sinceramente interessados em ouvir o que ele tem para dizer?

Nesse momento, a Sra. Laís virou-se e saiu da sala. Ana poderia jurar que flagrou uma lágrima correr de seus olhos.

– Vocês são um sol para este meu dia anuviado – continuou o Sr. José. – Somente se eu estivesse na cama e não conseguisse me levantar, vocês não ouviriam o que tenho para contar.

– Se o senhor conseguisse sentar na cama, vô – disse Tiago –, eu colocaria cadeiras no seu quarto, e ficaríamos com você lá dentro.

– Pois bem, essa vontade, essa sede de conhecimento que está inundando o coração de vocês neste momento, não pertence a qualquer dom que eu tenha ou nem procede de vocês mesmos – disse o Sr. José. – Isto é obra do Espírito Santo. Esta é a função dele: abrir nossos olhos para as coisas espirituais e colocar em nós o desejo de falar e ouvir sobre elas. A nós, cabe apenas decidir, e eu agradeço a Deus por vocês terem escolhido estar aqui nesta sala hoje. Tiago, ore para nós.



Tiago fez uma oração, agradecendo a presença dos amigos naquela sala e pedindo a iluminação divina para os momentos que seguiam.

– Na semana passada – iniciou o Sr. José, já com a atenção toda voltada para ele –, falamos da criação do Universo por Deus, da queda de Lúcifer e sua vinda ao recém-criado planeta Terra. Utilizando-se de uma serpente, ele seduziu Eva e depois, através dela, levou Adão a comer o fruto proibido, o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Deus havia dado uma lei, dizendo que, se alguém comesse de tal fruto, morreria. Agora aquela serpente maligna, rodeada de seus anjos caídos, exultava pela vitória. Pensava haver encurralado o Criador. Se Ele não matasse Adão e Eva, por terem comido o fruto, estaria negando Sua própria lei e o chamariam de mentiroso por todo Universo. Se Deus simplesmente tirasse a vida do primeiro casal, Lúcifer anunciaria a tirania, o ditatorialismo dAquele que dizia ser um Pai de amor.

O Sr. José fez uma pequena pausa, e então continuou:

– Quando Adão e Eva caíram em pecado, transgredindo a lei da obediência e fidelidade, Deus anunciou às hostes celestiais o plano da redenção da humanidade. Alguns anjos se ofereceram

para ir no lugar de Jesus, mas ninguém poderia assumir o lugar do Criador na missão de salvar a humanidade. Os anjos entenderam quão grande e infinito é o amor de Deus para com todas as Suas criaturas. Logo depois que Adão e Eva desobedeceram, Deus foi visitá-los, como de costume, no fim da tarde. Mas, ao ouvirem Sua voz, eles se esconderam. Haviam se apercebido de sua nudez e, com

folhas, fizeram roupas para cobrir o corpo. O pecado havia tirado suas vestes de luz e, de repente, perceberam que estavam nus. Quando Deus Se aproximou deles, começaram a acusar um ao outro pela queda, já mostrando que o pecado havia tomado conta da mente deles. Perderam a inclinação para o bem e agora estavam voltados para a acusação um do outro. Foi com tristeza que ouviram a sentença de que não poderiam continuar no Jardim do Éden, e a vida deles seria limitada. Porém, a notícia que trouxe maior sofrimento para o casal foi a de que, por causa do seu pecado, o Filho de Deus pagaria com a própria vida o preço para a libertação deles.

Os jovens arregalaram os olhos diante daquela afirmação e cochicharam entre si. O Sr. José esperou um pouco passar a reação deles e continuou:

– O casal entendeu o que havia feito e o Universo compreendeu o tamanho do amor do Criador. Deus pediu que os dois fossem até Ele. Tomou também uma ovelha inocente, sem nenhuma culpa e, então, Adão pôde sentir a dimensão do seu ato. Deus dissera que a conseqüência do pecado seria a morte. Talvez, até aquele momento, o casal não tivesse conseguido compreender plenamente o que isso significava. Nunca tinham visto uma folha secar ou uma única criatura verter seu sangue. Então, o Criador disse que, antes que Seu filho viesse morrer no lugar da humanidade, Ele seria representado por uma pequena ovelha, inocente e sem defeito. Pediu, assim, que Adão sacrificasse o animalzinho.

O Sr. José percebeu o espanto no semblante dos garotos.

– Imaginem, meus jovens, um homem que nunca havia feito mal a nenhuma criatura. Adão olhou para aquela ovelha inocente. Então, atravessou-lhe o couro e a carne com uma faca e a matou. Em seu lugar, morria um animal inocente, representando a futura morte de Jesus, o Filho de Deus. As mãos de Adão se encheram de sangue, e tanto ele como Eva viram a vida da ovelha esvair-se. O casal deve ter chorado muito naquele momento e o arrependimento encheu o coração deles.

Novamente os garotos se entreolharam. Patrícia era bem emotiva e seus olhos estavam cheios de lágrimas. Quando Tiago percebeu a emoção tomando conta da sala, não teve dúvida de que o Espírito Santo estava ali com eles. Fechou os olhos e orou em pensamento: *Meu Deus, obrigado por estar em nosso meio. Peço, em nome do Seu Filho Jesus, que todas as pessoas que ouvirem a história que estamos ouvindo agora sintam essa mesma atuação do Seu Santo Espírito e compreendam a imensidão do Seu amor por todos nós.*

– Essa é a obra da redenção, meus queridos – a voz rouca do Sr. José não

podia soar mais suave. – Deus haveria de mandar Seu único Filho para morrer por mim e por vocês. Cerca de quatro mil anos depois da Criação, nasceu uma criança segundo as profecias anunciadas. Nasceu de uma virgem, viveu entre os humildes. Ele Se chamava Jesus. Percorreu toda a Palestina e falou do amor de Deus. Realizou inúmeras maravilhas, milagres inexplicáveis, curas impossíveis. Andou sobre as águas, acalmou tempestades, sorriu com as crianças, pregou a paz, amor e redenção. No fim, foi traído, crucificado e verteu Seu inocente sangue como aquela ovelha que Adão matou em seu lugar. Depois de três dias, Ele ressuscitou e ascendeu ao Céu, onde está preparando lugar para cada um de nós. E em breve voltará para buscar aqueles que responderem afirmativamente a uma única pergunta: “Você Me aceita como seu único Salvador e Redentor?” Se você aceitar a morte de Cristo como substituto para sua morte eterna, e dizer em seu coração: “Sim, eu aceito”, você está aceitando Jesus como seu Salvador, e é isso que significa ser cristão. Crer que Jesus é o predito Filho de Deus, que morreu em seu lugar.

Não poderia existir um herói maior do que Jesus. Pedro estava acostumado com histórias heróicas, personagens incríveis que venciam a batalha contra o mal. Mas, ouvir sobre o Filho de Deus, foi maravilhoso. Seu coração, iluminado pelo Divino Espírito, entendeu que aquela não era uma mera ficção de seus livros ou gibis. Jesus existiu e, de fato, morreu por ele.

– Sr. José – chamou Pedro. – Por que Deus não mandou um anjo para morrer no lugar de Jesus?

– Pegue a Bíblia, Pedro – disse o Sr. José. – Abra em João 1 e leia os versos 1 a 4 para nós.

O garoto começou a procurar pelo livro, enquanto Ana fazia o mesmo com sua Bíblia. Após quase um minuto, leu na Nova Tradução na Linguagem de Hoje:

– “Antes de ser criado o mundo, aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e era Deus. Desde o princípio, a Palavra estava com Deus. Por meio da Palavra, Deus fez todas as coisas, e nada do que existe foi feito sem ela. A Palavra era a fonte da vida, e essa vida trouxe a luz para todas as pessoas.”

– Quem é a Palavra? Quem estava com Deus? – perguntou o Sr. José. – Ana, leia o verso 14 do mesmo livro.

– “A Palavra Se tornou um ser humano e morou entre nós, cheia de amor e de verdade. E nós vimos a revelação da sua natureza divina, natureza que Ele recebeu como Filho único do Pai” – leu a garota com seu livro aberto na página que continha o verso 14.

– Jesus é Deus; estava com Deus na Criação e, por meio de Jesus, tudo foi criado. Quando lemos em Gênesis a ordem: “Haja Luz”, é Cristo pronunciando. Jesus é o autor e consumidor da Criação, por isso está escrito que Ele é a fonte da vida. Agora vamos responder à pergunta do Pedro. Por que um anjo não veio no lugar de Jesus? Imaginem que a mãe de vocês ganhe um vaso único. Apenas uma pessoa no mundo sabe fazer um objeto daquele. Então, vocês esbarram no vaso e ele se quebra. Você poderá sair na rua e comprar qualquer outro vaso para substituir?

Os garotos menearam a cabeça.

– Por que não?

– Porque só uma pessoa faz um vaso daqueles – respondeu Ana.

– Exatamente – o Sr. José deu um sorriso. – E só Jesus é a fonte da vida. Só Ele tem a vida eterna. Somente Ele poderia entregar a verdadeira vida na cruz. E foi Ele quem veio morrer por nós, pois Ele era a Palavra, a Voz na Criação. Foi Ele quem soprou o fôlego de vida em Adão e por isso teve que morrer para restaurar a vida perdida na queda.

– Não entendi direito. – Pedro franziu a sobrancelha. – Como assim, Jesus é Deus? Eu sempre achei que Deus é um só. Jesus não é o Filho dEle?

– A Divindade é composta por três pessoas: o Pai, o Filho Jesus, e o Espírito Santo. Essas três pessoas formam a Trindade – explicou o velho homem.

Ana, Pedro e Patrícia deixaram claro em suas expressões que não compreenderam e o Sr. José percebeu a interrogação em seus olhos.

– Tato – disse ele –, peça a Nina três lápis de cores diferentes. Vou tentar explicar para vocês como é a Trindade.



Tiago demorou menos de um minuto para trazer três lápis de cor à sala. Um azul, um verde e outro vermelho, todos do mesmíssimo tamanho.

– Coloque-os no chão e forme com eles uma figura onde um toque a ponta do outro.

Obedecendo ao avô, Tiago formou a única figura possível com os três lápis:

– Que figura é esta? – perguntou o Sr. José.

– Um triângulo – responderam em uníssono.

– Patrícia, tire um dos lápis – ordenou ele.

A garota inclinou-se e puxou o lápis vermelho, que formava a base do triângulo.

– Vocês estão vendo um triângulo? – quis saber o Sr. José, já observando a compreensão chegar à mente dos jovens. – Três lados formam uma figura chamada triângulo. Três lápis formam um objeto único.

– E três pessoas – concluiu Pedro – formam a Trindade Divina.

– Exatamente – sorriu o homem. – O Pai, o Filho e o Espírito Santo têm a mesma substância, o mesmo poder, os mesmos atributos, e vivem em eterna união de pensamentos.

Todos se entreolharam enquanto a dúvida era dissipada de suas mentes. Não adiantaria tentar entender como funciona essa união de três pessoas distintas, mas puderam compreender que era possível três pessoas divinas serem um único Deus.

– Tenho outra dúvida – disse Patrícia que, desde o começo, tinha se mostrado muitíssimo interessada. – Quem aceita Jesus vai para o Céu e quem não aceita vai para o inferno. Certo?

– Céu e inferno? – sorriu o Sr. José. – Era só uma questão de tempo para vocês perguntarem sobre isso. Pois bem, o Céu...

Antes de continuar, o barulho de uma garganta raspando um “ham-ham” soou atrás dele.

– Creio que está bem por hoje, pai – disse a Sra. Laís. – O senhor não pode se cansar muito.

Os garotos e garotas notaram o que parecia ser um bico infantil nos lábios do Sr. José, mas ele logo se virou de volta para eles e sorriu:

– Está certo. Estou na idade em que o filho manda no pai e não o contrário. Tato, pegue aquelas duas caixinhas que preparamos ontem.

Tiago levantou-se e correu para a estante, pegando dois embrulhos de presente, e entregou-os para o avô.

– Pois bem – disse o homem. – Este é o do Pedro – estendeu-lhe um pequeno pacote de cor azul. – E este é o da Ana. – deu-lhe um embrulho de cor amarelo claro. – E para a Patrícia, ficarei devendo a promessa de um presente caso ela venha mais vezes para estar aqui conosco. Eu responderei sua dúvida sobre o Céu e o inferno no nosso próximo encontro.

– Tudo bem – Patrícia sorriu, enquanto ouvia o farfalhar de papéis sendo rasgados ao seu lado. – Eu virei com certeza. Adorei a história.

Pedro abriu o embrulho e leu o título: “*O Grande Conflito*”, enquanto Ana mostrava a Patrícia um exemplar de outro livro chamado “*A Canção de Eva*”.

– Fiquei sabendo que você gosta de histórias, Pedro. Então, estou dando este livro para você. Ele fala do grande conflito entre o bem e o mal neste mundo. E para você, Ana, dou-lhe o mesmo livro que dei para todas as minhas três filhas e minhas cinco netas que já sabem ler. As meninas adoram essa história, embora eu ache que todo garoto também devesse ler.

– Puxa, Sr. José – disse Pedro, com as duas mãos segurando firme o presente –, não precisava. De verdade, não precisava.

– Por que foi se preocupar? – perguntou Ana com o mesmo brilho nos olhos.

A Sra. Laís sorriu feliz, segurando a cadeira de rodas do pai. Ela podia sentir a alegria do velho homem em ter à sua frente aqueles jovens.

– Posso contar uma história bem rapidinha para vocês? – Ela sentou-se no sofá marrom e todos olharam para ela, que parecia já estar com os olhos inundados como, se a qualquer momento, uma lágrima fosse escorrer por eles. – Tenho um pai que amo muito.

– Pode parar com isso, Laís – disse o Sr. José, fazendo cara feia e remexendo-se na cadeira.

– E sempre fui muito amada por ele – ela continuou, não se importando com o bico do pai. – Tem sido difícil ver aquele que me carregou no colo sentado numa cadeira de rodas. Nós fazemos tudo para animar e alegrar esse homem maravilhoso que está aqui ao meu lado, mas para mim sempre parece pouco, pois meu débito de amor para com ele é muito grande. Então, numa noite dessas, eu disse para Deus: “Meu Senhor, me ajude a trazer mais luz para os dias do meu pai. Ajude-me a dar mais alegria para esse homem que sempre deu tudo por mim.”

– Você vai me matar antes da hora falando essas coisas – disse o Sr. José, colocando uma mão no coração e a outra enxugando as rugas perto dos olhos.

– Então, um dia, o Tiago me apareceu com o Pedro e depois o Pedro trouxe a Ana. Em seguida, a Ana trouxe a Patrícia. E aqui estão vocês. Vocês são um milagre de Deus na vida deste velho homem. – Laís colocou a cabeça no ombro do pai. – Vocês são a resposta de Deus a uma oração que eu fiz. São a luz que pedi para Deus.

Patrícia já estava chorando a essa altura. Pedro sorriu, mas, igual ao Tiago ao seu lado, estava segurando seus sentimentos e não deixaria uma lágrima ser derramada ali na frente do amigo.

– Se eu tivesse forças ia lhe dar umas palmadas por me fazer chorar como uma criança, menina levada – disse o Sr. José, tentando expulsar a emoção com uma piada.

A Sra. Laís beijou-lhe o rosto e puxou sua cadeira para a varanda, onde havia um pouco de sol.

– Tato, acorde a Nina e leve seus amigos para lanchar na cozinha – gritou lá de fora, sentando-se ao lado do pai.



Naquele dia, Pedro chegou em casa e foi direto para o quarto. Já eram quase 17 horas e estava perto do horário do encerramento do expediente de Cida.

Ele fechou a porta e colocou o livro novo no criado-mudo, ao lado de seu último presente, que nem havia começado a ler. Olhou-se no espelho da estante perto da janela. Pela primeira vez sua imagem não o agradou.

Afastou um pouco os cabelos desgrelhados dos olhos e retirou os óculos de que nem precisava. Um olhar crítico fitou as lentes arredondadas em suas mãos e lembrou-se de que havia pouco tempo cogitara a hipótese de tatuar um raio na testa, pois isso o deixaria mais parecido com seu personagem de histórias preferido.

Sorriu, meio decepcionado consigo mesmo. Era como se tivesse buscando sua identidade noutro lugar. Como se tivesse se perdido em meio a tantas histórias e aventuras dos livros, acabando por esquecer de viver no mundo real.

Voltou o olhar para seu quarto bem-arrumado. Estantes cheias de livros, gibis e DVDs. *Video game* e televisor em um dos cantos. E, agora, um livro novo em seu criado-mudo, ao lado da cama.

Era um quarto maravilhoso para qualquer garoto, mas, de repente, sentiu-se confinado naquele universo de fantasia. O mundo fantasioso dos livros, jogos e gibis tinha tomado uma grande parcela de sua vida e Pedro sentiu um aperto no peito, como se tivesse que decidir entre a fantasia e o mundo real.

Aliás, seu mundo real, ao que parecia, estava desabando. Seu pai mal vinha

em casa e o trabalho estava consumindo muito do seu tempo. Lembrou-se de que pouco tempo atrás era muito comum o Sr. Douglas chegar em casa comemorando uma ação ganha na Justiça. Pegava toda a família e iam comemorar com um jantar ou, se possível, desciam para o litoral e ali passavam um fim de semana. Agora, seu pai nem tinha mais tempo para comemorações desse tipo. Mesmo que ganhasse dinheiro, não lhe sobrava tempo para usufruir dele.

Sua querida mãe, a Sra. Isabel, estava apresentando alguns sinais de depressão. Pedro viu algumas vezes ela disfarçar o choro e sorrir forçadamente. Ele a viu lutando para buscar forças para, simplesmente, sair de casa para um dia de trabalho. Um dia desses, ele havia encontrado no quarto dela uma série de comprimidos e, tendo pesquisado o nome dos remédios na internet, descobriu serem antidepressivos.

Pedro pensou que seria muito bom se pudesse resolver tudo num passe de mágica. Imaginou canetas fazendo sozinhas o trabalho de seu pai e brocas de dentista zunindo, também sozinhas, na boca de alguém sentado na cadeira de dentista da mãe.

Sorriu com esse pensamento, pois ele, de repente, lhe pareceu muito bobo e irreal. Coisas das páginas fictícias que sempre lia.

Então, pensou em Jesus e no que estava aprendendo. Pedro já havia lido muita coisa sobre Jesus em alguns livros que tinha na estante, mas nunca ouvira falar da forma como o Sr. José estava ensinando. Seria Jesus Deus? Seria Ele o Salvador de todo este mundo? Jesus realmente havia morrido em favor de cada pessoa da Terra?

Jesus morreu por mim?, perguntou-se em pensamento.

Até agora Pedro era um garoto que depositara muita fé em seus livros. Acreditava na magia que eles ensinavam. De repente, se viu diante de outra realidade, e não estava longe o dia de tomar uma decisão e optar onde iria depositar sua fé.

Afastou esses pensamentos da mente, debruçou-se na cama e abriu o novo livro, iniciando sua leitura.

A outra semana veio rápida. Na segunda-feira, correu pelas salas um aviso aos jogadores do time da escola de que, no dia seguinte, haveria uma reunião com o diretor, para tratarem sobre a mudança do calendário do campeonato interescolar. As mãos de Tiago gelaram ao receber o aviso. Pedro, sentado ao seu lado na hora do intervalo, disse:

– O que você acha que o diretor vai dizer?

– Não sei – respondeu Tiago, tentando esconder o nervosismo.

O movimento no pátio da escola era intenso. Jovens se amontoavam em cada canto ou corriam de um lado para o outro.

– E o que você vai dizer pra ele? – perguntou Ana, com Patrícia jogando o mesmo olhar interrogativo.

– Eu, sinceramente, espero não ter que dizer nada.

– Mas, Tato, você tem que pensar nessa hipótese – disse Pedro, num tom suplicante.

– Vou dizer o de sempre: esta é a minha fé, acredito nela, e não vou abrir mão dela. Só isso.

– Você sabe que isto não convence muita gente, não é Tato? – disse Patrícia.

– Eu sei. – Tiago apoiou os cotovelos no joelho e colocou o rosto entre as mãos. – Não é fácil.

Os amigos olharam ao redor. Parecia que Tiago ia chorar ali no meio de todo mundo.

– Calma, Tato – consolou Pedro. – Vai dar tudo certo.

Tiago levantou o rosto vermelho. Estava claro que ele estava se contendo para não chorar. Respirou fundo, como que escondendo a emoção que estava visível para os amigos ao seu lado. Com uma expressão e voz solene, finalmente disse:

– Todos falam tanto em liberdade. Em poder fazer o que bem entender. Falam que vivemos num tempo avançado e que meus costumes são coisas do passado – respirou fundo novamente. – Eu sou só um adolescente como todos vocês. Tenho os mesmos desejos e necessidades. Não gosto que me olhem como se eu fosse diferente.

– Tato... – Ana começou a dizer, mas Tiago a interrompeu e continuou.

– Eu sei que vocês são meus amigos e é por isso que sabem como me sinto. Se falam tanto em liberdade, então por que não posso fazer minhas escolhas? A liberdade é só poder fazer uma porção de coisas? Também considero liberdade eu poder escolher me abster de algumas coisas. E eu não faço isso porque acho graça ou bonito. Eu faço isso porque acredito ser o certo. Eu quero ter a liberdade de dizer “não” para o que eu não quero, sem as pessoas ficarem me julgando.

O sinal soou e Tiago olhou para os amigos. Antes que alguém pudesse dizer

algo sobre seu desabafo, o goleiro Marcos parou na frente deles:

– Você é um otário, Tiago. Acha que só porque caminha na contramão do mundo todos temos de fazer as coisas do jeito que você quer?

Pedro levantou-se rapidamente e ficou cara a cara com Marcos, olhando-o de forma ameaçadora sob as lentes de seus óculos redondos.

– Você vai fazer o quê? Tirar sua varinha mágica e me lançar um feitiço? – debochou o goleiro que, sendo visivelmente mais forte, empurrou Pedro de volta ao banco, forçando-o a sentar-se.

Foi a vez de Tiago se levantar e colocar-se em frente ao garoto. Forçou um sorriso e disse:

– Você já considerou a hipótese de que é o mundo que está na minha contramão?

A boca de Marcos abriu-se para dizer alguma coisa, mas ele não encontrou resposta com teor argumentativo bom. Apenas disse com a cara avermelhada:

– Sem chance.

– Escute, Marcos – continuou Tato. – Não tenho motivos para ser seu inimigo. Somos da mesma sala, jogamos no mesmo time. Por que você insiste em me perseguir?

– Eu? Perseguir você? *Se enxerga*. Jamais perderia meu tempo com você.

Marcos virou-se e saiu para o pátio.

Tiago virou-se para os amigos. Fez uma cara do tipo: *Entenderam o que eu estava falando?* Os outros três apenas balançaram a cabeça em tom de reprovação à conduta de Marcos.



No dia seguinte, o burburinho já havia se espalhado pela escola inteira. Um garoto estava tentando mudar o calendário dos jogos escolares, pois era um cristão que observava o sábado e não jogaria ou treinaria nesse dia.

As três primeiras aulas passaram rápidas demais para Tiago. Ele não desejava nunca ouvir o sino para o intervalo. Quando soou o sinal, levantou-se como uma ovelha indo ao matadouro, recebendo um olhar desdenhoso de Marcos, que saiu primeiro da sala.

Quando estava quase alcançando a saída, uma mão pousou em seu ombro.

– Vamos com você – disse Pedro, ladeado pelas duas amigas.

Tiago sorriu e uma força o animou novamente. Andaram pelos corredores até encontrarem o prédio da Administração. Seu corredor estava lotado pelos membros do time da escola, alunos de diversas séries e turmas. O capitão Carlos estava ao lado do professor Jorge, que conversava com uma secretária.

Finalmente, caminharam mais um pouco pelo corredor, indo para uma sala que era a de reuniões. Um a um, os alunos entraram na sala, e se acomodaram em cadeiras de estofado azul que ladeavam uma grande mesa de madeira.

O professor Jorge sentou-se na primeira cadeira da direita e Carlos foi buscar Tiago. O capitão acomodou-se na primeira cadeira da esquerda, colocando Tiago com uma cara nada feliz justamente ao seu lado.

Na ponta da mesa estava a poltrona mais alta de todas: a do diretor. Poucos minutos depois, a porta de madeira, aos fundos da tal poltrona, abriu suavemente

e por ela passou um homem vestindo um terno acinzentado. Cabelos grisalhos, mais negros que brancos, bem penteados, faziam um teto para olhos que pareciam minar inteligência.

Todos se levantaram das cadeiras e o homem deu um sorriso que traçou em seu cavanhaque uma expressiva simpatia.

– Sr. Nicolau – Jorge estendeu a mão em cumprimento ao diretor. – Este é nosso time.

– Obrigado, professor Jorge. Podem sentar, por favor – disse o homem, educadamente.

Todos se acomodaram, na medida do possível, pois pareciam um pouco incomodados na presença do diretor. Tiago sentiu como se houvessem pregos e farpas em sua cadeira.

Dei uma olhada na pauta – disse o diretor. – Por que deveríamos tentar mudar o calendário do campeonato?

– Como o senhor sabe – começou o professor Jorge –, já faz cinco anos que não ganhamos uma taça do campeonato interescolar.

– Sim, mas, por favor, me poupe dessa recordação.

No ano passado haviam chegado na final, mas foram derrotados no último minuto pela Escola Florêncio Amaral.

– Perdão – pigarreou o treinador. – O fato é que este ano temos uma grande chance de ganharmos o campeonato, pois um de nossos alunos tem demonstrado habilidade incomum com a bola e afinidade com os demais jogadores do time.

O professor Jorge olhou para Tiago. O diretor também olhou para aquela figura mirrada de cabelos espetados. Tiago desviou o olhar, virando-se para a mesa, não sem antes retribuir com um tímido sorriso ao diretor.

– Ótimo – disse o diretor.

– Seria perfeito, não fosse o fato de Tiago ser um cristão que guarda o sábado – disse o professor Jorge.

– Um guardador do sábado? – disse o diretor, voltando o olhar para Tiago, que balançou a cabeça afirmativamente. – Não vou passar pelo vexame de pedir a você para buscar uma autorização de seu pastor. Passei por isso com outro aluno, ano passado, quando teríamos estágios aos sábados. Aquele aluno me disse que isso é impossível. – Tiago novamente confirmou com o balançar da cabeça.

Todos continuaram a olhar interrogativamente o diretor. O primeiro sinal do

intervalo soou e o diretor manteve silêncio. Parecia estar pensando em alguma coisa enquanto o professor Jorge ruminava a própria língua e ajeitava o apito prateado sobre a camisa surrada de seu time.

– O senhor confia mesmo no talento deste garoto, professor? – perguntou o diretor Nicolau.

– Sim – respondeu o treinador, sem titubear. – Vamos ganhar se ele estiver no time.

– Fico feliz com sua confiança – o diretor voltou sua atenção para Tiago, que sentiu-se perfurado por aquele olhar inquisidor. – Mas não é tão fácil convencer os organizadores do campeonato a, simplesmente, mudarem o calendário e excluïrem o sábado das competiçõs.

– Nós já pensamos numa forma... – Carlos começou a argumentar, mas foi interrompido.

– E nem mesmo eu sei se esse seria um motivo justo para empenhar meu tempo.

A última frase do diretor foi uma punhalada nos alunos. Sem o apoio dele não haveria a mínima possibilidade de conseguirem mudar qualquer coisa. Soou o segundo sinal, informando o término do intervalo. Os alunos se alvoroçaram em suas cadeiras e seus olhares pediam uma resposta do diretor.

– Não se preocupem com suas aulas seguintes. Justifiquem depois – disse o diretor. Então, voltou os olhos afiados para Tiago. – Meu aluno – disse com respeito na voz –, a escola respeita seu credo. Mas não podemos virar o mundo para andar na mesma direção que a sua.

Tiago ensaiou um sorriso de compreensão, mas nem saberia dizer se conseguiu. O diretor continuou:

– Eu jamais pediria para você abandonar sua crença e estar conosco nos jogos. Mas também não sei se posso tentar a alteração do calendário dos jogos por sua causa. – Ele inclinou-se para trás em sua confortável poltrona e colocou os braços cruzados sobre o peito. – Mas eu tenho um desafio para você.

Os alunos cochicharam entre si e o professor Jorge balançou a cabeça afirmativamente para Tiago.

– P...Po... Por... Por favor, diga qual é o desafio. – gaguejou Tiago que, por alguns segundos, achou que a voz não sairia de sua garganta.

– Também sou cristão. Não temos nenhum dia de guarda. – Nicolau mexeu-se na poltrona e cruzou os braços na mesa. Então disse em tom solene: – Se você me

demonstrar que se deve guardar o sábado e que esta lei não está revogada, eu me empenharei para ajudar a mudarem o calendário do campeonato.

Novamente o murmúrio tomou conta da sala. Pedro, sentado quase na outra ponta da mesa, pegou-se orando em pensamento: “*Ajude-o, Deus.*”

Tiago sentiu o coração palpitar, mas tinha certeza de que ele não estava mais no peito e sim em algum lugar da garganta. Engoliu seco e, encontrando a voz que saiu apertada por onde sentia o coração pulsar, disse, então, ao diretor:

– O senhor me permite perguntar qual sua religião?

Nicolau disse com prazer sua denominação.

– O senhor está errado quando afirma que não têm nenhum dia de guarda.

– Não. Não estou errado. Não temos nenhum dia de guarda.

– Vocês guardam o domingo como dia de descanso sagrado – afirmou o convicto Tiago.

– Como você afirma isto sem ser da minha religião? – quis saber o diretor.

– Meu pai era da sua denominação antes de conhecer minha mãe. Ele me disse que guardavam o domingo como o Dia do Senhor.

O diretor pensou um pouco. Por um segundo passou em sua mente que, de fato, o garoto poderia estar certo.

– Certo. Mas como isto vem ao caso? Isso é importante? – perguntou Nicolau. – Eu quero saber sobre o sábado, e não sobre o domingo.

– É importante sim. Pois uma coisa é dizer que não existe nenhum dia de guarda, outro é dizer que ele foi mudado do sábado para o domingo.

Agora foi a vez do diretor engolir seco diante da colocação do pequeno garoto à sua frente. Os demais alunos do time estavam atentos à conversa.

– Está certo – disse o diretor, reconhecendo o primeiro ponto para o menino. – Vou à minha sala conferir num livro que eu tenho.

– Se o senhor permitir, pedirei uma pequena ajuda neste intervalo – disse Tiago.

– Claro, claro – respondeu Nicolau já atravessando a porta para sua sala.

Tiago simplesmente olhou para Pedro ao longe e murmurou algo entre os lábios. O amigo entendeu a dica e saiu correndo da sala. Sabia exatamente o que Tiago precisava naquele momento.



As aulas do segundo período já haviam iniciado havia algum tempo e Pedro corria pelos corredores vazios. Chegou em frente à sua sala e viu a porta trancada. Abriu-a levemente, mas foi recepcionado pelo olhar reprovador da professora Jiuliana, de química.

– Desculpe, professora, mas estamos numa reunião com o diretor Nicolau e vim buscar algo que precisamos.

A professora bufou a permissão e Pedro atravessou a sala, sendo recebido com expressões inquisitórias de Ana e Patrícia.

– Depois eu conto tudo – cochichou, passando por Ana.

Meteu a mão na bolsa de Tiago e dali puxou um livro de capa preta e folhas finas. Seu coração pareceu pulsar mais forte. Sempre teve curiosidade de saber exatamente o que Tiago levava para a escola e, agora, seus olhos liam em pequenas letras douradas: *Bíblia Sagrada*.

Saiu da sala tentando disfarçar sua pressa e, quando fechou silenciosamente a porta atrás de si, disparou pelo corredor. Trouxe a Bíblia para frente de seus olhos e não resistiu, abrindo algumas páginas.

Conforme folheava, percebeu que ali havia várias anotações, muitos textos grifados e outros tantos anotados com números do que deveriam ser referências a outros textos. Finalmente chegou à sala de reuniões a tempo de ver o diretor sentando-se em sua poltrona e dizer:

– Você está certo! Está lá, na declaração doutrinária da minha denominação:

O domingo é o dia do Senhor, o dia do descanso cristão. Diz que nesse dia os cristãos devem se abster do trabalho secular e até mesmo de recreações que desviem a atenção das atividades espirituais.

Pedro foi de mansinho por trás de Tiago e depositou à sua frente o livro de capa preta.

– Obrigado, Pedro – disse Tiago, e voltou-se para o diretor: – Então concordamos com o fato de sua denominação dizer que vocês devem fazer exatamente o que eu faço no sábado?

– Sim – respondeu o diretor de forma vencida.

Tiago respirou fundo. Um arrepio lhe percorreu o corpo e sentiu-se fortificado pelo poder divino. Não costumava falar em público e à frente dele estava o homem que comandava toda aquela escola. Colocou-se inteiramente nas mãos de Deus, e continuou:

– Senhor Nicolau, Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo descansou e o santificou. Ele deu o sábado para a humanidade como dia sagrado, para descanso e louvor a Deus. Foi um presente dEle para nós. A observância do sábado está no quarto mandamento da lei de Deus. Ele foi escrito inicialmente em tábuas de pedras, pela própria mão de Deus, e entregue a Moisés.

Tiago abriu a Bíblia. Conhecia exatamente onde estava o verso que precisava. Leu, então, no livro de Êxodo, os versos 8 e 10 do capítulo 20:

– “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. [...] Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro.”

Tiago fechou a Bíblia e falou:

- Este é o sábado que eu guardo. O mesmo que está escrito na Bíblia, nos dez mandamentos de Deus. É o mesmo sábado que os judeus guardam até hoje. Os judeus não guardam o domingo, que é o primeiro e não o sétimo dia da semana.

Os alunos cochicharam novamente. Tentavam descobrir alguma coisa a favor ou contra na expressão do diretor.

– Diretor, eu guardo esse mandamento, como todos os outros, pois fui criado numa família que me ensinou a amar, não só a minha religião, mas a Jesus, o autor desta Lei. – Tiago se surpreendeu com o que falou e novamente abriu a Bíblia em Êxodo, lendo uma referência por ele anotada nos dez mandamentos. Então foi até o livro de João, onde, no capítulo 14, verso 15, leu: – “Se Me amais, guardareis

os Meus mandamentos.”

O professor Jorge estava tão concentrado que havia parado de remoer a língua. Tiago continuou:

– Como disse, eu guardo os mandamentos pois amo Aquele que os criou. Obedeço por amor e acredito na vigência, sem mudança, dos dez mandamentos. – Ele olhou para a Bíblia e leu outra referência, por ele anotada naquele verso. – No livro de Mateus, capítulo 5, verso 18, está escrito: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra”.

Nesse momento, o diretor reclinou-se para trás na poltrona. Sua expressão era de dúvida quanto às palavras do jovem aluno.

– O senhor permite que eu faça um desafio? – perguntou Tiago.

– Faça! – disse Nicolau secamente.

– O sábado está previsto desde a Criação, está escrito nos dez mandamentos e Cristo diz que ninguém poderia alterar a lei de Deus. – Ele respirou e fechou a Bíblia, empurrando-a para a ponta da mesa de madeira até ficar ao alcance do diretor. – Se o senhor me provar que eu devo guardar qualquer outro dia e não o sábado, ou que eu não tenha dia de guarda, eu jogarei futebol no dia que o senhor determinar.

O diretor olhou para o livro de capa preta sobre a mesa e o puxou para si, folheando-o aleatoriamente. O garoto estava pedindo uma prova de que os dez mandamentos haviam sido revogados.

– Você venceu – disse o diretor, colocando a Bíblia sobre a mesa. – Você conhece algo da minha religião que eu não conheço. Isto me diz que eu tenho que estudar mais a minha religião e, até mesmo, confrontá-la com a Bíblia. Se eu encontrar um bom argumento, eu lhe falo – ele sorriu honradamente, reconhecendo a derrota.

– Eu conheço muitos argumentos sobre a não guarda do sábado ou sua mudança para o domingo – disse Tiago. – Nenhuma me convenceu. Acredite, senhor Nicolau, seria até mais cômodo para mim se alguém mostrasse que sou eu quem está na contramão. Mas acho que, como eu disse recentemente para um amigo – ele olhou para Marcos – é o mundo que está na contramão e não posso mudar simplesmente por causa da opinião da maioria.

Nicolau deu um sorriso vencido para Tiago, enquanto todos os alunos olhavam com expressões misturadas, uns surpresos, outros alegres, e uns outros

se segurando para não soltar um bom grito de viva. O diretor virou-se para o treinador ao seu lado e disse:

– Está bem, professor Jorge. Vou ver em que posso ajudar. Vou fazer umas ligações para os organizadores do campeonato e depois comunico a você o que conseguir.

– Obrigado, diretor Nicolau – Jorge respondeu, levantando-se junto com o diretor.

Todos ficaram em pé enquanto o homem saía pela porta dos fundos, que dava para sua sala. Um sorriso maroto foi se abrindo no rosto até então sério do treinador. Ele não resistiu e explodiu:

– Yeeeesss – pulou sobre a mesa enquanto todos os alunos vibravam e abraçou Tiago pelo pescoço.

Voltou-se para seu lugar, ajustou a camisa surrada e o apito. Então, se recompôs:

– Agora voltem para suas salas, cambada. – ordenou com seu tom de general do exército.

Os jovens saíram da sala, tentando falar baixo. A alegria se espalhou por todos e alguns passavam por Tiago dando tapinhas de aprovação em seu ombro.

– Nem acredito que você falou tudo aquilo – disse Pedro, que andava ao lado do amigo.

– Nem eu – sorriu-lhe Tiago, com alívio. – Não se iluda, não costumo falar daquele jeito, mas senti uma força sobrenatural me fortalecendo.

Pedro lançou os olhos para a Bíblia que estava nas mãos de Tiago e disse:

– Sempre tive curiosidade em saber o que era este livro. Apenas pouco tempo atrás deduzi ser uma Bíblia.

– É minha Bíblia de estudos. Ela está toda grifada e anotada com referências.

Os demais alunos foram se espalhando pelos corredores, entrando em suas salas. Outros até pensaram em matar a última aula que restava, mas seria impossível passar pelo porteiro João.

– Eu até perguntaria por que você traz essa Bíblia para a escola, mas acho que entendi – disse Pedro, e os dois pararam em frente à porta fechada de sua sala. – Um bruxo jamais sairia de casa sem sua varinha.

– E um cristão jamais deveria sair desacompanhado da Palavra de Deus.

Marcos chegou naquele momento e fez uma cara de desdém, passando pelo

meio dos dois e abrindo a porta de supetão, recebendo um olhar carrancudo da professora Jiuliana, que estava no seu último período de aula. Os outros dois entraram em seguida, desculpando-se com a professora e andando até suas cadeiras.

Pedro sorriu para Ana e Patrícia e fez um sinal de positivo com o polegar direito. As duas olharam para Tiago, que sorriu de volta. Lá na frente a professora Jiuliana esperava que os alunos se aquietassem. Raspou a garganta com um “ham ham” e disse:

– Sei quanto o futebol é mais importante para vocês do que a química. – Os alunos voltaram-se para ela, disfarçando interesse na aula. – Por isso, para acabar com este alvoroço, vou pedir que o Tiago se levante e diga qual foi a decisão do diretor.

Ficando em pé, Tiago olhou para seus amigos da sala. A resposta estava estampada em seu rosto.

– Ele vai ajudar o time – disse, sentando-se novamente.

A sala encheu-se de vivas, e até a professora Jiuliana aplaudiu.

– Ok. Ok... Pronto! Agora todos estamos sabendo que o diretor Nicolau vai ajudar o time. Voltemos à química – disse a professora, virando-se para o quadro branco, mas crente de que não adiantaria muito tentar prender novamente a atenção dos alunos.



Logo após a aula, Pedro voltou correndo para casa. Embora o assunto no caminho tivesse sido a reunião com o diretor, ele ainda parecia querer conversar mais a respeito. Entrou em casa e pendurou a bolsa escolar numa cadeira da cozinha, onde Cida estava terminando de fazer o almoço. O cheiro de feijão bem cozido e temperado enchia todo o ambiente.

Contou para ela os últimos acontecimentos e ela os ouviu interessada. Custou a conseguir acreditar que um garoto de cerca de 13 anos havia enfrentado um diretor de escola daquela forma.

– Fico feliz pelo Tiago – disse ela. – Agora, vá chamar sua mãe para o almoço. Já está quase pronto.

– Minha mãe está aqui?

– Sim, ela cancelou a agenda do período da manhã. Vai trabalhar só à tarde.

Pedro correu pela casa e minutos depois trouxe a Sra. Isabel, que nem havia começado a se arrumar para trabalhar. Ela estava vestindo uma roupa comprida e larga e tentava esconder o cansaço atrás de uma disfarçada cara feliz.

– Você está bem? – perguntou Pedro enquanto se sentava à mesa.

– Sim, estou – respondeu ela nada convincente.

– Sabe do que você precisa, mãe?

– De quê? – perguntou a mãe, enrolando os compridos cabelos nas costas.

– Você precisa de um dia de descanso.

Cida colocou os pratos na mesa e a panela de arroz e a de feijão. No fogão

estava terminando de fritar bifés.

– Sim. Eu vou tirar um dia pra descansar.

– Não estou falando disso. – Pedro serviu o arroz e o feijão no prato, sentindo no ar o aroma de comida bem-feita. – Você está precisando de um dia fixo para descanso. De um sábado.

A governanta deixou um prato escorregar da mão, deixando-o bater no metal da pia. O som ecoou pela cozinha e ela se desculpou. Isabel olhou incisiva para a governanta, mas seu olhar não tinha nenhuma relação com a queda do prato.

– Tenho um amigo que guarda o sábado – continuou Pedro, sem observar o nervosismo de Cida ao colocar um prato com bifés na mesa. – Aos fins de semana a família dele se reúne. Ficam juntos para irem à igreja e esquecerem os afazeres da correria da semana de trabalho.

O olhar de Isabel continuava a acompanhar Cida pela cozinha. Finalmente, perguntou ao filho:

– Você tem certeza de que foi um amigo que lhe falou isso? Não foi a Cida quem disse sobre um dia de descanso?

– Tenho! – respondeu, enquanto mastigava a comida.

De repente, se apercebeu da pergunta da mãe. Cida? Por que ela colocou a governanta na conversa? Pedro olhou ao redor e viu a mãe observando Cida, que estava encostada na pia.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou ele, deixando os talheres no prato.

– Cida também observa o sábado – afirmou a mãe.

O garoto olhou fixamente para a governanta. Jamais a imaginou como uma cristã, não por causa de sua conduta, mas porque ela nunca havia feito qualquer menção sobre religião dentro de sua casa.

De fato, já havia algum tempo, sendo conhecedora da religiosidade de Cida, a Sra. Isabel pediu que ela não a mencionasse dentro de sua casa. A patroa queria que a educação religiosa – que um dia ainda pretendia oferecer – fosse decidida com exclusividade por ela e pelo marido. Não queria, de forma nenhuma, que a governanta fizesse um papel tão importante.

Não só isto, a Sra. Isabel também tinha seus preconceitos. Sem querer, sempre imaginou a religião de Cida como sendo de uma classe inferior. Imaginava pessoas mais humildes financeira e intelectualmente sendo seus frequentadores. Não queria que doutrinas pertencentes a tais classes sociais

entrassem em sua casa.

– Freqüento a mesma igreja que a família do Tiago – disse Cida, colocando um prato de salada na mesa.

A Sra. Isabel se serviu e convidou a governanta para sentar-se com eles.

– O que o pai do seu amigo faz? – quis saber a mãe.

– Ele trabalha numa empresa de vendas. Acho que é vendedor.

Cida sentou-se e começou a servir seu prato. Em sua mente passava um turbilhão de pensamentos. O menino Tiago havia declarado sua religião e amor a Cristo na presença do diretor e de uma porção de colegas de escola. Ela, por sua vez, vinha negando a própria fé havia muito tempo. Diversas vezes teve a oportunidade de falar de Jesus para aquela família; porém, devido ao medo de se expor além do necessário, nunca permitiu que desse seu testemunho por completo. Raras foram as vezes que falou do amor de Deus para Isabel ou qualquer pessoa daquela casa.

– O Sr. Danilo é chefe de todo o setor de vendas da empresa em que trabalha – disse Cida, que já havia começado a comer. – A história dele é muito interessante.

– Então, nos conte – disse o curioso Pedro.

– Num desses sábados, ele foi o responsável pela mensagem no culto da igreja – começou a governanta, que já esperava pelo interesse do garoto. – Ele contou um pouco de sua experiência como cristão. Disse que conheceu nossa religião através da esposa e acabou aceitando a doutrina que pregamos. Foi muito difícil no começo, mas aos poucos ele se adaptou. O Sr. Danilo contou como foi complicado encontrar emprego para sustentar a família, pois ele não trabalhava aos sábados. Muitas vezes dependeram unicamente do trabalho da esposa e até mesmo contaram com a ajuda de parentes para fazer a compra da semana.

– Jamais imaginei isso – disse Pedro. – Eles parecem ter um bom padrão de vida.

A Sra. Isabel já havia terminado a refeição e agora estava recostada em sua cadeira, com os braços cruzados no peito. Parecia observar o assunto com atenção.

– Mas nem sempre foi assim, Pedrinho. O Sr. Danilo e a família dele passaram por algumas situações difíceis. A certa altura da mensagem, ele disse que fez um voto de fidelidade a Deus. Disse que depositou tudo nas mãos de Deus, e que dedicaria um percentual de seu salário, o dízimo, para as causas da

igreja e também guardaria os sábados como diz na Bíblia.

– E o que aconteceu? – questionou Pedro.

– Aconteceu que no começo foi muito difícil. Mais do que ele esperava. Faltava dinheiro no fim do mês para comprar o necessário para a família. Mesmo assim, ele foi fiel na devolução do dízimo. Recebeu propostas de empregos, nos quais deveria trabalhar aos sábados. Mesmo assim, continuou fiel. Finalmente, perdeu um emprego por causa do sábado. Mas, ainda assim, foi fiel.

– Uau! – exclamou o garoto, enquanto sua mãe fazia um gesto desdenhoso com a cabeça.

Isabel não conseguia compreender o que é para um cristão ser fiel em seus votos feitos a Deus. Cida evitou olhar para ela ou se sentiria fortemente inclinada a parar a história. Continuou:

– Então ele contou que recebeu uma proposta de emprego e, no caminho para a entrevista, colocou Deus à prova. Colocou-se em oração e pôde se apresentar diante de Deus como um servo fiel. Reclamou as promessas do Criador para aqueles que são fiéis. Ao chegar para a entrevista, o futuro patrão disse que não tinha como permitir que ele não trabalhasse no sábado. O Sr. Danilo contou, então, que disse ao entrevistador que se ele lhe desse aquela chance de emprego e permitisse seu dia de descanso, iria vender mais do que qualquer outro daquela empresa.

– Sério?!

– Sério. – Cida mastigou um pouco da comida e voltou a falar. – O patrão aceitou o desafio e empregou Danilo por 30 dias. As vendas dele foram as melhores da empresa naquele mês. Ele também ultrapassou as metas para o mês seguinte e para o outro mês também.

O olhar da Sra. Isabel mudou do desdém para certa dúvida. Poderia ser apenas uma história mentirosa do tal Danilo para aparecer bem num *palco* de igreja, pensou ela. Serviu-se de um pouco de suco de laranja que estava na mesa, enquanto a governanta continuava.

– Em certo ponto, seu patrão perguntou de onde vinha tanto sucesso com vendas; afinal, foram seis meses sempre como o melhor vencedor da empresa. O Sr. Danilo disse que tudo era fruto da sua fidelidade a Deus. Falou do seu amor por Jesus e do voto que tinha feito de dedicar-lhe dez por cento de seus rendimentos e um dia exclusivo para adoração. Também contou ao seu chefe sobre os sofrimentos anteriores para conseguir sustentar a própria família.

Através do testemunho do Sr. Danilo, o dono da empresa passou a se interessar por assuntos espirituais. Aos poucos, Danilo foi promovido aos cargos na empresa e hoje é gerente de uma das filiais.

A Sra. Isabel agora a olhava sem muita desconfiança. Traçou um paralelo entre o homem daquela história e a própria Cida. Lembrou-se de quando aquela mulher veio pedir-lhe emprego e, em determinado momento da entrevista, pediu folga aos sábados. Naquela época não precisava de trabalho nos seis dias da semana e aceitou a funcionária que, aos poucos, demonstrou ser muito competente na lida diária daquela família.

Descobriu, posteriormente, que Cida era uma cristã que guardava o sábado, e ela recusou vários aumentos de salário para que trabalhasse aos sábados naquela casa. A governanta conquistou, com uma destreza sem igual, a confiança da Sra. Isabel e a do Sr. Douglas. Pedro amava a mulher que cuidava dele todos os dias.

– Cida – disse Isabel, apoiando as mãos na mesa. – O que faz de você uma funcionária tão dedicada?

Era uma pergunta direta, mas a mulher pensou antes de responder. Já fazia algum tempo que Cida havia prometido para a patroa que não faria qualquer menção à sua religião debaixo daquele teto. Finalmente disse:

– Foi Deus quem me moldou do jeito que sou hoje.

Pedro sorriu feliz. Viu à sua frente a cena de Tiago se repetindo. Percebeu que Cida foi iluminada, como fora Tiago ao testemunhar de sua fé na frente dos amigos e do diretor da escola.

– Quem é esse Deus de quem você tanto fala, Cida? – perguntou a patroa, sem qualquer vestígio de preconceito em sua voz.

– Esse Deus é Aquele que pode ajudar qualquer um de nós quando precisamos – disse Cida enquanto a comida esfriava em seu prato. – Ele me ouviu quando Lhe pedi um emprego para ajudar meu marido e sustentar meu filho. Quando bati na porta desta casa, dez anos atrás, eu estava desesperada. Não havia gás em casa para esquentar o leite do meu filho. Eu acreditava que em pouco tempo não haveria nem leite para ser esquentado.

Isabel mordeu os lábios contendo a emoção. Nunca imaginou que a mulher que praticamente vivia sob seu teto já havia passado por uma situação daquelas.

– Antes de bater na porta da sua casa, Sra. Isabel, eu supliquei a Deus que não me abandonasse. Então a senhora apareceu, me tratou bem e nem disse nada quando eu falei que não trabalharia aos sábados.

– Cida... – a voz da patroa saiu amarrada, contendo uma emoção. – Você nunca me disse isso...

– Não se preocupe! – disse a funcionária, com os olhos vermelhos, contendo a emoção por estar, finalmente, vencendo seu medo e falando do amor de Deus para a mulher à sua frente. – Por favor, perdoe-me o que vou dizer, mas eu preciso dizer.

Respirando fundo, Cida lançou um olhar para Pedro, que estava sentado ao lado da mãe. Disse:

– Hoje, a senhora está tão desesperada como estava o Sr. Danilo ou eu. Nós depositamos tudo nas mãos de Deus e Ele nos guiou e nos guardou. Sra. Isabel, tome a decisão de colocar sua vida nas mãos de Deus. A senhora não pode continuar vivendo dessa forma.

A primeira reação da patroa foi menear a cabeça negativamente, mas aos poucos seus olhos não contiveram as lágrimas. Isabel debruçou-se sobre a mesa e chorou.



O aroma de comida saída do fogão já havia se esvaído. Sobre a mesa estavam as panelas mexidas, os pratos de Isabel e Pedro terminados e o de Cida, que quase não foi tocado.

Pedro ainda tentava entender um pouco do que estava acontecendo. Colocou a mão direita no ombro da mãe, que ainda estava debruçada sobre a mesa. Isabel levantou a cabeça, enxugou as lágrimas e tentou controlar a respiração e os soluços. Cida olhava com carinho para ela e, obviamente, disfarçava o nervosismo por ter quebrado uma regra daquela casa. Jamais poderia ter falado com sua patroa daquela forma. De fato, já havia falado umas poucas vezes sobre Deus, mas nunca daquela forma tão direta.

Ao mesmo tempo, também não podia mais se abster de falar do amor de Deus para uma pessoa que estava inegavelmente precisando.

– Filho – disse Isabel com um ar maternal –, vá para seu quarto. Preciso conversar um pouco com Cida. Ah, por favor, ligue pro meu consultório e peça para desmarcar as consultas de hoje à tarde também.

– Mãe...

– Faça o que estou pedindo, por favor!

Pedro foi até a sala, pegou o telefone e ligou para a clínica de sua mãe. Depois de dar o recado à secretária, disfarçou um pouco por ali, mas não conseguiu ouvir nenhum assunto vindo da cozinha. Percebeu que as duas mulheres estavam esperando que ele fosse para o quarto, para, então, continuarem a conversa.

O garoto ficou preocupado com Cida. Não sabia como sua mãe receberia uma crítica franca e sincera daquela forma, ainda mais quando ela estava num estado não muito bom. Para Isabel ter cancelado toda a agenda do dia, algo muito ruim estava acontecendo com ela.

Sentando-se na cama, enquanto soltava um suspiro barulhento, Pedro olhou para o livro que o Sr. José lhe havia presenteado. Deitou-se, puxando-o para si e reiniciou a leitura do dia anterior. A narrativa era um pouco mais rebuscada e desprovida do apelo comercial com que estava habituado, mas o assunto era muito interessante. Aprendeu muito nas fartas primeiras páginas do livro e seus olhos se abriram para muitos aspectos do passado e da atualidade.

Lembrou-se de diversos temas abordados nos livros que lia. Era uma visão diferente sobre os mesmos assuntos, uma visão apoiada não só na história, mas na atuação divina neste mundo. Pedro sentiu-se estranhamente confortado em pensar que Deus estava acompanhando toda a história da humanidade e interessado na salvação individual de cada um de seus filhos.

Um pensamento diferente passou por sua mente e seus olhos correram do livro para a porta entreaberta de seu quarto. O vento lá fora soprava uma brisa de tarde gostosa, empurrando de leve a cortina da janela.

Se Deus Se preocupa com o mundo, Ele também Se preocupa comigo?, pensou ele ainda olhando para a porta.

Lembrou-se do seu desejo de ser bruxo, de fazer maravilhas, de realizar coisas incríveis e humanamente impossíveis. Lembrou-se de como sempre desejou possuir o poder para mudar a própria realidade. Mas não era de uma varinha mágica que ele precisava.

– Eu preciso de Deus – disse baixinho, voltando a olhar o livro. – Eu preciso deste Deus.

Levantou-se como se estivesse em dúvida sobre o que faria. Abriu a porta e olhou desconfiado para fora. Voltou todo seu corpo para dentro do quarto e trancou a porta, virando-se e andando até ficar em pé, parado, ao lado de sua cama.

Parecia não saber exatamente como fazer aquilo que pretendia. Seu coração estava cheio de um desejo incontável de falar com Deus. Sentia-se pronto para entregar suas dúvidas e necessidades ao Deus que ele havia conhecido tão recentemente. Suas pernas amoleceram e ele se colocou de joelhos ao lado da cama. Com cotovelos apoiados no colchão coberto por uma colcha azulada, apoiou o rosto entre as mãos espalmadas.

Ali, sozinho em seu quarto, Pedro, o garoto que queria ser bruxo, fez sua primeira oração ao Deus verdadeiro, a fonte de todo o poder:

– Deus, o Senhor pode me ouvir? Não sei se é assim que se fala com o Senhor, mas é a única forma que eu já ouvi falar. Eu preciso do Senhor. Minha mãe também precisa. Minha família não consegue mais viver sem Jesus nesta casa. Eu vejo que meu pai não pára mais; ele vai ficar louco com o trabalho. Minha mãe parece doente, abatida. Existe uma saída para eles? O Senhor pode me ajudar?

Pedro sentiu uma emoção diferente. Um estranho conforto aqueceu-lhe o coração. Não tinha dúvida, Deus estava ouvindo; Ele estava ali e podia senti-Lo através da atuação de Seu divino Espírito.

– Por favor, me ajude!

Sua voz saiu baixa e apertada por um nó que lhe apertava a garganta. Pela primeira vez, em muito tempo, sentiu que não estava sozinho.

Levantou-se, olhando para o quarto vazio. Em qualquer outra época se sentiria um completo trouxa tomando uma atitude como aquela. Abriu a gaveta do criado-mudo e ali depositou seus óculos de aros redondos.

No decorrer do dia, Pedro não falou com a mãe sobre o assunto. Ela pareceu um tanto evasiva e não deu muita margem para qualquer diálogo. Preocupado, tentou se aproximar de Cida e perguntou-lhe baixinho se estava tudo bem. A governanta acenou que estava tudo certo e que no dia seguinte conversariam sobre o assunto.

Ao pensar que o outro dia seria a quarta-feira de estudos com o Sr. José, Pedro se animou. Foi para o quarto e colocou estudos e deveres em ordem.

O raiar gelado da nova manhã despertou Pedro. Como de costume, aprontou-se para a escola, tomou seu lanche matinal junto com a governanta e, embora estivessem sozinhos, não conseguiram conversar, pois ele já estava atrasado.

Passou na casa de Ana e ela já o esperava no portão.

– Você demorou – disse ela. – Cadê seus óculos? – perguntou assustada, observando que Pedro não estava usando suas inseparáveis lentes de aros arredondados, idênticos aos de seu personagem fictício preferido.

– Esqueci – disse despreocupadamente.

Andaram mais um pouco e Pedro não se conteve.

– Eu... É... Bem...

– Fale logo – disse Ana, com sua peculiar forma de saber exatamente quando o amigo estava um pouco desconfortável em falar qualquer coisa.

Pararam em um cruzamento, enquanto passavam dois carros e, depois de atravessarem a rua, Pedro subiu no meio-fio, parou, e disse:

– Acho que fiz uma oração ontem.

– Ah, legal! – Ana falou sem muita expressão no rosto. – Agora vamos, ou nos atrasaremos de verdade.

– Ei! – chamou Pedro quando Ana virou-lhe as costas. – Você não vai dizer nada? Acho que é minha primeira oração.

Ela virou-se impaciente, mas, de repente, compreendeu quão importante era aquilo para o amigo.

– E como foi? – perguntou ela.

– Puxa, foi legal!

Os dois reiniciaram a caminhada.

– Quantos *Pai Nosso* você rezou?

– Pai Nosso? Não foi isso não... Bem... eu acredito que conversei com Deus.

A última frase saiu de uma forma constrangida, como se Pedro estivesse confessando ter feito algo errado.

– E a gente pode conversar com Deus? – perguntou para Ana.

– Acho que sim. – Ana parou na esquina da escola e olhou para Pedro. – Diga, Pedro, você conversou com Deus?

Pedro pensou um pouco na pergunta. Pensou na forma como sentiu o desejo de colocar-se em oração e no conforto que se apoderou de seu coração enquanto orava. Disse de forma enfática:

– Sim. Eu falei com Deus!

Ela sorriu com a ideia e saiu na frente, virando-se onde se juntavam vários alunos, entrando pelo portão da escola.



Aos poucos, a sala estava lotada. Os alunos conversavam ao mesmo tempo, enquanto o professor da primeira aula não se apresentava. Quando Ana e Pedro se sentaram nas cadeiras do fundo, próximos a Patrícia e Tiago, a professora Mirna, de história, entrou na sala e, sem dar bom dia aos alvoroçados adolescentes, escreveu o título da matéria com um pincel azul no quadro.

Parou em frente à sala e, quando os alunos a perceberam, o silêncio foi tomando conta da sala.

– Bom dia a todos – disse ela com sua cordial simpatia. – Página 32, alguém leia em voz alta os dois primeiros parágrafos.

– Pedro – cochichou Tiago, enquanto uma garota lá na frente lia a matéria. – Não vamos poder nos encontrar em casa hoje à tarde. Avise a Ana. Já falei com a Patrícia.

– Por que não? – Pedro questionou, olhando-o de soslaio.

– Meu avô não está se sentindo muito bem.

– Algo sério? – a preocupação cruzou o rosto de Pedro junto com a pergunta.

– Nada além do que ele já está enfrentando.

– Atenção, fundão – chamou a professora Mirna. – A aula é aqui na frente.

Tiveram que esperar até o intervalo para continuar a conversa. Enquanto todos saíam para o pátio, Ana, Patrícia e Pedro reuniram-se no fundo da sala a pedido de Tiago, que tirou da bolsa uma garrafa térmica e um pequeno pacote.

– O que é isso? – perguntou Ana puxando para si o pacote e lendo: Granola.

Levantou os olhos para Tiago. – O que é granola?

– São vários cereais adocicados – respondeu Tiago, pegando das mãos de Patrícia copos plásticos que ela havia buscado antes do início das aulas.

Ana passou o pacote da tal granola para o amigo. Havia no rosto dela uma certa expressão de desconfiança enquanto Pedro também olhava da mesma forma. Nenhum deles ousou perguntar o que havia na pequena garrafa térmica de alumínio.

Os quatro copos plásticos foram colocados cuidadosamente sobre a mesa escolar usada por Patrícia. Tiago abriu a granola e encheu os copos até a metade com os cereais. Entre os olhares que variavam entre a dúvida e o receio dos demais amigos, ele parecia o único animado com a ideia de comer aquela coisa sem cor.

– Que caras são essas? – perguntou Tiago depois de completar o último dos copos. – Ah, podem parar. Hoje vocês não vão comer nenhum salgado oleoso da cantina. – Ele pegou a garrafa térmica e girou a tampa. Despejou em cada um dos copos um líquido grosso e branco, enchendo-os até a boca. – Granola com iogurte de coco.

Pegou dois copos, estendendo um para Ana e outro para Patrícia. As garotas pegaram com um sorriso desconfiado. Certamente preferiam se empanturrar com alguma guloseima da cantina. Ana cheirou seu copo e Tiago serviu o de Pedro.

– Isto é... – disse Patrícia com um fino bigodinho de iogurte no lábio superior.

– Muito bom – completou Ana. – Como é mesmo o nome? – perguntou ela mais interessada. – Granola?

– Quero mais – disse Pedro, enfiando o dedo no copo pra pegar os cereais que ficaram no fundo. – Essa coisa é boa.

Os quatro amigos sentaram ao redor da mesa e Tiago serviu cada um dos copos novamente.

– Vocês têm que comer menos esses salgados oleosos vendidos na cantina. Um dia o corpo vai cobrar todo esse exagero.

– Não seja trágico, Tiago – disse Pedro mastigando a granola.

– Pior é que ele tem razão, Pedrinho – concordou Ana. – Nós comemos salgadinhos e tomamos refrigerante todo dia. Eu já estou ficando gordinha.

Os outros três olharam para Ana. Observaram suas bochechas sardentas, bem avermelhadas e começando a ficar rechonchudas.

– Que foi? – perguntou a garota, baixando o copo de iogurte, deixando um fino bigode branco. – Ah, nem venham. Eu sei que engordei um pouco nos últimos meses.

Todos riram. Patrícia estendeu seu copo para que Tiago colocasse mais granola e iogurte de coco.

– Não é questão de ser gordo ou magro – disse Tiago, servindo Patrícia. – É uma questão de saúde. Não vejo vocês comendo nada saudável. Têm que comer legumes, verduras e comida com menos óleo e gorduras.

– Falando em saúde – Pedro chamou a atenção para si –, é algo sério com seu avô, Tato?

– Vocês sabem que meu avô já tem a idade bem avançada. Ele acordou bem indisposto hoje e a mamãe disse que não seria bom qualquer excesso para ele.

Os amigos fizeram uma expressão de pesar, não só por não poderem ter os estudos marcados, mas pelo estado da saúde do Sr. José.

– Mas eu tenho uma ideia e, se vocês concordarem, poderemos ouvir mais uma lição do meu avô ainda esta semana.

– Claro. Diga! – Pedro se entusiasmou, antes mesmo de ouvir a proposta.

– Falei com minha mãe hoje cedo quando ela contou que o vovô não estava bem. Ela sugeriu que nos reuníssemos na sexta-feira, por volta das quatro horas. Poderíamos fazer o pôr do sol juntos e lancharmos logo depois. Minha mãe disse que leva vocês para casa após o lanche. Que acham?

– Preciso pedir para minha mãe – disse Ana.

– Eu também – disse Patrícia. – Mas é quase certo que ela vai deixar, ainda mais se sua mãe se comprometeu em nos levar pra casa.

– Conte comigo. Eu vou – sorriu Pedro, que já havia participado de um pôr do sol com a família de Tiago.

Após as aulas, Pedro foi para casa. Deixou a mochila em seu quarto e foi até a cozinha onde Cida, como de costume, estava encerrando a preparação do almoço. Sentou-se na cadeira, enquanto a governanta mexia nas panelas.

– Cida – perguntou Pedro ao som de algo borbulhando no fogo. – O que você e a mamãe conversaram ontem?

Ela olhou para o garoto por sobre os ombros e voltou sua atenção para o fogão. Desligou as chamas e colocou a panela de arroz e molho vermelho com almôndegas sobre a mesa, juntamente com um prato de salada. Cida sabia que

Pedro estava esperando para fazer aquela pergunta desde o dia anterior. Disse:

– Sirva-se!

Por um frustrante momento, Pedro achou que não receberia nenhuma resposta. Mas, assim que terminou de fazer seu prato, Cida, que também já estava começando a comer, disse:

– Conversamos sobre muitas coisas. – Ela comeu um bocado de arroz com molho. – Você era um bebê quando comecei a trabalhar aqui. Eu ajudava a cuidar da casa e de você. – Ela sorriu, lembrando-se carinhosamente do pequeno garoto. – Depois de um tempo, sua mãe foi conhecendo um pouco mais de mim e da minha religião. Conforme você foi crescendo, eu comecei a lhe ensinar sobre Jesus e ensinei até algumas músicas infantis.

– Sêrio? Que legal!

– É. Mas sua mãe não gostou muito. Com muito jeito, ela me pediu que eu não mais ensinasse a você músicas ou falasse qualquer coisa sobre minha religião.

– Por que ela lhe pediu isto? – perguntou Pedro, com surpresa na voz.

– Ela disse que gostaria que a religião fosse ensinada apenas pela família.

Passou pela mente de Pedro que nunca seu pai ou sua mãe haviam falado nada sobre Deus dentro daquela casa. Se eles tivessem alguma crença, era mais voltada para um certo misticismo, pois tinham uma série de superstições, entre elas a consulta a horóscopos, presença de cristais pela casa, coisas estas que, pelo que estava aprendendo, não têm nenhuma base na Bíblia.

Era estranho ouvir dizer que seus pais se preocupavam com seu ensino religioso quando era presenteado com livros, muitos deles de teor totalmente contrário à verdade de Cristo. Pedro ficou triste em pensar que passou a infância acompanhado de desenhos infantis muito famosos, mas sem qualquer conexão com a verdade, quando poderia ter em casa leituras que contivessem a mensagem de salvação.

– Na verdade, Pedrinho – continuou Cida. – Seus pais tinham preconceito. Temiam que eu trouxesse para dentro da casa deles a religião de uma pobre empregada.

– Não diga isso – repreendeu Pedro.

– Eu disse isso para sua mãe ontem. – Cida olhou no fundo dos olhos do garoto. – E ela confirmou o preconceito.

Houve um silêncio momentâneo entre os dois até a governanta prosseguir com o assunto:

– Eu também disse para ela que, aos olhos de Deus, somos todos iguais. Não importa a diferença social que existe entre as pessoas, Deus as ama da mesma forma. Expliquei também que na minha comunidade religiosa há pessoas com menos dinheiro que eu, assim como existem pessoas com mais dinheiro que seu pai e sua mãe juntos. Dentro da casa de Deus nos tratamos como irmãos, como iguais.

– Não acredito que você disse tudo isso – exclamou Pedro, num suspiro.

– Eu disse mais que isso. – Ela sorriu e comeu mais um pouco. – Fiquei uns dez anos calada, Pedro. Por dez anos não falei abertamente do amor de Deus para pessoas que estavam precisando ouvir. Eu tive medo de perder meu emprego, caso testemunhasse de minha fé. Então, ontem, você chegou contando da audácia do Tiago. Um menino de 13 anos teve a coragem que eu não tive. Ele testemunhou para o diretor da escola e para um grupo de amigos. Eu me senti envergonhada.

Pedro olhou para a mulher à sua frente. Tentou sentir e entender um pouco sobre o que estava passando na mente dela, e compreendeu um pouco do que se passou em seu coração no dia anterior.

– Não se envergonhe, Cida – disse ele. – As pessoas erram. O importante é que você teve coragem de falar ontem. E, se minha mãe a mandasse embora, eu não iria deixar.

– Eu desabafei, Pedrinho – a voz da governanta parecia até estar mais leve. – Falei tudo para sua mãe. Falei do amor de Deus e de quão distante ela está dEle. Falei da ganância dela e de seu pai em trabalharem tanto, sem ao menos poder desfrutar deste trabalho. Falei que você sente saudades deles e que não é saudável eles permitirem você ser educado por livros, televisão, vídeos e internet.

– Você não disse isso! – espantou-se novamente.

– Já falei. Eu disse muito mais que isso. Falei que você precisa de religiosidade na sua vida. Que esta casa precisa de Deus. Falei que sua mãe e seu pai têm de tomar uma decisão na vida, pois estão extremamente estressados e precisam de uma outra atividade, fora do trabalho e compromissos financeiros, que os envolva dentro de uma comunidade diferente do dia-a-dia deles.

– E o que minha mãe disse?

– Ela chorou. – Cida fez uma pausa. A expressão em seu rosto parecia ter um agradecimento a Deus, que anunciava o que ela diria a seguir: – Então, eu orei por ela, pelo seu pai, por você e por sua casa.

Pedro ficou ali, diante de seu prato já vazio. A refeição estava encerrada, mas ele ruminava em sua mente tudo que Cida havia contado. Ela falou ainda que a Sra. Isabel não disse mais nada a respeito depois da oração e prometeu que conversariam depois.

Levantando-se da cadeira, Pedro foi até a porta da cozinha. Parou quando já estava saindo do cômodo, virou-se e disse com um brilho nos olhos:

– Cidão... Obrigado! – Ela sorriu feliz de volta. – Obrigado por tudo o que você tem feito por nós todos desta família! – E saiu correndo pela casa.

No dia seguinte, já na escola, os três amigos confirmaram com Tiago a reunião de estudos da sexta-feira. Ana quis saber como era esse tal de “pôr do sol”, e Pedro, sorrindo, para Tiago, disse:

– Acontecem algumas coisas estranhas, como, por exemplo, a aparição de um ser vestido com roupa de flor roxa cantando “sou uma florzinha de Jesus”.

As duas garotas não entenderam quando os meninos riram entre si.

Na escola, Tiago tinha se tornado uma pequena celebridade. Sua postura diante do diretor tornou-o um mito naqueles últimos dias, e vários o olhavam com admiração. Os que vinham conversar com ele perguntavam mais sobre sua crença. Ele não perdeu nenhuma oportunidade de falar do amor de Jesus.

No dia seguinte, Ana, Pedro – que não colocou seus óculos – e Patrícia foram para a casa de Tiago. Lá chegando, Sansão, o mastim napolitano, estava deitado na calçada vermelha ao lado do dono. Seu olhar animal acompanhou cada passo dos três que passaram pelo portão. Se não fosse um cão treinado, provavelmente avançaria nos garotos.

Todos entraram na casa. Um cheiro gostoso de bolo assando vinha da cozinha e a pequena Nina estava na primeira sala, em frente à televisão, ouvindo um DVD de um grupo infantil que Tiago disse chamar “Nosso Amiguinho”. Os cachinhos dela balançavam de um lado para o outro, enquanto seus braços apertavam a pequena e surrada boneca de pano cor-de-rosa.

Sentaram na sala dos livros e Tiago fechou uma fresta da janela por onde entrava um fino vento gelado, anunciando que o inverno se aproximava. O olhar de Pedro, como sempre, percorreu a estante dos livros e, não resistindo, foi até ela ler alguns títulos. Pensou um pouco no “*Grande Conflito*”, o presente do Sr. José que ele estava lendo, ou melhor, estava devorando, pois já estava quase na metade da volumosa obra. Ali na estante havia um pequeno pacote colorido em amarelo e vermelho e Pedro supôs ser o presente para Patrícia.

Minutos depois, o Sr. José veio, empurrado em sua cadeira de rodas pela Sra. Laís, que sorriu cumprimentando a todos. Havia um sorriso na face do velho homem, disfarçando um pouco os pesados traços de cansaço. Os últimos dias não tinham sido bons para ele.

– Prontos? – perguntou o homem, com a rouca voz transbordando de animação.



Os jovens retribuíram o sorriso, igualmente animados e ansiosos. Nina correu para a sala e pulou no pescoço do avô, beijando-lhe o rosto. Então voltou correndo para a outra sala.

– Ela sempre faz isso – disse o Sr. José, com uma satisfação que lhe enchia o peito. – Agora, quem vai orar para nós iniciarmos?

Eles estavam amontoados entre as almofadas, uns próximos dos outros, aquecendo-se do pequeno frio.

– Eu posso tentar? – perguntou Pedro, recebendo a aprovação com um aceno de cabeça do Sr. José. – Está bem. Mas ninguém tire sarro depois que eu terminar.

Todos riram e Pedrinho curvou a fronte, fechou os olhos e orou.

– Querido Pai, obrigado por estarmos aqui. Faça-nos sentir Sua presença e nos ajude a entender Suas palavras. Em nome de Jesus, amém.

– Amém! – disseram os demais em uníssono.

Laís saiu da sala, deixando-os sozinhos.

– Vejo que Tiago já entregou uma Bíblia para cada um – iniciou o Sr. José. – Até agora falamos da Criação, do pecado original, do plano de redenção e da morte de Jesus em favor de cada um de nós.

Novamente a atenção dos quatro estava totalmente voltada à excelente e interessante oratória daquele homem em sua cadeira de rodas.

– Depois do nosso último estudo, a Patrícia perguntou sobre o Céu e o inferno. – O Sr. José virou os olhos fundos para Pedro e perguntou-lhe: – O que é

inferno?

– Bem, pelo que li por aí seria um lugar de eterno tormento, cheio de demônios e fogo e para onde vão os pecadores.

– Esse inferno de fogo eterno condiz com o Deus de amor que eu tenho mostrado para você? – seu olhar voltou-se para Patrícia.

– Não... Bem... Acho que não...

– O que você acha, Ana? – quis saber o Sr. José. – Um paraíso para os que aceitam Jesus e um inferno de tormento, num fogo eterno, para sempre, para quem não O aceita? Deus teria tranquilidade sabendo que uma porção de Suas criaturas, mesmo sendo pecadoras, estaria em eterno sofrimento e castigo?

– É, pensando dessa forma, é estranho.

– Deus é justo. Ele não é um carrasco. Alguém pode me dizer o que Deus falou a Adão e Eva que lhes aconteceria, caso comessem o fruto proibido?

– Eles morreriam – respondeu Pedro rapidamente.

– Exato. – O Sr. José apontou-lhe o magro e ossudo dedo indicador. – Deixe-me dar um exemplo. Digamos que eu tenha um neto muito peralta, chamado Tiago.

Os garotos riram, olhando para o amigo.

– E eu tenho algo bem precioso. Uma Bíblia de capa de vidro. Eu a coloco sobre um balcão e, antes de sair de casa, digo para o Tiago: “Se eu ficar sabendo que você mexeu em minha Bíblia de vidro, vou cortar-lhe a mesada por um mês.” Então saio de casa. Quando volto, para minha surpresa, o Tiago, devido a sua curiosidade e peraltice, mexeu na minha Bíblia e a derrubou do balcão. Só encontro cacos por todo o chão. O que eu devo fazer com Tiago?

– Dar-lhe o castigo prometido – arriscou Ana.

– Sim. Exato – concordou o homem. – Digamos que eu fosse executar o castigo. Então, digo ao Tiago que ele ficaria sem mesada para sempre.

Pedro iria interromper para avisar que era só por um mês e não indefinidamente, mas o Sr. José não deu tempo:

– Vou cortar-lhe a mesada para sempre. – Olhou fixamente para cada um dos jovens. – Essa é a ideia que as pessoas têm sobre inferno, um castigo que nunca acaba.

A mensagem passou pela mente de cada um. Eles pensaram e refletiram sobre as palavras do Sr. José. Finalmente, Ana disse:

– Mas isto é injusto! O senhor prometeu cortar a mesada só por um mês, e

não para sempre.

– Exato, Ana. E Deus disse que morreriam se comessem do fruto proibido. Ele não prometeu um castigo sem fim.

Finalmente uma expressão de compreensão tomou conta da face dos adolescentes.

– Então, por que falam tanto do inferno? – quis saber o curioso Pedro.

– A Bíblia tem textos que falam de tormento eterno e são interpretados literalmente. A interpretação não deve ser feita dessa maneira literal. E os textos devem ser entendidos como se referindo às consequências eternas, e não um castigo eterno. Mas isto é um assunto a ser estudado por vocês mais profundamente no futuro. Quando estudarem, sempre pensem no que acabei de dizer: Deus fixou uma pena para o pecado, ou seja, a morte. A morte eterna, para sempre, a extinção total da existência da pessoa, vou explicar como acontece. Alguém pode me dizer o que a serpente disse a Eva sobre o que aconteceria se ela comesse o fruto?

– Ela certamente não morreria – respondeu Pedro novamente.

– Isso mesmo! Essa mentira existe até hoje: “Você não morre, pois seu espírito continua vivo”; “seu espírito é imortal e você reencarna”; “seu corpo é mortal, mas a alma é eterna”. Já ouviram essas frases alguma vez?

Todos responderam que sim.

– Pois bem. O fato é que o ser humano é mortal. Ele foi formado do pó da terra mais fôlego de vida, o que resultou em uma alma vivente. Quando uma pessoa morre, o pó volta para a terra e o fôlego para Deus. No dia da ressurreição, o fôlego será devolvido. Quem estiver salvo irá para o Céu, e quem estiver perdido sofrerá, no momento oportuno, a condenação prometida por Deus a Adão e Eva: a morte eterna, a extinção da vida para todo o sempre.

– Então, não existe um inferno de fogo? – perguntou Patrícia.

– Não – disse categoricamente o Sr. José. – Não há nenhuma alma neste exato momento sofrendo tormentos no fogo do inferno. Deus não manteria um local dessa espécie e nem permitiria que demônios o mantivessem.

– E os espíritos? Eles existem? – Havia um certo ar de dúvida no rosto de Pedro.

– Lembra-se de que eu disse que Lúcifer conseguiu convencer um terço dos anjos do Céu? Pois bem, estes são os tais espíritos. Eles têm seus poderes, se disfarçam de entes queridos para simplesmente enganar as pessoas e desviá-las

da verdade. Mas não é este nosso assunto. Vocês querem saber sobre Céu e inferno. Inferno com fogo eterno, para todo o sempre, não existe. Existe uma extinção eterna da vida do pecador, o que ocorrerá no fim de tudo. O Céu é o local onde estaremos para todo o sempre com Deus. Lembrem-se: Jesus morreu em nosso lugar, ressuscitou e foi para o Céu, prometendo voltar para buscar aqueles que aceitarem Sua morte como substituta à morte prometida a Adão e Eva. Quem aceitar Jesus como seu Salvador e, conseqüentemente, obedecer a Seus mandamentos, irá para o Céu. Aqueles que não aceitarem e não seguirem as regras divinas, serão condenados à morte eterna, prometida como consequência pelo pecado.

Um silêncio sem igual tomava conta da sala. Eles ouviram um carro estacionar na garagem lá fora. Era o Sr. Danilo chegando em casa. Ele fez o maior silêncio na outra sala de televisão, respeitando os estudos na sala dos livros.

– Crianças, as coisas que estão acontecendo no mundo, tais como guerras, fome, aquecimento global, promiscuidade e outras tantas barbaridades, são sinais da breve volta de Jesus. E desta vez Ele não virá como um frágil bebê. Ele voltará em toda a Sua glória, acompanhado de toda a hoste celestial. Todo olho verá esse maravilhoso acontecimento. Os justos vivos irão para o Céu. Os justos mortos ressuscitarão e também irão para o Céu. Os ímpios vivos, aquelas pessoas que não aceitaram Jesus, não suportarão a glória do Filho de Deus, se esconderão embaixo de rochas e fendas e pedirão que elas os soterrem. Os maus não suportarão a luz divina e sofrerão a primeira morte. A Terra ficará vazia, pois os justos serão levados para o Céu com Jesus, onde morarão numa cidade chamada Nova Jerusalém. Os ímpios que estavam mortos continuam mortos e os ímpios vivos morrem diante da glória de Jesus. Então, Satanás será preso e passará aqui mil anos, no que a Bíblia chama de abismo, pois a Terra estará vazia e ele não terá ninguém para tentar. No período de mil anos, chamado milênio, os justos estarão no Céu com Jesus. Depois desse tempo, a Nova Jerusalém descerá à Terra. Após esses mil anos, os ímpios que estavam mortos ressuscitarão e, sob o comando de Satanás, tentarão invadir a Santa Cidade. Descerá, então, fogo e enxofre do céu e consumirá todos os ímpios, Satanás e seus anjos. Esta é a morte eterna e o mal estará extinto para sempre. Os justos morarão eternamente na Terra renovada e novamente este planeta estará sob o governo de Cristo.



Havia um turbilhão de perguntas na mente daqueles quatro adolescentes. Não havia inferno então? Como era o Céu? Jesus estaria ali com eles para sempre? Seriam restaurados à perfeição de Adão e Eva?

– O que tenho que fazer para ir para o Céu e não sofrer a destruição final? – perguntou Pedro.

– Olá, garotos, garotas – disse o Sr. Danilo, entrando na sala com Nina em seu colo e um copo de água na mão. – Seu remédio, pai. – Disse carinhosamente ao sogro, entregando-lhe o copo e um comprimido.

Os jovens ficaram alvoroçados. Queriam mais respostas e estavam crentes de que aquela interrupção poderia ser como a da reunião passada, quando a Sra. Laís só permitiu que continuassem os estudos na semana seguinte. O sol estava quase se aproximando do poente e o cheiro do bolo inundava ainda mais a casa.

O Sr. José agradeceu, tomou o remédio e, para o alívio de seus alunos, continuou com sua voz rouca:

– Bem, com essas nossas três aulas, aprendemos algumas coisas básicas do cristianismo: Digam-me: De onde viemos?

– Fomos criados por Deus – respondeu Patrícia.

– Ele fez tudo o que existe, não só na Terra, mas em todo o Universo – completou Ana.

Tiago apenas olhava para os amigos. Conhecia a resposta, mas os deixava à vontade para responder.

– Por que existe morte? – perguntou o homem.

– Porque Adão e Eva aceitaram a ideia de Lúcifer e desobedeceram a Deus – Pedro respondeu convicto. – Para que não morressem a morte eterna como consequência do pecado, Jesus Se dispôs a morrer por eles.

– E para onde vamos? – a voz do Sr. José tinha um certo ar de mistério.

Os jovens se entreolharam. Pensaram nas possíveis respostas, mas não se arriscaram a dizê-las. Ana, Pedro e Patrícia olharam para Tiago, deixando claro que era ele quem devia não só responder, mas ensiná-los sobre o que ele entendia a respeito. Tato respondeu, olhando para os amigos:

– Os que não aceitarem Jesus e não obedecerem a Seus mandamentos sofrerão a morte eterna. Aqueles que aceitarem a morte de Jesus como substituta para sua própria morte e, conseqüentemente, obedecerem a Seus mandamentos, irão para o Céu. Estes viverão eternamente.

Novamente o silêncio tomou conta da sala. Ouviram Nina dando gargalhadas no outro cômodo. O Sr. Danilo estava fazendo cócegas em sua barriga. Pedro foi o primeiro a falar:

– É tão simples assim? É só aceitar Jesus e pronto?

– Aceitar Jesus é o primeiro passo – disse o Sr. José. – A decisão de viver como Cristo viveu é muito importante. Não adianta dizer que O aceita e não seguir Seus ensinamentos. Um cristão não é somente aquele que diz crer em Cristo, mas o que luta diariamente para ser igual a Ele.

– Eu... Eu... – Pedro olhou relutante para os amigos ao lado. – Eu quero.

– Quer o quê? – perguntou o Sr. José. Sua voz era firme e compassada e ele quase se inclinou na cadeira com o olhar inquisitório para o garoto.

– Eu quero ser igual a Jesus.

Vários pensamentos passaram pela mente de Ana quando ela ouviu essa afirmação do amigo. Lembrou-se que, pouco tempo antes, Pedro tinha intenso desejo de ser bruxo. Aliás, foi justamente a ideia de que Tiago vinha de uma família de magos que intensificou sua curiosidade em conhecê-lo melhor.

Tal curiosidade levou Pedro a, finalmente, conhecer a verdade. Conhecer Jesus e Sua Palavra, a Sagrada Bíblia. O garoto que queria ser bruxo, agora desejava ser igual a Jesus. Esqueceu as fantasias de seus livros. As ficções recheadas de mentiras e enganos agora davam lugar à mensagem de Deus.

Tiago deu um tapinha no ombro do amigo e sorriu para ele.

– Eu também quero – disse Patrícia. – Quero conhecer mais a Jesus.

Um nó apertou a garganta de Ana. Ela sentiu um desejo de dizer a mesma coisa, mas algo a reprimiu. Não sabia se estava preparada para iniciar uma vida cristã, assim como não sabia se iria ter o apoio de seus pais, os quais não tinham qualquer envolvimento com religião e desprezavam totalmente o cristianismo.

– Você sabe que vou estar ao seu lado, não sabe? – disse Pedro, olhando nos olhos da amiga. Sabia exatamente o que se passava na mente de Ana, pois a conhecia fazia muito tempo.

– Vocês me ajudam? – perguntou ela, com os olhos começando a inundar de lágrimas. Os amigos sorriram emocionados e acenaram positivamente com a cabeça.

Os quatro amigos se abraçaram. Levantaram-se e deram, todos juntos, um grande abraço no Sr. José. Laís ia entrando na sala, mas parou, recostando-se no batente da porta, e os observou. Seu coração entendeu exatamente o que estava acontecendo ali: o milagre da conversão. Palavras tão simples, somadas ao poder do Espírito Santo, estavam transformando aqueles pequenos corações.

– Meus queridos... Meus queridos – disse o Sr. José, com a voz ainda abafada pelos abraços. Podia ouvir um ou dois daqueles jovens soluçando. – Deus seja louvado! Deus seja louvado!

Os garotos e garotas se afastaram para poder olhar aquele sorriso marcado pelos traços da idade e experiência. O Sr. José disse:

– Tato, por favor, arrume duas almofadas perto do sofá. Eu quero orar por vocês.

– Pai?! – disse Laís na porta ao lado, antes que Tiago pudesse demonstrar, ele mesmo, sua preocupação pelo avô tentar levantar-se da cadeira. – O senhor sabe que não está em condições de fazer malabarismos.

– Filha – o Sr. José olhou por sobre os ombros –, que bom você estar aqui. – Ele olhou novamente para a frente. – Sente-se aqui, por favor.

Laís passou pelos garotos e sentou-se no sofá, bem em frente ao pai.

– Quero lhe falar uma coisa. – A voz do Sr. José era a mais paternal possível. – Eu tenho um Deus que deixou Seu trono de glória para sujar Seus pés na poeira deste mundo. Ele viveu como um ser humano, sofreu e sentiu fome e dor. Foi rejeitado pelo povo que viera salvar. Foi acusado e condenado à morte. Foi chicoteado nas costas e carregou uma cruz que pertencia a este pecador aqui. Ele carregou a minha cruz e foi pregado nela no meu lugar. Cuspiram em Seu rosto,

feriram Sua cabeça com uma coroa de espinhos. Pregos grandes atravessaram Seus pés e mãos. – O homem olhou com carinho para a filha. – Ele não mediu esforços para ser o meu Deus e eu não vou medir esforços para ser o filho dEle.

– O senhor nunca mediu esforços, meu pai – disse Laís.

– Então, não queira me impedir de fazer mais um. Eu vou me levantar e me ajoelhar ali, naquelas almofadas, para dizer a este Deus que eu tanto amo uma única coisa: Obrigado!

Houve um silêncio momentâneo. Finalmente, Laís olhou para o filho e disse:

– Arrume as almofadas, Tato. E venha me ajudar a colocar este homem de joelhos na presença de Deus.

Tiago arrumou uma boa almofada perto do sofá e, com a ajuda de Pedro, levantaram o Sr. José. Seus pés saíram da cadeira de rodas e tocaram o chão. Ele apoiou-se nos ombros dos garotos e deu dois passos com dificuldade, pois parecia não ter forças para sustentar o próprio peso sobre as idosas pernas.

Mais outros quatro passos e ele foi se inclinando vagarosamente, até seus joelhos se acomodarem nas almofadas e seu corpo ser apoiado no sofá à sua frente. Ana e Patrícia se ajoelharam ao lado direito dele, enquanto os garotos se ajoelharam à sua esquerda.

Laís ajoelhou-se no centro da sala, perto do marido Danilo e de Nina, que haviam chegado ao cômodo enquanto o Sr. José era colocado de joelhos. O velho homem orou:

– Olá, meu Deus. Sou eu de novo – respirou, demonstrando cansaço pelo esforço. – Faz muito tempo que meu corpo se recusa a me deixar de joelhos na Tua presença, mas Tu sabes que minha mente está sempre contigo. Estou aqui agora para agradecer por esta família maravilhosa e também dizer muito obrigado por agires de uma forma incrível e milagrosa para alcançar estes três corações que estão ajoelhados ao meu lado. Obrigado pela decisão de Pedro, Ana e Patrícia. Ajuda-os a andar nos caminhos ensinados por Aquele que eles acabaram de aceitar como Salvador, Seu Filho amado Jesus, em nome de quem é feita esta oração. Amém!

– Amém! – responderam os demais.



Danilo ajudou os garotos a colocarem o Sr. José na cadeira. Todos se ajeitaram ali mesmo naquela sala, pois era chegado o momento do culto familiar do pôr do sol. Cantaram um hino, e a Sra. Laís, com Nina aconchegada em seu colo, fez uma oração.

Depois, o Sr. Danilo leu um texto bíblico e fez uma breve reflexão sobre ele. Cada um dos presentes pôde agradecer por algo importante na semana e fazer pedidos para que a família orasse por eles. Tiago agradeceu pelos três amigos na sua casa e os amigos agradeceram a Deus por terem conhecido Tiago e sua família.

Quando o Sr. Danilo estava falando sobre sua semana e o que ele tinha para agradecer, Tiago pegou Nina no colo e a levou para outra sala. Assim que seu pai parou de falar, os dois entraram na sala com uma expressão marota no rosto.

– Hum, hum... – Tiago raspou a garganta. – Eu e a pequena Katarina temos uma apresentação a fazer.

– É. Vamos cantar uma música. – disse Nina com sua voz infantil.

– Pedro disse que no culto de pôr do sol ocorrem coisas estranhas, tais como um garoto vestido de flor cantando “sou uma florzinha de Jesus”. – Todos riram. – Pedro, meu amigo, você ainda não viu nada. Vamos cantar uma música em homenagem aos nossos mais novos irmãos em Cristo. Pronta, Nina?

– Sim – disse a criancinha com as duas mãos juntas, esticadas em frente ao corpo.

– Então, é um, é dois, é três!

Cantaram os dois, fazendo gestos, caras e bocas:

Havia um homenzinho torto

Que morava numa casinha torta

Andava num caminho torto

Sua vida era torta.

Um dia o homenzinho torto

A Bíblia encontrou

E tudo que era torto

Jesus endireitou.

Foi impossível não rir quando Tiago se inclinava para frente e para os lados quando pronunciava a palavra “torto”. Os gestos infantis de Nina eram ainda mais engraçados.

Nesse clima descontraído, fizeram a oração final e foram tomar o lanche que a Sra. Laís havia preparado: bolo de cenoura, aveia, cereais, iogurte, queijo e pão integral. Para beber, cevada e suco de laranja.

Durante o lanche, Tiago convidou os três amigos para irem visitar a igreja no dia seguinte. Eles aceitaram e foram ensinados como chegar até lá. A igreja do bairro era bem próxima à escola e todos eles poderiam ir até mesmo a pé.

Conversaram bastante na sala. Nina dormiu no colo de Ana, enquanto ela lhe alisava os cachinhos. E, depois, no horário prometido, a Sra. Laís levou cada um dos jovens para casa. Patrícia irradiava felicidade, pois, além de tudo, tinha ganhado um livro do Sr. José, chamado *Projeto Sunlight*.

Na manhã seguinte, pouco antes das 9 horas, Tiago estava no portão da igreja, esperando ansioso a chegada dos amigos. Finalmente, os avistou vindo pela calçada. Ana trajava um vestido claro, na cor salmão, muito discreto, enquanto Patrícia vestia um jeans e uma blusa. Pedro, sem os óculos e o que parecia ser um penteado em seu cabelo desacostumado com qualquer corte, trajava também uma calça jeans e uma camisa azul.

Estava claro no rosto de Tiago que ele não se cabia de tanta alegria ao ver seus amigos ali. Cumprimentou cada um deles e os puxou para a entrada da nave da igreja, onde foram recepcionados por uma mulher que sorriu e saudou os quatro.

Não era uma igreja grande, mas também não poderia ser considerada

pequena. Havia três fileiras de bancos de madeira, e eles se sentaram perto dos pais de Tiago, à direita. Lá na frente, havia uma plataforma pouco mais elevada que o restante da nave da igreja, onde estavam situadas cadeiras e suportes para os pregadores.

Assim que se sentaram, pontualmente às 9 horas, iniciou-se o primeiro ciclo da programação. Tiago explicou chamar-se “Escola Sabatina”, onde uma mulher fez as saudações iniciais, houve um cântico por todos da igreja e alguém orou. Seguiu-se uma leitura feita por um jovem e, em seguida, a mulher anunciou o início da recapitulação do estudo da lição da semana.

A sala dos jovens era situada nos fundos da igreja e, enquanto caminhavam pelo corredor lateral, Tiago mostrou para os colegas um pequeno livro e disse que estudavam um tema a cada três meses. Para cada semana existia um assunto a ser discutido dentro do tema geral da lição.

Pedro ficou surpreso ao entrar na sala dos jovens, pois a professora era ninguém menos que Cida. A mulher sorriu, igualmente surpresa. Foi até ele, deu-lhe um grande abraço e pediu para que todos se acomodassem na sala que já estava com cerca de uns trinta ou mais adolescentes.

Uma lição descontraída foi bem ministrada por Cida, que sempre dava a todos a oportunidade de opinarem sobre o tema, que era relacionado à confiabilidade da Bíblia Sagrada. Estava visível na expressão dos três visitantes que haviam amado a primeira parte da programação.

Voltaram para a nave da igreja, onde foi encerrada a Escola Sabatina e o culto, propriamente dito, foi iniciado. Um homem de terno marrom falou sobre uma parábola de Jesus, a do Filho Pródigo. Encerraram com um hino e oração. Quando todos estavam saindo da igreja, Pedro não pôde deixar de notar que algumas pessoas passavam pelo Sr. José e o cumprimentavam com muito respeito. Finalmente ouviu um deles dizer: “Tenha um bom restante de sábado, pastor.”

Não conteve a curiosidade e perguntou imediatamente para Tiago:

– Seu avô é pastor?

– Sim – respondeu o amigo em meio às pessoas que se dirigiam para a porta de saída. – Ele é pastor jubilado, ou seja, aposentado. Ele pastoreou várias igrejas no nosso estado e era um pregador excepcional. Muita gente o conhece.

Com o corpo e a mente até mais leves, Pedro voltou para casa e, lá chegando, sua mãe o esperava para ir ao *Shopping* comer alguma coisa. No caminho conversaram:

– Encontrei a Cida na igreja – disse ele, enquanto a mãe prestava atenção no trânsito.

– Que bom! – disse ela, sorrindo sem desviar sua atenção de um carro que ia muito devagar à sua frente.

– Ela é professora na sala dos adolescentes.

– A Cida? Professora? – A Sra. Isabel virou-se por um breve segundo para Pedro e voltou a olhar para a frente.

– Sim. E dá uma excelente aula.

– Eu acredito nisso. Ela fala muito bem. Ela fala com o coração.

O carro andou mais alguns metros pela rua até finalmente parar em um semáforo com o sinal vermelho. Isabel virou para o filho e disse com um alívio estampado no rosto:

– Cida me fez entender algumas coisas na última conversa que tivemos. – Ela deu um suspiro e olhou para o farol. – Eu preciso mudar algumas coisas na minha vida, filho. Quero ter mais tempo para você, para seu pai e para mim mesma, e pretendo começar o mais rápido possível. – O sinal abriu e continuaram o caminho. – Vou deixar minha agenda mais folgada, vou trancar minha especialização para continuar só no ano que vem, quando meus dias já estiverem bem menos tumultuados.

– Sério?! – espantou-se Pedro.

– Seriíssimo – ela sorriu, olhando para a frente. – Tudo ideia da Cida. – Isabel olhou feliz de relance para o filho ao seu lado, preso no cinto de segurança. – Ela também quer que eu visite a igreja dela para conhecer mais sobre Deus.

Pedro queria pular de alegria e pendurar-se no pescoço da mãe. Era uma notícia muito boa. Ele passou a falar entusiasmado sobre como aproveitariam mais o tempo juntos e como isto seria bom para os dois. Contou cada detalhe do culto na igreja do amigo Tiago e, quando estacionaram o carro no *Shopping*, a Sra. Isabel disse com o mesmo entusiasmo:

– Então fica combinado. Sábado que vem vamos juntos à igreja da Cida. Mas não conte nada para ela. Quero lhe fazer uma surpresa.



Na praça de alimentação, a Sra. Isabel e Pedro encontraram o Sr. Douglas. Enquanto comiam comida italiana, a esposa explicou ao marido sua decisão. Ele ouviu tudo com extremo interesse e atenção e concordou com o desfecho, fazendo apenas uma careta do tipo: “Você? Indo à igreja?”, quando ela lhe falou de sua pretensão para o sábado seguinte.

Finalmente, ela disse:

– E você devia fazer o mesmo. Reorganizar sua agenda, colocar um ou dois estagiários para ajudá-lo, contratar um advogado recém-formado para trabalhar no escritório, tirar um dia de descanso, dar mais atenção ao filho e a sua linda esposa. – Ela terminou a frase com um sorriso amoroso ao marido, segurando uma de suas mãos e ocultando o fato de que tudo o que acabara de falar também havia sido dito pela governanta Cida.

Pedro até parou de mastigar o macarrão ao molho bolonhesa para ver a reação do pai.

– Você está certa em tudo o que disse. Vou apoiá-la em tudo o que eu puder, mas...

– Mas? – ela ergueu uma das sobrancelhas. – A quanto tempo estamos usando esta palavra: “mas”? Vai ser tão menos complicado se tomarmos uma decisão juntos. – Havia uma súplica em sua voz e olhar.

O Sr. Douglas olhou de soslaio para Pedro que, instintivamente, voltou a mastigar e olhar para o próprio prato.

– Eu vou pensar. Conversaremos sobre isso mais tarde – disse ele, deixando claro que não discutiria o assunto perto do filho. – Pedro, agora me conte como foi sua semana e seu passeio de hoje.

Conversaram descontraidamente entre o som de muitas vozes no *Shopping*. Depois voltaram para casa. O Sr. Douglas foi trabalhar no escritório em um dos cômodos e a Sra. Isabel saiu com Pedro para visitarem uma tia em outro bairro da cidade.

No domingo, Isabel e Pedro ficaram juntos e também saíram para passear um pouco.

Quando chegou a segunda-feira, havia um novo ânimo em Pedro, que ficou um pouco abalado quando, já na escola, Tiago contou que o Sr. José estava muito mal, pois seu quadro de saúde havia se agravado. Tato parecia extremamente abatido e triste e o temor em perder o avô estava claro, mesmo no disfarçado sorriso que ele tentou dar.

– Por favor – disse Tiago aos amigos –, orem por ele.

Ficou combinado entre os amigos que naquela semana não haveria estudos com o Sr. José, pois ele estava realmente muito cansado. Combinaram apenas ir visitá-lo no horário de sempre, ou seja, às 14 horas de quarta-feira.

No dia seguinte, Tiago recebeu o recado de uma reunião com o time de futebol e o diretor Nicolau. Ele iria anunciar se conseguira ou não alterar o calendário dos jogos escolares.

Assim que soou o sinal do recreio, Pedro deu um jeito de se enfiar entre os alunos do time e, ao lado do amigo Tiago, entraram na sala de reuniões. Todos se aconchegaram nas cadeiras estofadas, menos o professor Jorge, que andava de um lado para o outro.

– Bom dia! – disse o diretor, atravessando a porta de sua sala. – Sente-se, professor! – Ele apontou a cadeira para o treinador, que mostrou-lhe um sorriso amarelo.

O diretor Nicolau sentou-se em sua poltrona e olhou para todos os alunos. Havia um sorriso em seu rosto, mas ninguém conseguia desvendar a notícia que estava por trás daquela expressão sempre simpática.

– Tenho boas e más notícias – disse o diretor, saboreando a curiosidade dos alunos na sala. – A má notícia é que estou com minha fé abalada. – Ele olhou para Tiago. – Eu não deveria falar isso para ninguém, mas o fato é que este garoto testemunhou sua fé em público e nada mais justo que eu testemunhe meu abalo

aqui, na presença de todos vocês. – Ele abriu os braços e contemplou os rostos em volta da grande mesa de madeira, perfeitamente polida. Voltou seu olhar para Tiago e disse: – Pesquisei seu desafio. Não encontrei nada que acalmasse meu coração sobre a mudança do quarto mandamento, o sábado. Achei algumas desculpas e justificativas que até me trariam algum alento, mas todas são argumentos humanos e falíveis, desprovidos de fundamento sólido na Bíblia. Não encontrei nenhuma passagem bíblica que autorize a desconsideração do sábado como mandamento divino ou que permita sua alteração.

Os alunos continuavam a manter a inteira atenção no diretor e Tiago sentiu um calor no peito, pois sabia que o Espírito de Deus estava trabalhando no homem à sua frente.

– E, agora, a boa notícia. – Ele deu um sorriso ainda mais largo. – O calendário do campeonato interescolar foi alterado. Não teremos jogos às sextas-feiras à noite ou aos sábados.

– YEEESSSS !!! – gritou o professor Jorge, pulando da cadeira e empurrando-a contra a parede oposta.

Parou por um segundo, percebendo que não havia conseguido conter o impulso da alegria. Viu-se em pé sozinho, com o punho fechado socando o ar. Olhou para os garotos do time. Todos o observavam assustados com o grito.

– YEEEESSSS !!! – gritou Tiago, pulando da cadeira e acompanhando a voluntária euforia do treinador.

Contagiados, todos levantaram, pularam e gritaram. Alguns – entre eles o capitão Carlos – correram na direção do diretor Nicolau e tentaram até levá-lo do chão. Não conseguindo, apenas o chacoalharam, gritando vivas.

O time saiu pelo corredor, carregando Tiago nos ombros pela escola inteira. Pareciam haver ganhado o campeonato, e seus gritos abafaram tanto o primeiro como o segundo sinal para o retorno às salas. A história se espalhou rapidamente para os demais alunos, que se juntavam ao time para comemorar.

Quando Tiago conseguiu ir para a sala – o que só ocorreu uns 15 minutos depois de avançada a hora para o segundo ciclo – o goleiro Marcos estava parado em frente à sua mesa. Seu olhar parecia ameaçador.

Tiago parou em frente ao garoto, olhou em seus olhos, enquanto Ana e Pedro estavam atrás dele. Esticou o braço direito à frente e estendeu-lhe a mão dizendo: – Amigos?

A sala inteira ficou em silêncio e, até mesmo a professora Juliana, lá na

frente, deixou sua expressão de indignação pela algazarra para ver o desfecho da cena.

– Você é um ótimo jogador – disse Marcos, hesitando em aceitar o cumprimento de Tiago. – E parece ser gente boa. – Então apertou firme a mão do parceiro de time enquanto a algazarra tomava conta novamente da sala.

Praticamente todos os professores tiveram dificuldade em conter os alunos na sala na primeira aula após o intervalo, pois estavam realmente interessados em discutir os detalhes de cada ponto da história, desde quando Tiago havia se recusado a participar do time de futebol até as últimas palavras do diretor Nicolau.

Na tarde daquele dia, Pedro não quis acompanhar Tiago na escola para os treinos, e só no dia seguinte ele entendeu o motivo.

Tiago quase não reconheceu quando o amigo entrou na sala. Pedro estava sem os óculos e de cabelos cortados e penteados.

– Se você rir, eu juro que compro uma peruca – disse Pedro, sentando-se em seu lugar habitual.

– Não... Bem... – gaguejou Tiago, enquanto Patrícia escondia o riso com as duas mãos. – Ficou legal. Mas a gente não estava acostumado. Só isso.

– Perdeu a varinha, bruxo? – gritou um garoto lá na frente, fazendo piada com o fato de que Pedro usava os cabelos e os óculos exatamente iguais a um personagem de livro, do qual era grande fã.

– Vou comprar uma peruca – disse ele, enquanto os amigos deram uma risada, não pela piada de mau gosto do garoto lá na frente, mas pela cara que Pedro estava fazendo.

Na verdade, todos sabiam que aquela mudança física estava fazendo bem para Pedro. Ele estava procurando uma imagem e até mesmo uma identidade própria e isto lhe fazia muito bem.

Às 14 horas daquele mesmo dia, Ana, Pedro e Patrícia estavam em frente à casa de Tiago, tocando a campainha e escutando os latidos graves de Sansão do outro lado do portão de ferro. Só puderam entrar depois que a Sra. Laís acalmou o grande mastim napolitano.

Entraram na casa conduzidos pela Sra. Laís, que os levou até o quarto do Sr. José. O velho homem estava sentado na cama, com Tiago ao seu lado. Ele olhou para os visitantes e lhes deu um sorriso caloroso.



— **Q**ue bom ter vocês aqui – disse o Sr. José. – Vamos, sentem-se na minha cama. Há muito espaço aqui.

Os três foram se ajeitando, enquanto a Sra. Laís saía do quarto.

– Viemos dar um “oi” – disse Pedro. – E dizer que estamos orando pelo senhor.

– Obrigado, meus queridos. – Havia um brilho nos olhos do homem e Ana achou que havia uma lágrima contida ali dentro. – Eu gostaria que minha saúde permitisse estar mais vezes com vocês, mas ando um pouco cansado.

– Não se preocupe com isso – disse Patrícia. – Não viemos aqui só para estudar. Viemos porque queremos ver o senhor.

Havia gratidão no sorriso daquele homem e de Tiago sentado bem ao seu lado. Era bom ter corações tão sinceros ali junto deles.

– Então me prometam uma coisa – disse o sr. José. – Vocês vão dar um jeito de aprender tudo aquilo que eu tinha para ensinar. Eu queria falar mais sobre a Criação, sobre Noé e o Dilúvio e sobre Abraão. Queria contar sobre Moisés e tenho certeza de que o Pedro ia adorar a história de muitos dos reis de Israel. As meninas poderiam ouvir sobre rainhas e princesas da Bíblia, como, por exemplo, Ester. Elas também iriam gostar das mensagens dos Salmos e de Cantares de Salomão. Os garotos iriam gostar das histórias épicas, das guerras de Israel, dos profetas e das profecias. Jamais se esqueçam de estudar as profecias de Daniel, por favor. Depois dessa aventura pelo Antigo Testamento, iniciaremos os estudos sobre os Evangelhos e as cartas apostólicas, finalmente chegando ao Apocalipse.

Não fraquejem em seus estudos. Leiam sempre a Bíblia e façam perguntas para quem sabe mais que vocês. Prometem?

– Prometemos – disseram os quatro.

– Tiago já contou a vocês que sou pastor. Bem, talvez um dia vocês se decidam pelo batismo. Quando isso acontecer, infelizmente não vou poder realizar o batismo de vocês. Então, permitam-me dizer uma coisa que eu sempre disse aos ouvidos daqueles que eu acabava de levantar das águas batismais.

Os quatro se ajeitaram ainda mais na cama do Sr. José. Nem mesmo Tiago conhecia o que o pastor José falava para as pessoas que batizava. O velho homem disse em tom solene:

– Eu quero ver vocês lá no Céu – ele disse com aquele sorriso paterno de sempre, enquanto os adolescentes sorriam em resposta. – Vocês não têm ideia de quantos encontros eu marquei e de quantas pessoas espero encontrar na casa do nosso Pai. Eu quero vocês lá comigo.

A porta do quarto se abriu. Nina entrou com o rostinho de sono e pulou na cama. Tiago a segurou enquanto beijava o rosto do avô.

– Amo você, vovô – disse a carinhosa criança. – Tem melzinho pra mim?

– Se eu ganhar outro beijo, tem – respondeu o avô.

Nina deu outro beijo e Tiago pegou uma caixa de pequenos saquinhos plásticos de mel no guarda-roupas. Deu dois para a pequena Katarina, que saiu pulando do quarto, e distribuiu alguns aos amigos.

Em seguida, oraram com o Sr. José e depois foram lá fora. As garotas foram embora e Pedro ficou ali com Tiago, jogando conversa fora.

Perto das 16 horas, o Sr. José veio para a fria calçada, procurando um fio de sol para esquentar o corpo, pois o clima estava bem fresco. Sansão deitou embaixo de sua cadeira de rodas e ali ficou, como um sonolento, porém atento, guardião.

A Sra. Laís pediu para Tiago buscar um remédio numa das farmácias do bairro, e Pedro preferiu ficar ali na companhia do avô do amigo.

– Gostei do penteado novo – disse o Sr. José, assim que Tiago cruzou o portão para sair. – O outro era um pouco bagunçado.

– Er... Era sim – respondeu Pedro, sentado numa cadeira ao seu lado.

– Mas me parecia com alguém que eu já tinha visto.

– Era para parecer com um bruxo de uns livros que eu lia – respondeu

inseguro. – Sabe, eu era muito fã dele e até acreditava ser possível fazer magias iguais às dele.

– Pedro, sinceramente não recomendo algumas leituras para sua idade. Isto pode não ser bom para sua mente jovem. Deus tem tantas coisas maravilhosas para nós, tantos livros excelentes foram escritos para Sua honra e glória. Não vejo bons motivos para alguém ler obras questionáveis que não levam a Cristo.

– É estranho. Mas eu venho sentindo exatamente isso – disse Pedro. Ele pareceu pensar um pouco mais para prosseguir com o assunto. Finalmente falou: – Antes de conhecer Jesus, eu queria ser bruxo.

O Sr. José não pareceu se espantar com a afirmação. Rodou sua cadeira um pouco para trás para pegar mais o raio de sol em seu corpo. Sansão resmungou, levantou-se e aninhou-se embaixo da cadeira novamente.

– O importante é que você conhece a verdade agora. Outro dia você me disse que artes mágicas são coisas incríveis, inexplicáveis. Acredite, Pedro, um cristão também pode realizar coisas impossíveis através da fé em Deus. No livro de João, capítulo 14, verso 12, Jesus diz que aquele que nEle crer também fará as obras que Ele fez e até maiores. Tenha fé em Jesus, deseje ser como Ele e, acredite, Deus fará coisas maravilhosas em sua vida através da oração sincera.

Minutos depois, Tiago voltou da farmácia e os dois amigos se despediram, combinando um encontro na tarde seguinte, na casa de Pedro, para um assunto que ele não quis revelar.

Após as aulas da quinta-feira, com o consentimento da mãe, Tiago foi para a casa do amigo. Almoçaram junto com Cida, que havia preparado uma macarronada com molho vermelho. Tomaram suco de laranja enquanto conversavam com a governanta. Bem alimentado, Pedro suspirou, recostou-se na cadeira e disse:

– Cidão, você conseguiu o que eu lhe pedi?

– Sim – respondeu ela, enquanto recolhia os pratos dos garotos. – Tem certeza de que você quer fazer isso?

– Tenho. – Pedro limpou a boca de molho num guardanapo.

– Do que vocês estão falando? – perguntou Tiago.

– Tem molho até no seu nariz – disse Pedro a Tiago, estendendo-lhe um guardanapo de papel e sorrindo para Cida. – E deixe de ser curioso. Você já vai ficar sabendo.

Tomaram o que restou do suco e foram para o quarto. Tiago viu sobre a cama

quatro caixas grandes, daquelas que vêm com seis ou mais resmas de papel para o escritório do Sr. Douglas. Olhou curioso para o amigo, sem, contudo, entender o motivo pelo qual estavam ali.

Observou que Pedro olhou para a estante abarrotada de livros, revistas em quadrinhos e filmes. Uma ideia passou de relance pela mente de Tiago.

– Não me diga que você vai...

– Sim, vou – respondeu Pedro antes que Tiago terminasse. – Vou tirar esses livros do meu quarto.

– Por que você decidiu fazer isso?

A pergunta de Tiago era compreensível, pois ele conhecia a devoção de Pedro por todos aqueles objetos relacionados aos seus heróis e personagens favoritos, bem como o interesse dele por assuntos místicos e temas afins.

– Não sei – confessou Pedro. – Mas alguns desses títulos têm me incomodado.

Não era preciso citar nenhum dos estranhos títulos das obras, pois Tiago já havia sentido um certo arrepio na primeira vez que leu alguns deles na estante.

– Você tem toda razão. – Tiago olhou para as fileiras e pacotes de revistas em quadrinho à sua frente. – O que devo fazer?

– Simples – sorriu-lhe Pedro, mas estava claro que ele não se sentia muito à vontade com a tarefa à sua frente. – Você deve me ajudar a separar os mais inadequados e guardar o restante nestas caixas.

– O que você chama de “mais inadequados”?

– Ah, Tato – suspirou o garoto. – Tem uns livros e quadrinhos aí que não combinam com o que tenho aprendido sobre Deus. Estes vão pro lixo. Os outros vou guardar numa caixa. Quero tirá-los do meu quarto.



Tiago resistiu para não dar um orgulhoso sorriso de satisfação. Sabia que o Espírito Santo estava atuando no coração de Pedro. Alguns daqueles livros falavam abertamente das obras e teorias do inimigo de Deus. Outros eram ficções bem-elaboradas. Mas simplesmente pregavam a magia, o misticismo e outras tantas práticas que a Bíblia alerta para o cristão não se envolver.

Estava claro que muitos desses livros tinham a tarefa incontestável de desmistificar e popularizar a obra do anjo caído, bem como colocar em xeque a credibilidade da Bíblia e dos ensinamentos divinos. Eram meras repetições da mentira original: Seja um deus; Deus é mentiroso; satisfaça todos os seus desejos, pois não há qualquer consequência.

Os garotos começaram o trabalho. Tiraram os pôsteres das paredes e alguns foram colocados num canto para descarte; entre eles, o de um super-herói que estampava abertamente a frase: “Soldado do inferno”.

A tensão de Pedro foi diminuindo conforme sua estante era esvaziada. Era estranho sentir-se até mais leve enquanto tirava alguns títulos que até pouco tempo antes lhe pareciam tão normais. Seus olhos pareciam terem sido abertos repentinamente para os enganos de alguns livros e para a repugnância de certos títulos e quadros pendurados nas paredes de seu quarto.

Nas caixas sobre a mesa eram colocadas algumas obras de coleção e outras que Pedro não conseguia, num primeiro momento, simplesmente jogar no lixo. O canto do quarto estava lotado de livros, gibis e quadros empilhados. Havia alguns DVDs jogados ali.

Cida veio até o quarto, recostou-se na porta para olhar a atividade dos garotos e depois voltou com um pano úmido, que Tiago usou para passar na estante. Saiu pouquíssimo pó e Tiago achou impressionante o cuidado que o amigo tinha com os livros – a grande maioria deles guardados em sacos plásticos.

Pedro passou as mãos nos cabelos recém-cortados, como se fosse espalhá-los – como era de seu costume quando tinha uma farta cabeleira. Olhava para um livro em suas mãos, como que pensando se ia para o canto ou para a caixa. Decisão difícil, pois aquela era uma das obras que mais gostou de ler e era abarrotada de todo recheio comercial apelativo que a garotada simplesmente adorava. Aquele livro, aparentemente inocente, poderia receber o título “magia negra enlatada para consumo rápido por mentes juvenis e outras idades” e, mesmo assim, seria vendido rapidamente das prateleiras.

– Será que as pessoas não entendem? – disse Pedro, ainda olhando para a capa.

– O quê? – perguntou Tiago, parando de passar o pano numa prateleira recém-esvaziada.

– Parece que nossos olhos estão fechados antes de ouvirmos falar de Jesus – murmurou. – Estudei tão pouco a Bíblia, mas este título e o conteúdo destas páginas já me incomodam. Eu devorei este livro em poucos dias e acreditei em muitas coisas que estão escritas nele.

– As pessoas lêem ficções, obras literárias, como se fossem verdades incontestáveis. Têm mais fé nos argumentos dos escritores do que na Palavra de Deus – disse Tiago, se aproximando do amigo e olhando para a capa do livro.

– Lixo! – sentenciou Pedro com um leve sorriso nos lábios.

Algum tempo depois, saíram carregando três caixas que foram guardadas em um quartinho apontado por Cida. Jogaram os livros do canto dentro de um grande saco de plástico negro e arrastaram-no pela casa, deixando-o ao lado de um latão de lixo, lá fora.

Quando retornaram para o quarto, Tiago teve a sensação de que se falasse qualquer coisa o eco de sua voz iria reverberar nas paredes nuas.

– Pronto – disse Pedro. – Agora é só recomeçar a coleção. – Pegou *O Grande Conflito* sobre o criado-mudo e o colocou sozinho na estante vazia. O móvel estava vazio; mas Pedro, estranhamente, sentia seu coração cheio de paz.

À noite, Pedro jantou com seus pais. Eles conversaram sobre religiosidade novamente e sobre buscarem mais tranquilidade para seus dias. Isabel já havia

cancelado sua especialização e começado a preparar uma nova agenda. Suas noites já estavam todas livres. O Sr. Douglas ouvia atento enquanto a esposa falava gesticulando animada, contando sobre suas novas perspectivas.

– ... E vou à igreja da Cida neste sábado – concluiu ela. Cruzou os braços sobre a mesa, contemplando um indisfarçável espanto em Douglas, que até parou de mastigar por alguns segundos.

– Igreja? – disse o marido, engolindo sem mastigar. – Você vai mesmo?

– Você vê algum problema nisso? – ela perguntou, e Douglas titubeou, balançando a cabeça.

– Não... Bem... Acho que não.

– O Pedro foi. – Ela olhou para o filho que estava na mesa com eles. – E disse que gostou.

Isabel arrumou os cabelos atrás da orelha. Sorriu para o marido e seu semblante voltou a ficar sério. Disse:

– Douglas, colocamos tanta coisa dentro desta casa. Colocamos tantos objetos, informações, filosofias, crenças e nunca nos perguntamos se havia algum mal nisso. Por que fazemos essa pergunta ao falarmos sobre uma igreja? Preconceito? Medo de encontrarmos algo que nos faça mudar nosso estilo de vida? De termos que abandonar alguns de nossos hábitos?

O marido depositou os talheres na mesa. Olhou para Pedro e foi impossível não perceber sua mudança e sua busca por uma identidade própria, pois já não estava usando o desalinhado cabelo ou os óculos de aros redondos para ficar idêntico a um dos personagens de seus antigos livros.

– Mudança é sempre algo bom – disse com sinceridade. – Falando nisso, adorei o penteado, filho. Gostei mesmo!

Pedro sorriu e seus olhos brilharam. Era sempre bom ouvir palavras de aprovação do pai.

– O senhor vem conosco? – disse-lhe o garoto.

Só faltava brilhar um letreiro na testa de Isabel com os dizeres: “Aceite, por favor!”

– Tenho muito trabalho para o sábado – disse o Sr. Douglas, vendo a expressão da esposa à sua frente murchar em decepção. – Mas, prometo que vou pensar com carinho.

Conversaram mais um pouco sobre alguns outros assuntos e Pedro foi para o

quarto. Ali sentiu um certo aperto no coração, olhando para a estante vazia. Pedro era um colecionador nato e não foi fácil se desfazer dos objetos que ele sempre apresentava com tanto orgulho.

E não era pela simples coleção. Ele gostava dos traços dos desenhos em quadrinho – até mesmo se arriscou a desenhar um pouco e os resultados foram ótimos. A leitura era um hábito para ele, mas algo em seu coração dizia que havia outros assuntos muito mais maravilhosos em outros livros.

Trancou a porta do quarto e ajoelhou-se ao lado da cama. Não sentiu qualquer sensação de desconforto ou estranheza com aquele gesto. Na verdade, sentiu a necessidade de falar com Deus. Inclinou o rosto e abriu o coração:

– Deus, obrigado por me ajudares nestes primeiros dias em busca da Tua verdade. Sinceramente acho que não teria conseguido sozinho. Ainda bem que o Tiago estava aqui.

Seus pensamentos se voltaram, então, para o Sr. José. Lembrou-se da fragilidade física daquele velho homem e também se recordou de algumas de suas palavras, em especial sobre as prometidas maravilhas que um cristão poderia fazer em nome de Jesus. Em sua mente, sentiu o desejo de orar por aquele homem. Não era um simples desejo de oração, era uma intensa vontade de fazer algo maior, de realizar um milagre, como os que Cristo fazia.

– Por favor, cura o Sr. José, se for da Tua vontade – disse Pedro, tão baixo que apenas seus lábios se moveram num sussurro suave.



Na sexta-feira à noite, Pedro repetiu a mesma oração pela cura do Sr. José. Deitou-se para dormir e, no sábado, despertou e vestiu-se para ir à igreja. Eram por volta das 8h30 quando foi para a cozinha, onde sua mãe já estava preparada para acompanhá-lo ao culto, assim como havia prometido durante a semana.

Comeram pão com manteiga e tomaram leite. Isabel parecia muito animada com a ideia de conhecer a igreja e um pouco da religião de Cida, sua governanta.

Quando estavam saindo pela porta, ouviram a voz do Sr. Douglas chamando:

– Ei, esperem por mim – ele veio correndo na direção deles, enquanto colocava o paletó.

– Quer se despedir? – perguntou a esposa.

– Despedir? – disse Douglas, beijando a face de sua mulher. – Pra que me despedir se vou com vocês?

Pedro e Isabel deram um sorriso surpreso.

– Não sei por que essas caras de espanto – disse o homem, colocando-os para fora da casa e trancando a porta. – Vamos depressa! Um advogado jamais se atrasa.

A família entrou no carro e alguns minutos depois estavam em frente à igreja, procurando por uma vaga no estacionamento.

– É maior do que eu imaginava! – disse Douglas, olhando para o prédio da igreja.

– Lá dentro é bem bonito – falou Pedro ao sair do carro. – Vocês vão gostar!

Entraram no pátio da igreja e, na porta, um rapaz e uma moça os saudaram e os cumprimentaram. Sentaram-se no banco da esquerda, quase ao fundo. Tiago os viu lá da frente e foi até eles. Cumprimentou a família e sentou-se no mesmo banco onde ela estava. Ana e Patrícia chegaram logo em seguida e uniram-se a eles.

Passada a programação que chamavam de Escola Sabatina – momento esse em que o Sr. Douglas e a Sra. Isabel foram conduzidos pelos garotos para a sala dos adolescentes, onde assistiram a lição ministrada pela animada e surpresa Cida – iniciou-se a cerimônia do culto, propriamente dito. O pastor da igreja falou sobre fé naquela manhã e o assunto prendeu toda a atenção de Pedro.

No fim da programação, Tiago apresentou seus pais aos de Pedro. Todos trataram-se com recíproca simpatia, e outras pessoas daquela comunidade foram cumprimentar os visitantes, dizendo que era bom tê-los naquela casa de oração.

– Seu avô não veio? – cochichou Pedro aos ouvidos de Tiago, enquanto os pais conversavam.

– Não. Ele preferiu fazer o culto em casa – respondeu o garoto, pegando Nina no colo. – Ele ficou assistindo a um vídeo de uma série de sermões que minha mãe comprou.

– Olhe meu desenho! – disse Katarina, balançando uma folha rabiscada com várias cores.

– Que lindo! – disse Ana. – O que é?

– Adivinhe!? – desafiou a criança, embora fosse impossível descobrir o que eram aqueles inúmeros traços emaranhados.

Patrícia riu para Ana, pois ela ficou encabulada em arriscar qualquer coisa. Tiago e Pedro também deram risada e ficaram esperando a resposta.

– Ah... Bem... – disse Ana com suas bochechas avermelhando por baixo das sardas. – É um cachorrinho?

– Acertoou! – respondeu Nina, mas todos suspeitaram que nem mesmo ela sabia o que havia desejado desenhar.

Os pais de Pedro levaram as garotas para suas casas e, no caminho, comentaram que gostaram muito de toda programação, incluindo o calor humano das pessoas que os recepcionaram.

– É incrível como fomos preconceituosos! – disse o Sr. Douglas, enquanto dirigia. – Eu jamais pensei que ia gostar de assistir a um culto de crentes e

sempre os imaginei como pessoas fechadas, sérias, com Bíblias debaixo do braço, e nunca sorridentes e amigáveis como as que vimos hoje.

Durante todo o fim de semana, Pedro passou bons momentos de oração em seu quarto, pedindo pela melhora e cura do Sr. José. Sentia um certo conforto em seu coração quando orava. Era como se falasse diretamente aos ouvidos de Deus.

Na segunda-feira, dia de aulas, não sabia se contava aos amigos sobre suas orações. Sentiu-se um pouco envergonhado para contar a Ana, Patrícia e Tiago que estava se empenhando em pedir um milagre para Deus. A vergonha só era superada por um intenso desejo de fazer uma corrente de oração entre os amigos para orarem pelo mesmo motivo.

As duas amigas entraram juntas na sala e Pedro já estava sentado em sua cadeira ao fundo. Havia decidido que assim que Tiago chegasse, ele iria fazer a proposta da oração conjunta. Mas Tiago não chegou.

Passou toda a primeira aula e Pedro sentiu um aperto no peito. A preocupação também estava estampada na expressão das garotas, pois Tiago nunca havia faltado à aula. No meio da segunda aula de biologia, a porta se abriu, mas não era o garoto atravessando por ela. Ao contrário disso, viram apenas a secretária falando pela brecha da porta e o semblante da professora Beatriz transformar-se num sentimento de condolência.

Ela voltou ao meio da plataforma da sala, ficando diante do quadro branco e, com uma voz calma, disse:

– Acabei de receber um aviso de que um parente de um de nossos alunos faleceu. Tiago não estará entre nós hoje e durante alguns dias desta semana, pois seu avô, que morava com ele, morreu.

Patrícia debruçou soluçando na mesa. Ana olhou para trás e Pedro já enfiava o material na mochila. Ela virou-se e cutucou Patrícia, mandando que também arrumasse suas coisas.

O garoto levantou-se e, atrás dele, vieram as duas amigas. Porém, a professora Beatriz barrou a saída.

– Isto não é motivo para vocês matarem aula – disse ela.

– Não vamos matar aula – respondeu Pedro, com firmeza. – Vamos ver se nosso amigo precisa de nós.

A professora manteve a postura. Por um segundo pareceu renitente, mas depois deixou os jovens passarem.

– Ei, Pedro! – gritou uma voz quando estavam quase passando pela porta da

sala.

Pedro e as meninas viraram para trás e viram Marcos, em pé no meio da sala. Ele já estava vermelho, como se sentisse todos os olhares em sua direção. Disse com certo desajeito:

– Ma... Man... Mande nossas condolências para o Tiago. De todos nós. Diga que lamentamos.

Um murmúrio de concordância encheu a sala. Pedro prometeu transmitir as condolências e saiu pelo corredor, sendo seguido pelas amigas.

– Nem pensar, molecada. – Foi a vez do Sr. Jonas, o porteiro, travar o caminho dos garotos, com a expressão marcada pelas fartas rugas embaixo do couro cabeludo brancamente raleado.

– Deixe-nos passar – disse Pedro. – O avô de um amigo morreu e não vamos deixá-lo sozinho agora.

Um vento soprou os poucos cabelos brancos do porteiro, que manteve sua expressão intacta.

– Por favor, seu Jonas! – implorou Ana.

– Vocês estão falando sério? Não estão mentindo? – O olhar do porteiro parou no rosto choroso de Patrícia.

Todos balançaram a cabeça com uma suplicante afirmativa.

– Então, vão logo! – respondeu o homem, destravando um portão lateral por onde passaram os três. Ao longe, ele ouviu o grito de um deles: – Obrigado!

Andaram o mais rápido possível e, quando chegaram perto da casa de Tiago, puderam ver que uma certa quantidade de carros já estava estacionada ali.

Passaram pelo portão aberto e Sansão, estranhamente, estava deitado num dos cantos do quintal, com um olhar distante. Se não fosse um animal, Ana teria dito que ele estava triste e totalmente consciente da morte do Sr. José.

Havia várias pessoas no quintal e dentro da casa; os três passaram despercebidos, atravessaram os primeiros cômodos e não encontraram Tiago. Acabaram por vê-lo sozinho na última sala, sentado no canto de um sofá próximo à estante de livros.

As marcas do choro eram evidentes em seu rosto e ele não percebeu quando os amigos o rodearam.

– Estamos aqui – disse Pedro à sua frente.

Tiago levantou os olhos vermelhos. Havia um livro em suas mãos. Era a

velha e surrada Bíblia do avô.

– Ele gostava muito desta sala – respondeu Tiago. – Amava ficar aqui lendo ou conversando com a gente ou com as visitas. – Tiago respirou fundo. Respirou novamente. – Vou sentir saudades dele.

O garoto levantou-se e as duas garotas o abraçaram fortemente. As duas choraram. Pedro envolveu os amigos em um abraço. Era o único que continuava sereno.



O Sr. José já tinha sido retirado da casa para os serviços fúnebres antes de os garotos chegarem. Mesmo assim, permaneceram ali durante toda a manhã. Ficaram sabendo que o Sr. José teve uma parada cardíaca durante o sono e amanheceu sem vida.

As garotas foram almoçar em casa e Pedro ligou para Cida avisando do ocorrido e que estaria na casa de Tiago. Mais tarde, a governanta Cida visitou os pais de Tiago, pois eram membros da mesma comunidade cristã.

Pedro voltou para casa apenas no fim do dia, horário em que o corpo do Sr. José iria ser velado em um lugar reservado.

Entrou em seu quarto e despiu o uniforme. Tomou um banho morno e demorado, voltando para o quarto. Olhou para as paredes e estantes vazias e ajoelhou-se ao lado da cama. Queria falar com Deus, mas não conseguiu. Não teve palavras para dizer qualquer coisa.

Sentou-se na cama e jogou-se cansado para trás.

À noite, sua mãe o levou onde o corpo estava sendo velado. Antes, passaram para pegar Ana e Patrícia em suas casas. Desceram do carro e observaram o movimento numa espécie de capela. Entraram por uma porta e ouviram o sussurro de várias pessoas que conversavam. Algumas consolavam a Sra. Laís e, ao que parecia, havia outros parentes do Sr. José na sala, incluindo duas mulheres que pareciam muito com a mãe de Tiago.

Ficaram ali por uma hora e meia junto com o amigo Tiago e depois voltaram para suas casas.

Antes de dormir, Pedro novamente não conseguiu orar e o sono demorou para tomar conta do seu corpo cansado.

Na manhã seguinte, a Sra. Isabel deixou Pedro, Ana e Patrícia na capela, pois o corpo do Sr. José seria sepultado em seguida. Os três acompanharam o cortejo, observando o olhar triste e cansado dos parentes. Tiago estava visivelmente abatido e os olhos fundos mostravam que ele havia passado a noite em claro.

Estavam presentes várias pessoas. Algumas delas Pedro reconheceu da igreja. O cortejo parou num gramado verde, soprado levemente por uma brisa suave que deixava a manhã gelada, apesar do sol.

Várias pequenas lápides estavam perfeitamente organizadas naquele vasto terreno. O cortejo parou onde o caixão seria depositado. As pessoas se organizaram ao redor, algumas atirando flores, enquanto desciam a urna com o corpo do Sr. José.

Um pastor começou a falar algumas coisas, mas Pedro não conseguia prestar atenção em nenhuma palavra. Sentia um aperto no peito, como que se houvesse uma bola de tênis entre seus pulmões, apertando-lhe as costelas e o coração. Virou-se e andou alguns passos para longe do enterro.

Pedro olhou para a vastidão verde, salpicada com lápides frias, cheias de inscrições embaixo dos nomes das pessoas mortas. Novamente sentiu um aperto no peito, mas seus olhos seguraram as lágrimas. Achou, sinceramente, que Deus faria um milagre. Ele pensou que sua oração salvaria a vida do Sr. José. Sentiu-se um inútil. Pior que isso, sentiu-se enganado, pois orou com fé, e nada aconteceu. Sentiu-se vazio, pois a esperança que estava em seu coração parecia estar sendo enterrada com aquele caixão, junto ao homem de cabelos brancos como nuvens.

Uma mão pousou em seu ombro direito. Pensou por um segundo que seria o espírito do Sr. José, que viria lhe dar uma explicação sobre o ocorrido, mas agora sabia que aquilo era impossível, pois não existem espíritos que saem dos mortos.

– Tudo bem com você, Pedro? – perguntou a cansada voz de Tiago.

Não era o momento para Pedro entregar os pontos. Precisava ser forte na presença do amigo; afinal, era ele quem tinha perdido o avô. Sem se virar, não conseguiu conter uma lágrima que escorreu suavemente pela bochecha esquerda. Fechou os olhos com força e abaixou a cabeça. Quando abriu, sua visão estava embaçada e não pôde mais conter aquilo que segurava desde que recebeu a notícia da morte do Sr. José. Chorou.

Tiago continuou com a mão no ombro do amigo, esperando os pequenos

solavancos dos soluços diminuírem.

– Eu estava orando por ele – disse Pedro em meio ao seu pranto, sem conseguir virar-se para Tato.

– Eu também estava – disse-lhe Tiago, com a mesma mansidão na voz.

– Então, por que nada aconteceu? Por que ele não foi curado? – Pedro virou-se e havia um certo ódio misturado com medo em seus olhos, sentimentos embebidos nas lágrimas que escorriam pelo rosto.

– Deus sabe o que faz. Afinal, meu avô viveu mais do que ele mesmo pensara.

– Como você pode dizer uma coisa dessas Tato? Como você pode afirmar que ele viveu mais do que esperara viver? – Uma certa indignação transparecia das palavras de Pedro.

– Meu avô teve câncer aos 45 anos de idade – afirmou Tiago. – Até hoje não existem respostas médicas para a cura dele. Eu só pude ver meu avô vivo por causa de um milagre na vida dele. Pedro, você não imagina quanto eu amava aquele homem! Você não imagina quanto toda a nossa família o ama. Crescemos ouvindo suas histórias, vendo seu exemplo de vida e perseverança na fé em Deus. Por favor, não deixe que a morte dele fale mais alto do que a vida que ele viveu.

– Como você pode estar assim tão calmo? Como você pode falar desse jeito? Eu não consigo entender. – Pedro abaixou a cabeça e uma lágrima rolou por cima de seu nariz e pingou dele para a grama.

– Esperança. Essa é a palavra. Estou triste, Pedro. Parece que tem uma lâmina atravessada no meu peito. Mas eu sei que isso é consequência do pecado que Adão e Eva permitiram entrar no mundo. Mas meu avô não se foi para sempre.

Pedro ergueu os olhos. Lembrou-se das lições do Sr. José.

– Ser um cristão não é ser poupado de passar por momentos dolorosos como este – continuou Tiago. – Nessa imensa dor que me aperta o peito, sinto o conforto que vem do alto. Uma esperança me enche o coração e eu posso lhe dizer uma coisa: eu vou ver meu avô no dia da ressurreição. Vou me reencontrar com ele e iremos juntos para o Céu. Ali vamos sentar aos pés das árvores e conversar com os anjos e com Jesus. Vamos viver para todo o sempre na casa que Deus fez para nós. Essa esperança supera qualquer dor que eu possa estar sentindo agora.

Pedro não tinha palavras, mas sentiu um fio de esperança soprar de leve em seu coração.

– Sabe qual foi o último milagre de Deus na vida do meu avô? – perguntou Tiago.

De cabeça abaixada, Pedro disse que não sabia.

– Estou olhando pra ele agora.

O garoto levantou a cabeça para o amigo e não precisou perguntar nada para que a resposta lhe fosse dada.

– Ano passado meu avô teve uma crise muito forte. Achamos que ele iria morrer, mas conseguiu sair da UTI. Na noite em que você, a Ana e Patrícia aceitaram Jesus, ele me chamou e contou uma coisa que ninguém em nossa família sabia. Ele disse que, quando teve a crise, pediu em oração que Deus lhe desse vida o suficiente para levar pelo menos mais uma pessoa à verdade divina. Então, nos mudamos para esta cidade. Mas meu avô não conseguia sequer sair da cadeira de rodas. Foi quando você, Ana e Patrícia apareceram em casa, ouviram falar de Jesus e O aceitaram como Salvador. Quando meu avô me contou isso, chorei, pois ele falou que Deus havia cumprido a parte dEle no trato e meu avô acabara de cumprir a sua quando vocês disseram sim para a salvação.

Pedro respirou fundo, contendo uma nova torrente de emoção.

– Por favor, Pedro. Não deixe o milagre que Deus fez na vida de vocês morrer em seu coração. Jesus vai voltar... E eu quero estar lá. – Então abraçou forte seu amigo e os dois choraram juntos.



O segundo bimestre chegou ao fim. Os quatro amigos foram muito bem nesse ciclo de estudos e agora estavam de férias. Ana estava tendo dificuldades com a família, pois seus pais não estavam aceitando que ela escolhesse outra denominação religiosa. Sempre questionavam sobre seus novos hábitos alimentares e sobre ela insistir em guardar o sábado.

Patrícia não estava encontrando nenhum obstáculo em casa e sua mãe chegou a comentar que fora bom ela ter escolhido uma religião.

Pedro estava mais que contente, pois seus pais haviam separado horários para receberem visitas e estudos de um casal da igreja. Estavam gostando da doutrina e frequentando regularmente não só o culto aos sábados, mas os de domingo e quarta-feira.

A família de Tiago estava se adaptando à ausência do Sr. José. Nina sentia muita falta do avô, mas parecia que ela já havia aceitado a ideia de que um dia estariam juntos no Céu, quando Jesus voltasse.

Quando terminassem as férias, Tiago ia se ver bem ocupado com os treinos e os jogos do campeonato interescolar, marcados para todo o terceiro e quarto bimestres. Ele não escondia dos amigos a ansiedade.

Tiago estava acompanhando Ana, Patrícia e Pedro num grupo de estudos da igreja. Os três estavam animados para o batismo que ocorreria na primavera, agendado para o fim de setembro. O pastor da igreja explicou aos três a importância de uma decisão pelo batismo. Disse que a pessoa deve pensar em todo o significado da vida cristã, analisar a doutrina da igreja e estar pronto para

aceitar e seguir todos os princípios pregados por Jesus. Disse, ainda, para ficarem à vontade quanto à decisão de se batizarem e que ninguém queria fazer qualquer espécie de “pressão” sobre eles.

A vida de Pedro estava bem mais confortável. Seus pais estavam mais em casa, passavam mais tempo com ele e davam mais atenção às suas necessidades de filho adolescente. A Sra. Isabel já estava com a agenda bem organizada e o Sr. Douglas contratou funcionários que permitiram maior flexibilidade em seus horários. Os dois já estavam observando o sábado como um descanso para o corpo e para a mente, aproveitando-o também como dia de adoração. Estavam convencidos da melhoria na vida deles, mas queriam estudar mais para decidirem pelo batismo; afinal, os adultos são assim, precisam de muito mais argumentos do que as crianças e os adolescentes para aceitarem que Jesus é o melhor para a vida deles.

Iniciado o ciclo do terceiro bimestre, a Escola ACP participou de três jogos do campeonato de futebol, vencendo os três, graças à artilharia de Tiago. O menino ultrapassou qualquer expectativa dos colegas do time, do treinador e até mesmo do diretor Nicolau, que fazia questão de comparecer a todos os jogos. Tiago era um exemplo em campo: justo, esportivo, procurava não fazer faltas e tratava a todos, inclusive os adversários, com uma amizade e fraternidade sem igual.

Ana havia lido na Bíblia uma frase de Jesus, que dizia: “Vós sois o sal da terra” (Mateus 5:13). Olhando para a postura de Tiago, conseguia entender o significado de tais palavras, pois, realmente, ele trazia sabor à vida de todas as pessoas que o rodeavam.

No fim do mês de setembro daquele ano, em uma manhã de sábado, Pedro estava na sala dos fundos de sua igreja. Junto com vários outros garotos, vestia uma túnica branca. Era o dia de seu batismo e ele podia ouvir o hino que toda a congregação cantava. Uma frase dele dizia: “Oh que belos hinos cantam lá no Céu, pois se converteu um pecador.”

O coração de Tiago estava inundado de alegria e uma emoção sem igual. Ouviu o pastor dizer: “Ana, é seu desejo aceitar a Jesus como seu Salvador e fazer parte desta comunidade religiosa?” E ela responder: “Sim.”

Então, o pastor disse: “Eu a batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”

E depois dessas palavras, a igreja se encheu com um coro maravilhoso, fazendo o coração palpitar no peito de Pedro. Ele tentou ver Ana sair do tanque

pela escada do outro lado, como tinha visto as outras mulheres, pois havia um lugar separado para elas ficarem neste momento, mas não conseguiu acompanhar sua saída do tanque batismal.

Viu Patrícia entrar nas águas e, logo depois das mesmas palavras, também não conseguiu observar sua saída.

Um rapaz leu seu nome na prancheta e ele tremeu. Subiu a escada e viu outros degraus que desciam para um tanque cheio de água, situado numa parte alta da igreja. Desceu cauteloso, sentindo a água fria tocar seus pés até alcançarem a altura acima da cintura. O pastor Nelson, de cabelos grisalhos, estendeu-lhe a mão e deu-lhe um sorriso.

Pedro foi até ele. Lá embaixo podia ver a nave da igreja repleta. Entre as inúmeras pessoas presentes, conseguiu ver o sorriso satisfeito de Tiago. Também conseguiu ver Cida ao lado dos patrões, seus pais. Olhou para o lado e viu as duas amigas ainda no tanque; havia um sorriso que parecia não caber no rosto de cada uma delas. Estavam com os cabelos encharcados, com gotas escorrendo pelo rosto, pois haviam sido mergulhadas nas águas batismais.

– Eu conheço um pouco sobre este garoto – disse o pastor Nelson, no microfone, para que toda a igreja o ouvisse. – E a história dele é muito semelhante à destas duas garotas. Por isso pedi que ficassem. Estes três jovens são a prova de que Deus atua através da vida de cada um de nós. Ele atua através do nosso testemunho diário. Ana, Patrícia e Pedro conheceram a Palavra de Deus e aceitaram Jesus em decorrência do testemunho de um outro jovem e de sua família. Jamais tenham medo de mostrar-se como cristãos. Jamais tenham medo ou vergonha da sua fé. Existem pessoas ao nosso lado que estão sedentas para ouvir a verdade sobre Deus. Não se escondam atrás de seus medos, mas deixem o Espírito de Deus atuar em sua vida.

O pastor olhou para Pedro e fez as perguntas de praxe:

– Pedro, é seu desejo aceitar Jesus como seu Salvador e fazer parte desta comunidade religiosa?

– Sim! – respondeu.

– Eu o batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O pastor segurou nas mãos de Pedro e inclinou-o para trás, submergindo-o totalmente nas águas e puxando-o de volta, como uma nova criatura em Cristo. Abraçou o garoto e desejou-lhe as bênçãos de Deus.

Pedro virou-se para as amigas. Os três se abraçaram fortemente. Choraram

juntos, sentindo um calor emocionante no peito. Estavam felizes por aquele momento, por estarem juntos, por participarem como amigos e irmãos daquele ritual maravilhoso: a manifestação pública de sua fé em Cristo.

Saíram do tanque, as meninas para um lado e Pedro para o outro. O garoto tirou a túnica e se enxugou, colocando as roupas extras que tinha trazido. Desceu as escadas e esperou o término da programação, onde todos os batizados foram chamados para receber um certificado. Tiago entregou os certificados de Ana, Pedro e Patrícia, abraçando com carinho cada um.

Os batizados ficaram à porta da igreja, onde receberam os cumprimentos de cada pessoa ali presente. Quando passaram todos, os três garotos observaram que, ao fundo da igreja, algumas pessoas esperavam por eles. Eram Tiago, Nina, o Sr. Danilo e a Sra. Laís, o Sr. Douglas e a Sra. Isabel, juntamente com Cida e os pais de Patrícia.

Ana sentiu um leve aperto no coração, pois não havia ali ninguém da sua família. Ela sabia que viriam tempos difíceis, até mesmo dentro de casa, mas estava disposta a enfrentá-los pelo amor que sentia por Jesus. Não havia tomado nenhuma decisão impensada, pois seu batismo era fruto de uma fé genuína e convicção irrestrita nas palavras de Cristo.

A família cumprimentou os três batizados e olharam para Tiago, que trazia nos braços três pequenas caixas retangulares.

– Este é um presente especial – disse Tiago. – O meu avô pediu que eu entregasse a vocês quando se batizassem.

Estendeu a caixa para cada um deles. Abriram o embrulho e viram que cada um recebeu o mesmo objeto: uma Bíblia de capa preta, com folhas de bordas douradas e o símbolo de um peixe desenhado com linhas também douradas na capa.

– Há uma dedicatória – disse a Sra. Laís.

– Espalhe o amor que você tem em seu coração para as outras pessoas. Elas verão Jesus em seu olhar de amor – leu Patrícia.

– Se um dia se sentir sozinha em sua fé, lembre-se de que ao seu lado haverá grandes amigos e, acima de tudo, um Grande Deus – leu Ana, que não conseguiu conter a emoção. Enxugou as lágrimas e deu um sorriso para todos. – O que diz o seu Pedro? – perguntou ela, tentando afastar um pouco a tristeza pela ausência dos pais.

– Prepare-se para a maior aventura que você poderia viver: a aventura de ser

um jovem cristão. – Pedro ergueu os olhos, não conseguindo entender a mensagem daquela dedicatória. Perguntou: – O que ele queria dizer?

– Entre outras coisas, ele queria dizer que você poderá escrever um livro com o que você vai passar daqui pela frente, como um jovem que decidiu andar no caminho certo, pois, de agora em diante, o mundo estará na sua contramão – disse Tiago.

Fim..

Ou seria apenas um novo começo para um garoto que queria ser bruxo e agora quer ser igual a Jesus?



CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS
COMPRAS COM
COMODIDADE

APROVEITE
PROMOÇÕES
EXCLUSIVAS

LIVROS, REVISTAS,
AUDIOLIVROS,
CDS E DVDS

CONECTE-SE
ATRAVÉS DAS NOSSAS
REDES SOCIAIS COM
MILHARES
DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA



www.cpb.com.br